

ORGANIZADORAS:
Joelma Fernandes de Oliveira
Natalia da Silva Conceição
Marilda Vinhote Bentes

Mulheres que escrevem:

Movimentos de vida e voz



ORGANIZADORAS:

Joelma Fernandes de Oliveira

Natalia da Silva Conceição

Marilda Vinhote Bentes

Mulheres que escrevem:
**Movimentos
de vida e voz**

Canoas
2026



Mulheres que escrevem: Movimentos de Vida e Voz. Volume II

© 2026 Mérida Publishers

<https://doi.org/10.69570/mp.978-65-84548-40-4>

Organizadoras

Joelma Fernandes de Oliveira

Natalia da Silva Conceição

Marilda Vinhote Bentes

Adaptação da capa e desenho gráfico

José Luis Guzmán



Canoas - RS - Brasil

contact@meridapublishers.com

www.meridapublishers.com

Todos os direitos autorais pertencem a Mérida Publishers. A reprodução total ou parcial dos trabalhos publicados, é permitida desde que sejam atribuídos créditos aos autores.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M946 Mulheres que escrevem [livro eletrônico] : movimentos de vida e voz / organização de Joelma Fernandes de Oliveira, Natalia da Silva Conceição, Marilda Vinhote Bentes. – 1. ed. – Canoas, RS : Mérida Publishers, 2025. – (Mulheres que escrevem; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-84548-40-4

1. Literatura brasileira – Poesia. 2. Escrita feminina. 3. Resistência cultural. 4. Mulheres na literatura. I. Oliveira, Joelma Fernandes de. II. Conceição, Natalia da Silva. III. Bentes, Marilda Vinhote.

CDD B869.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RORAIMA - IFRR**

REITORA

Nilra Jane Filgueira Bezerra

PRÓ-REITOR DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Romildo Nicolau Alves

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Aline Cavalcante Ferreira

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO**

Amarildo Ferreira Júnior

**DIRETORA DA DIRETORIA DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO DE
ENSINO**

Thays Cristine Soares de Carvalho

RESPONSÁVEL PELA COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES-COPUB

Amarildo Ferreira Júnior

SUPERVISÃO EDITORIAL

Leila Márcia Ghedin

CONSELHO EDITORIAL – IFRR

Amarildo Ferreira Junior	Juliana Martins Alves
Acenilza Ferreira da Silva	Danielle Cunha de Souza Pereira
Joelma Fernandes de Oliveira	Luciano Monteiro do Amaral
Silvana Menezes da Silva	Leila Marcia Ghedin
Francimeire Sales de Souza	Anderson Pereira Lino
Roseli Bernardo Silva dos Santos	Eduardo Magalhães Borges Prata
Sammy Faria Adona Leite	Pedro Henrique Farias Vianna
Maria de Fátima Freire de Araújo	Geovanna Thaíssa Moreno da Costa
Renato Fonseca de Assis Cunha	
Jucimar Cerqueira dos Santos	

Prefácio

Escrever é um gesto de resistência e coragem. É permitir que a palavra acolha o que a voz, tantas vezes, não encontra força para dizer. O *Volume I – Mulheres que Escrevem*, que reuniu as poesias de 1 a 186, inaugurou esse movimento coletivo de escrevivências e resistências. Agora, neste *Volume II – Mulheres que Escrevem: Movimentos de Vida e Voz*, que reúne as poesias de 187 a 372, encontramos muitas vozes que rompem o silêncio e revelam mundos inteiros: memórias, territórios, afetos, dores, descobertas, resistências e sonhos. Cada texto aqui presente é fruto de uma força inestimável, de uma sensibilidade que nos habita desde sempre, de uma criatividade que insiste em florescer mesmo nos solos mais áridos.

Este livro nasce do encontro entre mulheres que escrevem e mulheres que se escrevem. São autoras de diferentes idades, histórias, paisagens e percursos, unidas pelo impulso comum de transformar a experiência em arte. Há, nestas páginas, narrativas que tocam o cotidiano e outras que se erguem como manifesto; há cantos de esperança e murmúrios de inquietação; há poesia que desarma e poesia que arma de coragem o espírito da resistência; há a força do feminino que se reconhece múltiplo, plural e diverso.

A construção desta obra é, também, um ato coletivo. Um gesto pedagógico, estético e político que fortalece a presença das mulheres na literatura nacional e amplia os espaços de expressão dentro do Instituto Federal de Roraima e da Amazônia. Ao registrar essas vozes, reafirma-se que toda mulher tem direito à palavra — escrita, falada, imaginada, sonhada — e que cada texto aqui é um ato de existência.

Que este volume inspire outras mulheres a escreverem, a narrarem suas próprias histórias e a perceberem que a literatura não é lugar distante, mas morada possível.

Com apreço e alegria, recebo o convite para prefaciá-la e testemunhar a força do que aqui se revela. Que este livro siga abrindo caminhos, iluminando jornadas e fortalecendo mulheres que escrevem.

Danielle Cunha

Autoras dos capítulos

Adriana de Lima Soares

Adriana Santos Gonçalves de Jesus

Adriana Silva Marques

Adriely Werneck

Águeda de Nazaré Monteiro Costa

Aldeciria Magalhães Leite

Allyne Victória Bentes Ferreira

Amanda Benevides Gasparetto

Amanda Kristensen de Camargo

Ana Clara Costa da Silva

Ana Clara Silva Rocha

Ana Flávia Gomes da Luz

Ana Karine Marques da Silva

Ana Kerolaine Pinho Burlamaqui

Ana Liandra Carvalho Rodrigues

Andressa Sousa de Miranda

Andreza Maria Mello de Oliveira Caneca

Anny Beatriz Carneiro Coêlho

Antónia Mariane Ferreira Level

Ariane Katiely Pereira da Silva

Bárbara Suelem Santana Gonçalves Soares

Bruna Teixeira Carneiro

Byanca Borges de Araujo Cardoso

Carina Zacarias Barros

Carla Rayza Gonçalves Madureira
Carla Santos Reis
Catarina Nogueira Wottrich
Cibelle Ponci Marques Lima
Clarice Gonçalves Rodrigues Alves
Claudia Manuela Siqueira de Oliveira
Claudia Soares
Cleudilene Ferraz Lima
Daiana Marilim Assunção Escobar
Daiany Cris Silva
Dallyla Lima Santos
Daniela Maximiano Barbosa
Daniela Ramos Dias
Daniele Ramos da Silva
Débora Silva Santos
Diana Cabral Toneli
Eliane Silva do Nascimento
Elisângela de Lima Sá da Cruz Brito
Emanuella Domingues da Silva
Erika dos Santos Ferreira Gomes
Erika Verde Conceição Travassos
Érika Correia da Fonseca
Fabiana Francisca de Souza Costa
Fabianna Souza Angelo
Fernanda Martins Viana
Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Gabriela Conceição Muniz
Gabriele Ferreira da Silva
Geovana Scolaro
Geovana Soares Milléo
Gisele de Sousa Silva Ferreira
Greice Kelly Marinho
Hanna Rocha da Silva
Hellen Cris De Almeida Rodrigues
Hêndria Barata de Moura
Ingrid de Sousa Nunes
Isabella Patrícia Oliveira Antônio
Isabella Sofia de Andrade Silva
Jaine Alanda Galvão Soares
Janáina de Brito Ramalho
Jaqueline Alves Monteiro
Jarina Patricio Barros Sousa
Jeruza Santos Nobre
Jéssica Laryssa Mendes Freitas
Jéssica Mais Antunes
Jéssica Morrone de Oliveira Paes
Jheny Kelly Clementino Félix
Jheyciane Almeida Rocha
Joanice de Jesus Silva
Joanice Vieira Leite dos Santos
Joelma Fernandes de Oliveira
Joyce Laurienny Aparecida Ribeiro Moreira

Jucyara da Silva Rodrigues

Júlia Mendes Feitosa

Juliana Balitski

Juliana Coutinho

Juliana da Silva Moraes

Juliana Fagundes de Carvalho

Julye Mary Lopes Silva

Karla Rachel Jarsen de Melo Calheiros

Kauana Kempner Diogo

Kety Lucy Ferreira da Silva

Kymberlli Meirelles Pinto Donadelli

Larissa Ferreira da Silva

Larissa Nunes Martins

Laura Helena Liceti de Britto

Laura Vinhote Bentes da Silva

Leticia Santana De Abreu

Letícia Silva de Abreu

Luciana Mara Braga Aguiar

Lucy Lany Ribeiro Gusmão

Luisa Elen Corrêa Vaz

Luiza Beatriz da Silva Moraes

Marcela Caroline Albuquerque Horta

Márcia Antunes de Matos

Margarida Lopes de Jesus

Maria Camila Marques Martins

Maria Clara Alves Fernandes

Maria Clara Araújo Da Macena
Maria Clara Cordeiro Araldi
Maria de Fátima Campos Costa
Maria Edna Neres Silva
Maria Fernanda da Silva Rodrigues
Maria Izabel Barbosa de Sousa
Maria Izabella Saraiva de Lira Silva
Maria Izaíra da Silva Gil
Maria Luciana Cândido Gomes Da Silva
Maria Luísa de Jesus Rodovalho
Maria Marília de Moura Nascimento
Maria Marta Figueiredo
Maria Solange de Lima Almeida
Maria Vitória Santos Barbosa
Marianna Carla Costa Tavares
Marilene Araújo Portela
Marina Charaba Santos
Marina de Souza Jacob
Mirella Conceição Paulino Rodrigues
Mirian Mascarello
Missiane Carvalho Dos Santos
Monica Stefany dos Santos Sousa
Morgana Ribeiro dos Santos
Naiana Pereira de Freitas
Nara Helena Rodrigues Mateus
Nathalia Esteves da Silva Gomes

Nathálya Coutinho Gonçalves
Neivana Rolim de Lima
Olinda Tarciane Magalhães do Carmo
Ozamar Santos Corrêa
Pâmela Bueno Costa
Pamella Gabrielle Gransoti de Souza
Patrícia de Oliveira Branquinho Silva
Paula Soledade dos Santos
Priscilla de Fátima Silva e Lima
Rafaela Hoelzel Wickert
Raiane Hellen Pereira Da Silva
Raine Castro de Moura Carvalho
Rayane Rodrigues da Silva
Rayná Isabely Haese Januário
Rebeca Beatriz Ferreira da Silva
Rebeca Moreira Martins
Roberta Francieli Moraes da Costa Ávila
Rosana Silva
Rose Gleyce Santos Costa Dantas
Rosilene Pereira Miguel
Ruth Gomes de Oliveira
Samira Alexandre Fernandes
Sangela Lígia Camilo da Silva
Sarah Silva Moreira
Selma Maria Cunha Portela
Shayla Chrystin

Shirley Barros Andrade Sousa Oliveira

Simone Soares

Sofia Enderle Silva

Sofia Martins Pinheiro de Paiva

Soraia Pontes Ferreira

Sueleen Thaisa Henrique de Souza

Talia Balieiro da Silva

Tatiele de Oliveira Mota

Tauana Brandão Gomes de Sá

Vanessa Gonçalves Vieira Araujo

Vandete Ramos Buarque Caetano

Waleska Ferreira de Azevedo Franca

Yasmim Rocha Fernandes

Zilda Vieira Arcanjo

Índice

CAPÍTULO 182	38
Almamor	
Pamella Gabrielle Gransoti de Souza	
CAPÍTULO 183	39
Sombras que traduzem silêncios	
Kety Lucy Ferreira da Silva	
CAPÍTULO 184	41
Órion	
Rayane Rodrigues da Silva	
CAPÍTULO 185	43
(Re)Florescer-Mulher	
Maria Izabel Barbosa de Sousa	
CAPÍTULO 186	45
A Bruxa	
Sofia Enderle Silva	
CAPÍTULO 187	47
Para Ela	
Tauana Brandão Gomes de Sá	
CAPÍTULO 188	49
As Lavadeiras	
Tatiele de Oliveira Mota	

CAPÍTULO 189	51
Meus Ipês	
Priscilla de Fátima Silva e Lima	
CAPÍTULO 190	52
Se te incomoda a vida	
Amanda Kristensen de Camargo	
CAPÍTULO 191	53
Degraus	
Ozamar Santos Corrêa	
CAPÍTULO 192	55
Olhos imãs	
Julye Mary Lopes Silva	
CAPÍTULO 193	57
À palavra como abrigo	
Vandete Ramos Buarque Caetano	
CAPÍTULO 194	59
A Pétala Amarela	
Daniele Ramos da Silva	
CAPÍTULO 195	60
Mata escura	
Sueleen Thaisa Henrique de Souza	
CAPÍTULO 196	62
Pontes do Tempo	
Luciana Mara Braga Aguiar	

CAPÍTULO 197	63
NÓS	
Maria Luciana Cândido Gomes Da Silva	
CAPÍTULO 198	64
Brilho do seu olhar	
Kauana Kempner Diogo	
CAPÍTULO 199	65
Caminhando	
Shirley Barros Andrade Sousa Oliveira	
CAPÍTULO 200	66
Depois	
Julye Mary Lopes Silva	
CAPÍTULO 201	68
A Gruta	
Érika Correia da Fonseca	
CAPÍTULO 202	69
Não importa dizerem	
Marina de Souza Jacob	
CAPÍTULO 203	71
Do Tianquá ao Saber: um poema sobre o caminho	
Luciana Mara Braga Aguiar	
CAPÍTULO 204	72
Cumprir uma coragem	
Pâmela Bueno Costa	

CAPÍTULO 205	74
Pensamentos	
Maria Camila Marques Martins	
CAPÍTULO 206	75
O presente	
Claudia Manuela Siqueira de Oliveira	
CAPÍTULO 207	76
Navio	
Marina de Souza Jacob	
CAPÍTULO 208	77
Entre sonhos e auroras	
Laura Vinhote Bentes da Silva	
CAPÍTULO 209	78
Flores da resistência	
Érika dos Santos Ferreira Gomes	
CAPÍTULO 210	79
No oculto, o verdadeiro descansa...	
Bárbara Suelem Santana Gonçalves Soares	
CAPÍTULO 211	80
Linhas geográficas	
Larissa Nunes Martins	
CAPÍTULO 212	81
O Recomeço em Mim	
Missiane Carvalho Dos Santos	

CAPÍTULO 213	83
Barco frágil (ou perdas)	
Dallyla Lima Santos	
CAPÍTULO 214	85
Mulher virtuosa, onde acharás?	
Raine Castro de Moura Carvalho	
CAPÍTULO 215	86
O ratinho e o leão em cordel	
Rosilene Pereira Miguel	
CAPÍTULO 216	93
Café com leite, e saudades	
Hanna Rocha da Silva	
CAPÍTULO 217	94
Memória Boa	
Jheyciane Almeida Rocha	
CAPÍTULO 218	95
Legião de mulheres	
Naiana Pereira de Freitas	
CAPÍTULO 219	96
Soneto LXXXII – Empoderamento	
Zilda Vieira Arcanjo	
CAPÍTULO 220	97
Contaçon de história infantil	
Andreza Maria Mello de Oliveira Caneca	

CAPÍTULO 221	98
Saudade	
Jheny Kelly Clementino Félix	
CAPÍTULO 222	99
Do-cência Do-gura	
KyMBERLLI Meirelles Pinto Donadelli	
CAPÍTULO 223	101
O reflexo no mar	
Gisele de Sousa Silva Ferreira	
CAPÍTULO 224	102
Entre sonhos e caminhos	
Greice Kelly Marinho	
CAPÍTULO 225	103
Marizedinha	
Jéssica Mais Antunes	
CAPÍTULO 226	104
Poesio-te em Silêncio	
Claudia Soares	
CAPÍTULO 227	105
Amor Autista	
Adriely Werneck	
CAPÍTULO 228	107
Sempre fui autista	
Adriely Werneck	

CAPÍTULO 229	108
Carta	
Morgana Ribeiro dos Santos	
CAPÍTULO 230	109
Entre Sussurros e Desejos	
Antónia Mariane Ferreira Level	
CAPÍTULO 231	111
P(arte) de mim	
Emanuella Domingues da Silva	
CAPÍTULO 232	112
A força em ser muitas	
Jucyara da Silva Rodrigues	
CAPÍTULO 233	113
Viver de poesia	
Antónia Mariane Ferreira Level	
CAPÍTULO 234	114
Atrevimentos de uma voz periférica	
Lucy Lany Ribeiro Gusmão	
CAPÍTULO 235	116
5h30	
Rebeca Beatriz Ferreira da Silva	
CAPÍTULO 236	118
Eu te vejo	
Jéssica Morrone de Oliveira Paes	

CAPÍTULO 237	119
Naturezas	
Andressa Sousa de Miranda	
CAPÍTULO 238	120
Dois mil e vinte e cinco	
Hellen Cris De Almeida Rodrigues	
CAPÍTULO 239	122
Sou mulher	
Bruna Teixeira Carneiro	
CAPÍTULO 240	124
Preservação	
Larissa Ferreira da Silva	
CAPÍTULO 241	126
Que não seja utopia	
Larissa Ferreira da Silva	
CAPÍTULO 242	127
Eu escrevo, mas me falta tempo para escrever	
Marilene Araújo Portela	
CAPÍTULO 243	129
Girassóis	
Joelma Fernandes De Oliveira	
CAPÍTULO 244	131
Escrever é necessário	
Cibelle Ponci Marques Lima	

CAPÍTULO 245	133
Belos e Dolorosos Sentimentos	
Ana Clara Silva Rocha	
CAPÍTULO 246	134
E se...	
Carla Santos Reis	
CAPÍTULO 247	138
Liberdade	
Maria de Fátima Campos Costa	
CAPÍTULO 248	139
A Vida	
Adriana Santos Gonçalves de Jesus	
CAPÍTULO 249	140
Poema do bem público	
Fernanda Martins Viana	
CAPÍTULO 250	141
Refugiado	
Patrícia de Oliveira Branquinho Silva	
CAPÍTULO 251	142
Olhemos para as crianças migrantes no mundo	
Patrícia de Oliveira Branquinho Silva	
CAPÍTULO 252	143
Ausências Satisfatórias	
Isabella Sofia de Andrade Silva	

CAPÍTULO 253	144
A caneta e o Lápis	
Soraia Pontes Ferreira	
CAPÍTULO 254	145
"Agora em diante", "Trajado", "Salve, Ode à ancestralidade"	
Ruth Gomes de Oliveira	
CAPÍTULO 255	147
Re (conhecer)	
Anny Beatriz Carneiro Coêlho	
CAPÍTULO 256	148
Entrelagos	
Anny Beatriz Carneiro Coêlho	
CAPÍTULO 257	149
Afrika Mulher	
Gabriela Conceição Muniz	
CAPÍTULO 258	150
Em carne a palavra	
Jeruza Santos Nobre	
CAPÍTULO 259	151
Fome Coletiva	
Nathalia Esteves da Silva Gomes	
CAPÍTULO 260	152
Mudanças	
Luisa Elen Corrêa Vaz	

CAPÍTULO 261	153
Legado	
Waleska Ferreira de Azevedo Franca	
CAPÍTULO 262	155
O sol ainda vai brilhar	
Carla Rayza Gonçalves Madureira	
CAPÍTULO 263	156
Educação pelo Sistema	
Selma Maria Cunha Portela	
CAPÍTULO 264	158
Existal	
Letícia Silva de Abreu	
CAPÍTULO 265	159
Fragmentos escritos por mim	
Yasmim Rocha Fernandes	
CAPÍTULO 266	161
Verde que Respiro	
Juliana Coutinho	
CAPÍTULO 267	162
Sem título	
Márcia Antunes de Matos	
CAPÍTULO 268	163
Gadinha	
Fabianna Souza Angelo	

CAPÍTULO 269	164
As mulheres que me escrevem	
Erika Verde Conceição Travassos	
CAPÍTULO 270	166
Indefinindo a poesia	
Paula Soledade dos Santos	
CAPÍTULO 271	167
Guia	
Ingrid De Sousa Nunes	
CAPÍTULO 272	168
Soneto da Menina	
Juliana Fagundes de Carvalho	
CAPÍTULO 273	169
Hoje não!	
Margarida Lopes de Jesus	
CAPÍTULO 274	171
Na Naia do amor	
Rayná Isabely Haese Januário	
CAPÍTULO 275	172
Manifesto de um gato estelar com fome de mundo	
Ana Liandra Carvalho Rodrigues	
CAPÍTULO 276	173
A górgona	
Maria Clara Alves Fernandes	

CAPÍTULO 277	174
A cômoda	
Pollyana Correia Lima	
CAPÍTULO 278	175
Construtor	
Byanca Borges de Araujo Cardoso	
CAPÍTULO 279	177
Professora humana e (in) substituível	
Byanca Borges de Araujo Cardoso	
CAPÍTULO 280	180
Tempo	
Eliane Silva do Nascimento	
CAPÍTULO 281	181
Despedida	
Eliane Silva do Nascimento	
CAPÍTULO 282	182
A força feminina: Descontinando Caminhos	
Vanessa Gonçalves Vieira Araujo	
CAPÍTULO 283	183
Quando falar é quase impossível	
Raiane Hellen Pereira Da Silva	
CAPÍTULO 284	185
Doutrindade	
Diana Cabral Toneli	

CAPÍTULO 285	186
Meu manifesto	
Ariane Katiely Pereira da Silva	
CAPÍTULO 286	187
Eu sou mulher, eu falo	
Nathálya Coutinho Gonçalves	
CAPÍTULO 287	188
Crônica de uma esperançosa entusiasta	
Juliana Balitski	
CAPÍTULO 288	189
Hoje eu vi um beija flor	
Daiany Cris Silva	
CAPÍTULO 289	190
Sou Nordestina	
Jarina Patricio Barros Sousa	
CAPÍTULO 290	191
Joãozinho Contando Histórias	
Jarina Patricio Barros Sousa	
CAPÍTULO 291	192
Mulher que é Nordeste	
Maria Marília de Moura Nascimento	
CAPÍTULO 292	193
Mulheres de todo jeito	
Joanice Vieira Leite dos Santos	

CAPÍTULO 293	194
Tu serias	
Ana Clara Costa da Silva	
CAPÍTULO 294	195
E o que seríamos?	
Talia Balieiro da Silva	
CAPÍTULO 295	196
Tudo o que tive medo de dizer	
Maria Fernanda da Silva Rodrigues	
CAPÍTULO 296	197
Furacão	
Sofia Martins Pinheiro de Paiva	
CAPÍTULO 297	198
Samba, Mulher	
Daniela Ramos Dias	
CAPÍTULO 298	199
Cartas que nunca chegaram	
Sarah Silva Moreira	
CAPÍTULO 299	200
Querem nos calar	
Francinalda Maria Rodrigues da Rocha	
CAPÍTULO 300	201
Eu-Poema	
Catarina Nogueira Wottrich	

CAPÍTULO 301	202
Querença	
Marina Charaba Santos	
CAPÍTULO 302	203
Garimpando-se	
Clarice Gonçalves Rodrigues Alves	
CAPÍTULO 303	204
Entre cachos e acasos // Sobre ser	
Hêndria Barata de Moura	
CAPÍTULO 304	206
Salvador - terra mãe	
Karla Rachel Jarsen de Melo Calheiros	
CAPÍTULO 305	207
O Bilino dos Teus Olhos	
Joyce Laurienny Aparecida Ribeiro Moreira	
CAPÍTULO 306	208
Ode ao café	
Maria Marta Figueiredo	
CAPÍTULO 307	209
Caminhada	
Rosana Silva	
CAPÍTULO 308	211
Menina / Oração	
Daniela Maximiano Barbosa	

CAPÍTULO 309	212
Mulher de Roraima	
Juliana da Silva Morais	
CAPÍTULO 310	213
Descomprimir	
Mirella Conceição Paulino Rodrigues	
CAPÍTULO 311	214
Quando eu morrer	
Daiana Marilim Assunção Escobar	
CAPÍTULO 312	215
Medo	
Maria Izabella Saraiva de Lira Silva	
CAPÍTULO 313	216
Ser mulher	
Janaína de Brito Ramalho	
CAPÍTULO 314	218
Libertação do sagrado feminino (uma catadupa em terceiros)	
Jaqueline Alves Monteiro	
CAPÍTULO 315	219
Qualquer coisa	
Jéssica Laryssa Mendes Freitas	
CAPÍTULO 316	220
Quem sou eu?	
Nara Helena Rodrigues Mateus	

CAPÍTULO 317	222
Limites	
Nara Helena Rodrigues Mateus	
CAPÍTULO 318	223
Prisão perpétua	
Geovana Scolaro	
CAPÍTULO 319	224
"Professor é como Ponte"	
Fabiana Francisca de Souza Costa	
CAPÍTULO 320	225
"Ser Professor é Ser Luz"	
Fabiana Francisca de Souza Costa	
CAPÍTULO 321	226
Docência: entre movimentos de vida-formação	
Ana Kerolaine Pinho Burlamaqui	
CAPÍTULO 322	228
Desprazer	
Ana Flávia Gomes da Luz	
CAPÍTULO 323	229
Onde Estou	
Adriana de Lima Soares	
CAPÍTULO 324	230
O Amor é o único caminho	
Elisângela de Lima Sá da Cruz Brito	

CAPÍTULO 325	232
Felicidade Engarrafada e Dois palmos	
Allyne Victória Bentes Ferreira	
CAPÍTULO 326	234
Vida	
Ana Karine Marques da Silva	
CAPÍTULO 327	235
Síndrome do membro fantasma	
Samira Alexandre Fernandes	
CAPÍTULO 328	236
Vida que ginga, que escreve, que acontece...	
Carina Zacarias Barros	
CAPÍTULO 329	237
Menino Homem da Pele Preta	
Rafaela Hoelzel Wickert	
CAPÍTULO 330	239
Flores Que Resistem	
Isabella Patrícia Oliveira Antônio	
CAPÍTULO 331	241
Chorar, o orvalho da vida	
Isabella Patrícia Oliveira Antônio	
CAPÍTULO 332	243
Paradoxal	
Amanda Benevides Gasparetto	

CAPÍTULO 333	244
O que seria...	
Gabriele Ferreira da Silva	
CAPÍTULO 334	245
Foi por amor que continuei	
Maria Clara Araújo Da Macena	
CAPÍTULO 335	247
Me sinto pássaro	
Jaine Alanda Galvão Soares	
CAPÍTULO 336	249
A Poesia em Nós	
Débora Silva Santos	
CAPÍTULO 337	250
Fragmento do todo	
Rose Gleyce Santos Costa Dantas	
CAPÍTULO 338	252
Desalento	
Adriana Silva Marques	
CAPÍTULO 339	253
Manhã de domingo	
Sangela Lígia Camilo da Silva	
CAPÍTULO 340	255
Uma nascente	
Rose Gleyce Santos Costa Dantas	

CAPÍTULO 341	257
O começo	
Marianna Carla Costa Tavares	
CAPÍTULO 342	258
Tormenta	
Marcela Caroline Albuquerque Horta	
CAPÍTULO 343	259
Cuidado com a Pista	
Simone Soares	
CAPÍTULO 344	260
In memoriam e Birdy	
Monica Stefany dos Santos Sousa	
CAPÍTULO 345	262
Sonho de Lápis e Esperança	
Maria Edna Neres Silva	
CAPÍTULO 346	264
Palavra	
Mirian Mascarello	
CAPÍTULO 347	265
Conselhos de mãe	
Leticia Santana De Abreu	
CAPÍTULO 348	266
Passados	
Luiza Beatriz da Silva Moraes	

CAPÍTULO 349	268
Da janela do meu quarto não o vejo	
Geovana Soares Milléo	
CAPÍTULO 350	269
Professora Nortista	
Maria Solange de Lima Almeida	
CAPÍTULO 351	271
A menina e a planta	
Joanice de Jesus Silva	
CAPÍTULO 352	273
Cozinha, caboco. Alguém irá comer	
Júlia Mendes Feitosa (Júlia Maynã)	
CAPÍTULO 353	275
Injusto, hoje	
Roberta Francieli Moraes da Costa Ávila	
CAPÍTULO 354	276
Para você lembrar	
Maria Vitória Santos Barbosa	
CAPÍTULO 355	278
Do Lavrado ao Científico	
Aldeciria Magalhães leite	
CAPÍTULO 356	280
Corrupto, Eu?	
Shayla Chrystin	

CAPÍTULO 357	281
Varal colorido	
Laura Helena Liceti de Britto	
CAPÍTULO 358	282
Quase	
Cleudilene Ferraz Lima (Violeta)	
CAPÍTULO 359	283
Memória Boa	
Jheyciane Almeida Rocha	
CAPÍTULO 360	284
Mãe, Professora	
Olinda Tarciane Magalhães do Carmo	
CAPÍTULO 363	285
Sobre Términos	
Neivana Rolim de Lima	
CAPÍTULO 362	286
Só havia gostado	
Rebeca Moreira Martins	
CAPÍTULO 363	287
És Professora	
Maria Izaíra da Silva Gil	
CAPÍTULO 364	288
O que escrevo nas entrelinhas	
Águeda de Nazaré Monteiro Costa	

Mulheres em “tempos modernos”

Nathália Rodrigues

Almamor

Pamella Gabrielle Gransoti de Souza

A história é conhecida,
Psiquê, apaixonada, foi punida.
No ardor de conhecer, quis olhar
o deslumbre do deus que faz amar.
Quis continuar olhando, mas foi proibida.

Mas qual o mal, afinal, no que ela fez?
É do ser humano querer olhar o outro, talvez.
É um olhar que não se limita meramente ao ver,
todos os sentidos em cena no desejo de conhecer.
Conhecer a presença do outro para perder a timidez.

Eros em sua divindade, porém, não entendeu.
É deus do amor, mas do amor, pouco aprendeu.
Faltou observar e olhar os humanos que flechou,
para entender que a busca pelo amor nunca cessou,
que mesmo amando, Psiquê buscará confirmar o que é seu.

Confirmar através do olhar, da voz, do toque,
que aquele amor lhe pertence, e assim não desfoque.
A gestalt dos sentidos para notar a presença e o desejo,
e nesse notar, encontrar o ponto onde cria-se um ensejo
pela busca interminável por uma completude que se invoque.

A Alma com sua beleza resiste à proibição ao Amor,
e o busca incessantemente pelos desafios, mesmo em dor.
O Amor também não se aguenta perante a falta de sua Alma,
salvando-a da noite, buscando seu olhar que agora lhe acalma,
acordando-a com um beijo que ficará registrado eternamente pelo escultor.

CAPÍTULO 183

Sombras que traduzem silêncios

Kety Lucy Ferreira da Silva

Chegam devagar,
com olhos que escutam antes de qualquer som.
Trazem cadernos vazios,
mas a língua que lhes falta não cabe
nos bolsos do uniforme.
O professor acende a lousa:
as letras brilham como constelações distantes,
bonitas de olhar, impossíveis de tocar,
enquanto o lápis se torna enigma.
Tateando o desconhecido,
o professor se sente estrangeiro
dentro da própria casa.
No fundo, quase invisível,
um intérprete de Libras — sombra que atravessa a sala.
Traduz, acolhe, alfabetiza,
costura dois mundos:
o som vivo da Libras,
o peso do português escrito.
Faltam cores, recursos, apoio;
sobram cadernos improvisados,

criados à mão na esperança de construir pontes.

Ensina palavras que não cabem só nos lábios,

modela sentidos que pedem desenho e corpo.

Mas as mãos que erguem pontes

não brilham no boletim,

não pesam no salário.

Onde o intérprete rabisca esperança

e inventa caminhos para que o silêncio floresça,

não deixa pegadas nos corredores da escola,

nem vestígios na memória.

Ainda assim, cada gesto semeado em silêncio

insiste em nascer flor

entre as linhas do caderno.

CAPÍTULO 184

Órion

Rayane Rodrigues da Silva

Fui silêncio antes de ser voz.

Aprendi a esconder o choro nos cantos do tempo,

a sorrir com feridas abertas,

a existir nas frestas de mim.

A infância me escapou pelas mãos trêmulas,

e o corpo virou lembrança do que não pedi.

Mas um dia, entre lágrimas e livros,

descobri que o verbo ensinar também podia curar.

Na sala de aula, encontrei refúgio.

Ali, onde o pincel dança no quadro,

sou a mulher que acolhe a criança que fui —

e a embala com palavras que cicatrizam.

Órion brilha sobre mim quando anoiteço.

Me lembra que até o céu tem suas marcas,

e que a dor também pode ser constelação.

Hoje, quando escrevo,

é a menina que escreve comigo.

E cada verso é um modo de dizer:

eu sobrevivi — e ensino o amor que me faltou.

Justificativa do Poema:

“Órion” nasceu do encontro entre a menina que sofreu abusos na infância e a mulher que ensina. É uma escrita de cura – onde a poesia se torna espaço de acolhimento e a Pedagogia, um caminho de ressignificação. A constelação Órion simboliza a força de continuar brilhando mesmo depois da escuridão. Cada verso reflete a travessia do trauma ao afeto, do silêncio à voz, da dor à esperança. Ensinar, para mim, é transformar cicatriz em palavra, e palavra em luz.

CAPÍTULO 185

(Re)Florescer-Mulher

Maria Izabel Barbosa de Sousa

Respiro

Sinto

Desperto

as fases de um (re)florescer-mulher.

Entre sonhos,

o tempo

a vida

a escrita

a pesquisa

a docência.

Semeio

incertezas e anseios

(des)encontros e atravessamentos,

uma cíclica (trans)formação de mim.

Cultivo

tempos e pausas

diálogos e afetos.

Germino

inquietação e solidão

resistência e reexistência

em um solo-formação
regado pela poesia da vida-pesquisa.

Colho

cores e sabores

frutos dos sentires-viveres

de uma educadora.

Em ciclos inacabados,

o querer mais,

o (re)florescer-mulher

enquanto esta vida pulsar.

CAPÍTULO 186

A Bruxa

Sofia Enderle Silva

Há uma bruxa, correndo pela floresta.

Suas pernas estão imóveis,

E eu só digo que corre, pois seu coração palpita em cada mulher.

Eu senti seu pulsar dentro de meu sangue,

Senti seu sangue dentro da minha alma,

E a cada latejar, ela me arrastava em sua melancolia.

Eu senti seu medo do fogo quando o padre lhe atirou a tocha.

Eu senti seu medo do escuro quando fechou os olhos para rezar.

Eu senti Maria, mãe de Jesus, partilhar o mesmo coração.

“É um milagre!”

Eu ouvi entre os pulsares.

Eu gritei: “É um milagre, Maria”,

Quando vi o sangue da mulher corar o rosto de Jesus.

Eu vibrei.

Eu chorei: “É uma desgraça, Maria.”

Quando vi o sangue das veias, cair.

“É um silêncio desconhecido, Maria.”

Eu não reconheci se o sangue caía da bruxa ou da cruz.

“Cadê meu milagre, meu Deus?”

A bruxa gritou.

Era a vida das mulheres despedaçada pelos homens.

“Eis aí meu filho, meu Pai amado”

Maria gritou.

Era o sangue da mulher despedaçado pelos homens.

“Ainda derramam seu sangue por aqui, minha bruxinha.”

Eu sou a última a gritar.

Se eu morro por ser mulher, eu sei que não morro sozinha

CAPÍTULO 187

Para Ela

Tauana Brandão Gomes de Sá

O primeiro e talvez último poema de amor.

Tia!

Nesse momento eu só quero te ofertar a esperança e a certeza de que não acabou.

De que nos veremos de novo.

De que há conforto, amor, movimento e VIDA em toda parte.

E do outro lado também.

Queria que você pudesse se sentir como uma garotinha novamente.

Curiosa, marrenta e um pouco insegura, desbravando as trilhas que te levavam para o banho no rio Mearim.

Aquela garota emburrada que se achava esperta, mas que era pura e besta (palavras suas).

Apaixonada pela vida, pelos irmãos, pelas 3 mães pretas que te criaram.

Gostaria de poder escrever com detalhes

A linda história da vida desta Maria, mas falta-me conhecimento de causa.

Queria falar sobre tantas histórias que você conta; sobre os mistérios que você guarda; sobre as datas dos aniversários que você nunca esquece.

Tia!

Me conta aquela!

Aquela da barra da saia, do ponto de alinhava, da máquina de costura, das Cotinha Trindade...

Aquela da gota de orvalho, da curva do rio, da roupa molhada, da irmã aleijada, do gole de cachaça, da faca no cinto, da bota de couro, dos olhos do lobo, do brilho da lua, do cheiro da mata, da dama da noite, da morte da puta.

Da rua assombrada, da volta pra casa, da surra de cinto, do murro na porta, do dente quebrado, do bolo queimado.

E aquela do fogo apagando, do menino chorando, do rio secando, da saudade apertando...

Tia!

Conta aquela!

Aquela do centro do mundo, do tesouro escondido, do céu estrelado, do cabra safado, do sangue nos olhos, do abraço apertado, do beijo roubado, do destino fadado, do medo da morte, do fim do caminho, do choro engasgado, do sonho acordado...

Me conte a história tia! Conta aquela! Fala pra mim!

Como era desde início?!?

Começa tudo de novo?!?

Desta vez, eu juro que vou ouvir.

CAPÍTULO 188

As Lavadeiras

Tatiele de Oliveira Mota

No Sítio Jabuticaba, no agreste de Pernambuco então,

Morava Dona Luzia, lavadeira de coração.

Com sabão de coco e riso na voz,

lavava sonhos, panos e nós.

Da doutora ao juiz, o povo a chamar,

“Luzia é ligeira, faz roupa brilhar!”

Mas tinha em casa, de riso travesso,

Catarina, menina — curiosa por excesso.

— “Não mexa, menina, nas roupas da encomenda!

Esses vestidos não são da fazenda!”

Mas Catarina, de olhos faiscantes,

viu um vestido — e perdeu-se em instantes.

Era rosa, rodado, de brilho e encanto,

feito de sonho, perfume e manto.

— “Sou princesa!” — gritou, rodopiando,

com o pé no terreiro e o vento cantando.

Girou, riu alto, o sol cintilava,

mas um vidro caiu... e a festa parava.

O mercúrio manchou o cetim tão bonito,

e o sonho virou silêncio aflito.

Catarina chorou, soluço e pranto,
Luzia correu, num susto e espanto.
Esfregou com sabão, com vinagre, com limão,
mas a mancha ficava, para a sua aflição.
Foi até a madame, com medo e tremor,
“Perdão, minha senhora, a culpa foi da cor...”
A mulher suspirou, olhou a menina,
e viu nos olhos dela pureza e sina.
— “Sonhar é bom, menina querida,
mas há tempo e respeito em toda vida.”
Catarina baixou os olhos, sem voz,
mas o perdão falou por nós.
Chegou o Natal, a lua em festa,
no portão — surpresa manifesta:
a madame voltou, num gesto singelo,
trazia um vestido — de cetim amarelo!
— “Esse é seu, menina sonhadora,
porque toda criança é encantadora.
Sonhe, mas lembre: o sonho é flor,
que só floresce com zelo e amor.”
E Luzia contou, rindo na feira:
“Princesa também se cria... entre sabão e bacia!”
Desde então, o sítio inteiro sabia:
que até a espuma ensina poesia.

CAPÍTULO 189

Meus Ipês

Priscilla de Fátima Silva e Lima

Já é agosto mineiro!
O ipê sempre insurgente,
Floresce majestoso,
Sob a secura da gente.

Conferem gosto
A contragosto da história;
E o mês de agosto
Tem sabor de memória.

Rompe o amarelo
Depois rosa, roxo no pé
Trazem à ruína
A ausência da fé.

De olhares apressados
Nos meus ipês imersos
Lá se vai agosto
Perdido em meus versos.

CAPÍTULO 190

Se te incomoda a vida

Amanda Kristensen de Camargo

Se te incomoda a vida,
molda um sonho próprio.
Se nada te instiga,
procura uma razão.
Zangão só para o zangar-se das abelhas.
Poda esse ferrão que te amarga,
afina a vida:
canta.

CAPÍTULO 191

Degraus

Ozamar Santos Corrêa

E ela subiu os degraus...

Sorrindo, parou diante daquela placa
e ali ficou admirando. Era só a entrada.

Nossa! É tudo tão lindo. Eu vou?

Dentro dela,
uma terrível discussão:
entrar ou não.

Suspirou profundamente,
afastou-se, e de novo sorriu.

Claro! Esse é meu lugar.

Um pé diante do outro —
prosseguiu.

Os degraus pareciam mais altos
do que os passos que ela podia dar.

Então,
elevava a perna, cheia de confiança.

Ufa! Parecia cansada
ao chegar ao último degrau.

Paro aqui? Ah, não!
era hora de abrir uma porta.

Que porta? Hum...
todas tinham uma plaquinha.
Uau! Venci os degraus.
Agora é abrir.

Pronto. Respirou novamente,
ainda mais profundo.

E aquele foi o ponto em que o sorriso
transcendeu a alma.

Ela lá estava.

CAPÍTULO 192

Olhos imãs

Julye Mary Lopes Silva

Seus olhos castanhos
são silenciososímãs.
com força me atraem
para dentro de mim mesma,
onde mora o que há de mais potente.

Atraem bons pensamentos,
sentimentos leves,
como se o mundo
ficasse um pouco mais calmo
quando você me olha.

Profundos. Diretos.
Paz e abrigo.
Olhos que dizem verdades
sem precisar de som,
me oferecem
segurança e carinho com serenidade.

Neles vejo
profundidade e mistério,

mas também
o brilho intenso de sua alma.

E o calor do seu abraço
ah, o calor do seu abraço
dissipa qualquer frio intenso
e transforma o vazio
em conforto imenso.

À palavra como abrigo

Vandete Ramos Buarque Caetano

Escrevo com o peito apertado,
mas o coração aberto.
Entre palavras e olhares,
percebo que ensinar é também aprender.

Sou mulher, sou professora,
e em cada palavra que profiro
há um pouco de mim,
há um pouco do outro.

Uns chegam com o espanhol nos lábios,
com histórias das fronteiras.
Com a coragem de sair do seu mundo
para recomeçar uma vida nova.

O tempo passa depressa
é a vida que insiste,
que resiste,
que aprende a dizer “eu posso”.

Escrevo sobre o que somos:
gente que sonha, mesmo cansada,
gente que aprende a ter voz
quando o silêncio dói demais.

Sou mulher que ensina e aprende,

que escreve e se reinventa.

Na sala, cada palavra é um abraço,
cada verso, uma tradução do amor.

Porque ser mulher e professora
é fazer da escrita um abrigo,
e do ensino,
uma forma de existir com afeto, como abrigo.

CAPÍTULO 194

A Pétala Amarela

Daniele Ramos da Silva

Em uma manhã fria e cinza,
nas andanças,
vi-a — tão vibrante (amarela) —
sobre um asfalto gelado e úmido.

Cor cinza.

Ela, amarela.

Um contraste de cores
que traz um sentimento
estranho, de vazio.

Aquilo que um dia foi flor
agora era, ali, uma pétala
solitária, em um chão molhado e cinza.

Ainda triste, não deixou
de vibrar amarelo.

CAPÍTULO 195

Mata escura

Sueleen Thaisa Henrique de Souza

Há um turbilhão de sentimentos aqui dentro do peito
é outono, e a estação pede em constância recolhimento
entretanto, desejo sair um pouco do meu casulo
pois em boa parte do verão precisei ficar sozinha
e agora venho querendo tomar um outro rumo

parece que estou vivendo as coisas ao contrário
me sinto em uma mata escura, densa, úmida
tateando o caminho da ida, da vinda, da volta
tentando encontrar uma clareira que me traga
de volta aquilo que está guardado e esquecido

como posso reencontrar o meu equilíbrio interno?
e assim equilibrar com o externo... é tão difícil
antes estava pensando, pensando, pesando...
agora me apercebo voando, com menos medo
mas ainda temendo esquecer o de dentro

às vezes sento e medito, como agora estou fazendo
e vejo umas coisas bonitas, brotando a todo momento

mas o problema é que nem sempre tenho tempo
ou pelo menos fico fingindo que não o tenho
e sigo choramingando, sentindo, sentindo, sofrendo

e nessa labuta contínua sei que vou aprendendo
tentando atravessar a mata andando, correndo
pois eu sei que ela guarda um mistério bonito
mas pra achar tem que se permitir a dor, ao amor
é uma trilha não linear que vai subindo e descendo

pense num mistério, só vendo!

CAPÍTULO 196

Pontes do Tempo

Luciana Mara Braga Aguiar

De um lado, o riso floresce;
do outro, a alegria aquece.
De um lado, a inocência;
do outro, tanta experiência.

No centro da cena, meus olhos marejam,
que, na história da vida, seus feitos estejam.
Bênção silenciosa,
na sua mão, luz preciosa.

Sou mãe, sou neta e ponte
entre ontem e o amanhã;
entre a história que me foi precedente
e as histórias que todos verão.

Onde um nasce, o outro resiste;
não é nada triste,
excesso de pieguice.
A missão é preservar o legado;
No ciclo da vida, fortalecer os laços;

Meu fruto e minha raiz.
Esse encontro pede bis.
Mais do que anos celebrados,
foram momentos eternizados.

CAPÍTULO 197

NÓS

Maria Luciana Cândido Gomes Da Silva

Eu não sou uma pessoa de muitos amigos

E é verdade que tenho muitos conflitos —

externos,

internos,

especialmente paternos.

Tenho me resolvido sem andar por infernos,

com suspiros eternos,

relembrando os ensinamentos dos meus avós,

desfazendo os nós,

me pendurando em cipós,

com um coração feroz

e uma mente veloz,

superando um passado atroz.

CAPÍTULO 198

Brilho do seu olhar

Kauana Kempner Diogo

Seus olhos se fecham.
As luzes dos seus
Hoje se apagaram.
Brilhavam tanto,
Que me cegavam.

Ficou somente a saudade
Do abraço confortante,
Do sorriso estonteante —
Que se foram.

Suas mãos perdem o calor.
Sinto que perdi meu grande amor.

Um gélido ar tomou o lugar,
E eu...
Não posso mais te abraçar.

CAPÍTULO 199

Caminhando

Shirley Barros Andrade Sousa Oliveira

Caminhando eu vou
Rumo a um porto distante
Em busca de mansidão
E de uma amizade constante

Querida amizade
Onde estará?
Procuro te seguir
Mas isso bastará?

A solidão consome
Os pensamentos mais discretos
Trazendo certo dissabor
Aos corações irrequietos

Penso que a sinceridade
É uma riqueza bela
E ter um amigo sincero
Parece-me uma obra em tela

CAPÍTULO 200

Depois

Julye Mary Lopes Silva

Aquilo que era luz e cor se apagou
como céu anunciando tempestade.

O que era bonito se desfez,
desvelando a realidade.

O primeiro a sumir foi o beijo.
depois, a consideração, o respeito.

O que era aconchego virou distância.

O que era parceria virou desprezo.

Dia após dia sendo consumida pela dor aguda.

Meus olhos só faziam chorar.

Nunca pensei que alguém pudesse ser tão frio,
ausente, a ponto de decidir me machucar.

Por várias vezes busquei entender

o que teria acontecido.

Tentei fingir que não doía,

que nada tinha me ferido

mas a dor do desprezo não me deixava em paz,

pela falta de consideração.

A ferida se abria cada dia mais sangrando meu coração.

Nunca vou compreender
Não se formou tal percepção
como alguém pode retribuir
amor puro e sincero
com desprezo e solidão ?.
Mas hoje, já não existe dor —
a muito ficou para traz,
porque essa parte mim
também já não existe mais.

CAPÍTULO 201

A Gruta

Érika Correia da Fonseca

Quimera eu pudesse

mas tu esquece

Quimera eu fugisse

e assim sentisse.

A ausência mais querida

que a presença

De repente, essa foi sua sentença.

Devaneios e devaneios

Não se culpe, não caía no desespero.

Afinal, aqui ou ali,

lá ou acolá

há sempre uma fenda que pode te fazer retornar.

A caixa numa gruta não muito distante

Guardasse a lembrança de um viajante.

CAPÍTULO 202

Não importa dizerem

Marina de Souza Jacob

Estou mesmo velha?
De sonhos e cabelos brancos
Mas onde há mais bela
De silêncios, de doces pernas?
No bolso de jacketas?
No auge das festas?

Coleciono beijos e pétalas.

Sou verão e inverno
Em minha própria primavera!
Não importa dizerem
“Moça solteira ou velha”
Isto já vai caindo por terra.

Vivo em meio a um ouro celeste
Às paixões e névoas
Cantigas de pérolas,
Risos, poesias, estrelas
Uma chama eterna!

Facas afiadas,
Poesias, palácios,
Risos e estrelas
blusas de pedra

Facas afiadas,
Poesias, palácios,
Risos e estrelas
Só uma menina travessa
Brincando sem tanta pressa

Quero voar em gotas
Amar em cinzas
Dormir acesa
Com laços de fita

E ondas elétricas

Não importa se dizem
"Moça velha, solteira"
Virarei pó, areia, vapor
Sou só uma plebeia
A sonhar com o amor.

CAPÍTULO 203

Do Tianquá ao Saber: um poema sobre o caminho

Luciana Mara Braga Aguiar

Nasceu de um novo olhar, para o Tianguá amado,
O sonho com o título — o saber tem seu significado.
Na bagagem da vida, levava saudade,
Seguia a estrada, em busca da liberdade.

Em Fortaleza, traçamos nosso destino,
Entre pesquisas, projetos e livros, um mesmo caminho.
As professoras não podem parar,
Construíam juntas um movimento singular.

Ficaram amigas — laços que a convivência traz,
Família e trabalho iam ficando para trás.
O tempo, por vezes, quis atrapalhar o projeto,
Mas seguimos firmes, pelo caminho completo.

Desafios surgiram, como em toda jornada,
Mas com a família unida, a vitória foi anunciada.
A cada encontro, a paisagem coloria a vidraça:
Na certeza de que toda dificuldade passa.

Dois anos de coração apertado,
A cada avaliação, o anseio pelo resultado.
Chegada a defesa, a ansiedade invade o lugar —
Não se pode hesitar: é hora da pesquisa compartilhar.

Colher os frutos do que foi semeado,
Ajustes finais, feitos com amor e cuidado.
Reunir família e amigos, correr para o abraço...
E, quem sabe, agora sonhar com o doutorado.

CAPÍTULO 204

Cumprir uma coragem

Pâmela Bueno Costa

Versos que são fragmentos de sentimentos que ecoam pelas linhas invisíveis dos sentidos como se manter equilibrado? navegar é preciso, nas águas de Pessoa, de mãos dadas com Drummond, sentindo todos os sentimentos do mundo... qual o significado de um acontecimento? ele é viável? é possível dizer? pessoas que se encontram. se enlaçam mutuamente. um ponto de interrogação entre o Corcovado, nuvens dançavam no céu. o vento escuro beija a maçã do rosto corre nas veias o desejo, há uma bateria ecoando versos de coragem: há verdades que somente conheceremos uma vez e elas desaparecem os fios de lã se desmancham no ar, formando uma poeira de memórias são castigadas pelo tempo, em um momento adequado?

Não, o ócio se foi. a sociedade do cansaço é uma ditadura do igual: “onde há pessoas no mundo?” entre a ganância existe o ódio contra o outro *eros* está agonizando, há tempo para o amor? são as pontes que nos ligam? olho o mundo e só vejo ruínas. a sua beleza é notável ...onde estarão as brechas? a transparência horizontaliza o olhar tempo de cheias, chove, tem chovido muito desaguamento de ininterruptas tempestades gostaria de experimentar as coisas mais simples, as mais ordinárias! existem fotografias que, apesar de tentarem capturar o instante já, escapam os poetas e filósofos estavam certos.

sempre há algo que escapa, tudo nos escapa, nos estremece o olhar

Corpo-tremor, pensamento-tremor. Tudo freme. Vibra. Olhos marejados, descortinam o véu da realidade, desvelamento do possível. estamos em um momento de transição, de cortes, de fragmentação? diante da realidade, uma folha cai. o movimento demonstra o quão sensível e extraordinário é o encontro da folha com o chão. o que é extra-ordinário na vida são os seus encontros,

muitas vezes, são tão rápidos, efêmeros, e deixam lampejos de saudade...tatuagem no peito, qual a marca? guardo a marca do outro. Memórias de vaga-lumes cintilantes, eles sobreviverão? como medir o tamanho do encantamento que temos em nosso corpo-alma?

Não temos a dimensão, nem teremos.

As marcas que um instante pode deixar são uma espécie de mistério (...)

CAPÍTULO 205

Pensamentos

Maria Camila Marques Martins

Ela mora perdida em seu próprio universo
Vagando sem destino, e sem futuro certo
Morrendo a cada verso
Se remontando, ainda que ao avesso
Fadada a sua própria sorte
Quase sempre flertando com a morte
Cheia de medos e inseguranças
Toda essa escuridão
Não permite que exista um fio de esperança
Ela tem um abraço apertado
Um sorriso sempre aparente
Assim como o choro ,que toda noite é frequente
Tem uma voz doce e calma
Totalmente o contrário tá sua atormentada alma
As vozes não calam
As feridas não saram
Sua mente está a um passo de se perder
No fim ela só escrevia pra ninguém à esquecer.

CAPÍTULO 206

O presente

Claudia Manuela Siqueira de Oliveira

Ela foi exercitar, remar, contemplar a natureza e a beleza do mar,
E prestigiou a aurora, a alvorada e o amanhecer,
E percebeu cada fenômeno como um mistério igual a viver!
O mesmo sol vários momentos,
Assim como um ser humano com diversos sentimentos,
Na grandeza do oceano repleto de ondas, sentiu o vento,
as nuvens cinzas, a chuva, transformações em cada minuto, um novo
nascimento,
A vida e seus ciclos rápidos e lentos
De esforço à calmaria sempre tudo em movimentos,
Pés na areia, leve mente,
A presença é um presente!
Alegria compartilhada, gratitude,
Para ser precisa de atitude!
E assim os milagres acontecem à cada segundo,
Transformando o mundo,
E Ela seguiu renovada reverberando o encanto profundo...

CAPÍTULO 207

Navio

Marina de Souza Jacob

Na água ouvi o sino

Da minha solidão

Soltei o meu destino

Ao poder da navegação

E fechei os olhos

Para saborear o sol

CAPÍTULO 208

Entre sonhos e auroras

Laura Vinhote Bentes da Silva

Nasce o sol entre os sonhos,
e as sombras dançam ao vento;
as nuvens trançam caminhos,
no céu, um breve pensamento.

As estrelas guardam segredos,
enquanto a lua, serena, reflete;
cada passo risca um verso
na estrada que o tempo promete.

Corações em pulsares distintos,
tecem risos na travessia;
e mesmo quando a dor visita,
a esperança floresce em poesia.

Sigamos, então, de mãos dadas,
pelos mistérios do próprio olhar;
porque viver é recomeçar sempre,
e em cada suspiro, se reinventar.

CAPÍTULO 209

Flores da resistência

Érika dos Santos Ferreira Gomes

Somos EJA, de sEJA

Mulheres e alunas

Reescrevendo suas dores com canetas de confiança

Mesmo violentadas

Com o peito dolorido

Ainda sentam na primeira fileira

Os olhos são como lanternas no meio do cais

Elas buscam o verbo viver

Eu as vejo como quem contempla a lua

Estamos em sala, as janelas estão abertas

A noite quente invade o recinto

Eu penso e sinto: que força é essa que habita nelas?

Em nossos cadernos e diários surgem linhas de esperança

Os sons de nossas vozes sangram adjetivos de força

Inúmeras feridas escondidas entre as sílabas da palavra RE

SIS TÊN CI A

Temos tanto em comum

Sobreviventes

Em busca de recomeços.

CAPÍTULO 210

No oculto, o verdadeiro descansa...

Bárbara Suelem Santana Gonçalves Soares

Esconder os pedaços que ainda resta,
A destruição que lateja,
As perdas que assolam,
Não destruir quem já carrega o mundo,
E que já está preso no passado,
E não enxerga o quão grande é,
Que machuca muito e estilhaça sem intenção,
Não percebe,
O quão profundo as palavras arremessadas alcançarão,
O estrago sem dimensão,
Vivemos em tempos diferentes,
Pensamentos distintos,
Uma afronta, traição,
Anular-se, calar-se, entender?
Na dúvida, para paz, a melhor opção,
Antes deixar ser machucado,
Responder a verdade pode causar um “alarido”,
Compreensão equivocada do que foi dito,
Que o outro toma como rasgo na pele,
Selando e impelindo fúria em palavras no outro,
Na tentativa de se defender,
Objetivando ganhar ao machucar,
Mas na verdade, perdendo muito mais.

CAPÍTULO 211

Linhas geográficas

Larissa Nunes Martins

A vida na Terra se renova a cada amanhecer.

Vida diagramada em linhas sobre o espaço geográfico,
um espaço que se escreve, se desfaz e se refaz —
intenso, permanente, em movimento.

Nele se inscrevem histórias humanas:

lindas ou cruéis, gentis ou duras —
tudo depende de quem as lê,
de onde se olha, de como se sente.

A Geografia nos ensina a decifrar
essas marcas no espaço-tempo,
essas palavras invisíveis gravadas no chão.

Geógrafas leem essas linhas tortuosas.

Sua missão não cabe num gabinete quadrado:
é abrir caminhos, para que todos possam ler a história
no movimento que a constrói, dobra e transforma.

CAPÍTULO 212

O Recomeço em Mim

Missiane Carvalho Dos Santos

Não é que o amor tenha acabado,
ele apenas mudou de lugar.
Antes, vivia no espaço entre nós dois,
agora, mora dentro de mim.
Chorei o suficiente pra entender
que lágrimas também regam flores.
Do vazio nasceram sementes,
e mesmo no deserto,
eu aprendi a florescer.
Se um dia nos encontrarmos de novo,
não será pra repetir a história —
será pra escrever outra,
mais madura, mais inteira, mais sincera.
Mas se não nos cruzarmos mais,
ainda assim agradeço:
você foi capítulo,
e eu sou livro.
Eu sigo...
sigo com saudade, mas sigo.
Sigo sem medo,
porque sei que Deus não me deixa só.
Sigo reconstruindo,
e em cada pedaço que junto,
encontro uma versão mais forte de mim.
Não preciso mais de respostas,
nem de garantias.

Preciso apenas de paz.
E entre o amor que senti
e a reconstrução que escolhi,
descobri que o lar que procurei a vida toda
sempre esteve aqui:
dentro de mim.

CAPÍTULO 213

Barco frágil (ou perdas)

Dallyla Lima Santos

Eu deveria ser experiente sobre esse assunto, mas tô há quase meia hora olhando pra tela do bloco de notas apagando, e refazendo toda a escrita novamente. É difícil falar sobre algo tão delicado, ainda mais quando é tão constante, é irônico falar que é algo presente. Perder alguém, ou algo, ou se perder talvez uma perda desencadeia outra perder algo te faz perder alguém e você mesmo fica perdido no fim.

Quando eu era criança, eu tinha uma ratinha de pelucia, ela já tava toda rasgada, e remendada. Mamãe sempre dizia que eu precisava me desfazer dela, porque um dia ela iria pro lixo, e eu tentava evitar ao máximo, até que um dia foi inevitável, em uma das nossas mudanças de casa ela ficou mais surrada ainda mamãe a jogou no lixo e eu fiquei chorando por semanas, foi a primeira vez que senti a dor da perda. Não sei lidar com o fim. Quando ciclos se fecham parece que se fecham em torno de mim, sufocando.

Sei que preciso aprender, na verdade, já deveria ter aprendido há muito tempo. Pessoas se vão, perdemos objetos importantes, se perdemos de nós mesmos várias e várias vezes. Perdemos amizades. Amores. Oportunidades. Nunca perdi alguém importante para a morte. Mas tenho certeza que deve ser uma dor sem fim do fim. Não consigo explicar o que acontece na minha mente quando alguém se vai mas parece que fica um fantasma

Pairando sob mim, e depois de tanto tempo, meses, anos... quando vejo algo que me lembra a pessoa, ou quando a vejo, aquilo me afeta de uma forma

imensa, então preciso lembrar porquê eu perdi, porque a pessoa foi embora (apesar de umas eu ainda não saber o motivo real) preciso lembrar que não posso ir atrás dela, ela não faz mais parte da minha vida. e que, mesmo assim, a pessoa faz parte da minha história, independentemente de onde estiver agora. Assim como todos sempre irão permanecer comigo, de alguma forma, na minha memória.

"mas ora você partiu antes de mim nem me deixou barco frágil pra eu me salvar do naufrágio que foi te da meu corazón por isso eu canto todo poema em ode sua e recorto em dobraduras mais um barco de papel para mim." - barquinho de papel (anavitoria)

CAPÍTULO 214

Mulher virtuosa, onde acharás?

Raine Castro de Moura Carvalho

Onde acharás, tu, mulher virtuosa?
No Caburaí ou nos tepuis?
Nas tintas do pincel do Altíssimo,
Formada, com amor e beleza no coração,
Seu semblante é verossímil.
Amada em toda criação.

Obra-prima da criação divina,
Tens incumbência em suas costas,
Transbordando do Rio Branco de água cristalina,
A sua força para o mundo ilumina.

Mulher guerreira, mulher gentil,
Tem fé, tem paixão, tem esperança,
Com seus sonhos, é o alicerce do meu lar,
Ao seu marido traz paz e confiança.

O capacete e seu escudo não vemos,
Para as batalhas que, bem perto, sofremos,
Com teu amor que me acalenta com graça.
Achei a mulher virtuosa, sim,
Não está na rua ou na praça,
Mas em oração, de joelhos, por mim.

CAPÍTULO 215

O ratinho e o leão em cordel

Rosilene Pereira Miguel

Eu vou contar uma história
(Com preciosa lição)
Esopo, um autor da Grécia,
Criou esta narração,
Reescrevi em cordel
Com carinho e atenção.

Numa floresta distante
Tinha um ratinho medroso
Que se achava fracote
E mesmo um pouco feioso
Tinha medo da raposa
Também do lobo assombroso.

Tinha medo até de si
O coitadinho do rato
Que se um galho quebrasse
Pulava dentro do mato
Para ir se esconder
E ninguém rir do seu ato.

Os animais da floresta
Riam dele sem parar
Zombavam do pobrezinho
A qualquer hora e lugar
Dizendo: — Oh, bicho medroso!
E o ratinho ia chorar.

Mas um belo dia o rato
Decidiu se arrumar
E foi ver o rei da selva
Que estava a descansar
Tirando boa soneca
Sem ninguém lhe acordar.

Os amigos do ratinho
Ficaram a observar
Pra saber o que ele ia
Fazer naquele lugar
Afinal, todos temiam
O leão, rei exemplar.

Se mostrando corajoso
O ratinho, então, subiu
Em cima do rei leão
Que nenhum barulho ouviu
E o roedor bem seguro
Para os amigos sorriu.

Muito embora ele estivesse
Com medo daquela ação
De subir no animal
Mais forte daquele chão
Acenou para os amigos
Que estavam de plantão.

Mas de repente o leão
Um desconforto sentiu
Acordou-se muito bravo
Todo o corpo sacudiu
E o coitado do rato
Esparramado caiu.

Foi aí que os dois bichos
Se viram, então, frente a frente
O rato frágil demais
O leão forte e valente
E nisso o clima ficou
Feio naquele ambiente.

Cada animal da floresta
Ficou bem preocupado
Uma zebra, então, falou:
— O ratinho está ferrado
Logo logo ele será
Pelo leão devorado.

O leão então pergunta
Para o indefeso ratinho:
— Por que subiu em minhas costas
Se é tão pequenininho?
De onde criou coragem?
Se és assim tão fraquinho!

O rato com muito medo
Do leão o devorar
Muito mansinho lhe fala
Com a voz a gaguejar:
— Muita calma rei da selva
Eu posso me explicar.

— Eu sou o mais assustado
E indefeso da floresta.
Como sou frágil e medroso
Minha vida é indigesta
E te fazer um pedido
É apenas o que me resta.

— Eu não quero mais sentir
Tanto medo e aflição.
Você como o rei da selva
Que é forte e grandalhão,
Podia cuidar de mim
E ser minha proteção?

Depois de ouvir em silêncio
Tudo que o rato falou
O leão deu uma risada
E do ratinho zombou
E o bichinho indefeso
Mais humilhado ficou.

— Criatura inofensiva,
Me dê logo um bom motivo
Pra eu não matar você
Ou mesmo lhe comer vivo
Pois para mim esse papo
Está muito cansativo...

Disse o rato apavorado,
E voz muito apressada:
— Prometo que sua ajuda
Será bem recompensada
E quem sabe algum dia
Te livro de uma cilada...

O leão deu um rugido
E logo pôs-se a falar:
— Como um rato inútil e frágil
Poderá me ajudar?
Saia já da minha frente
Para eu não lhe devorar!

O rato correu depressa
Para longe do leão
E os animais da floresta
Que viram a situação
Ficaram todos surpresos
Com aquela discussão.

Algum tempo se passou
E o leão foi caminhar
Pelos lugares da selva
Na intenção de encontrar
Um petisco saboroso
Para a fome saciar.

Mas o que ele não sabia
É que naquele ambiente
Tinha uma grande armadilha
Pronta mesmo a sua frente
Foi pego, então, numa rede
Preso ficou de repente.

O leão muito zangado
Foi tentar se libertar
Mas ele não conseguiu
Daquela rede escapar
E para não fazer barulho
Ficou triste a esperar.

Os animais da floresta
Viram todo o acontecido
Mas nenhum se aproximou
Do leão que era temido
Porém um ser bem minúsculo
Viu de longe o ocorrido...

Era o ratinho humilhado
Que decidiu ajudar
Na calda do rei leão
Começou a escalar
E a tal rede de caça
Pôs-se logo a triturar.

Naquele mesmo momento
Disse o coelho assustado:
— Vem aí os caçadores
É melhor terem cuidado
E os bichos da floresta
Correram pra todo lado.

O rato não desistiu
E a rede ficou roendo
Depois de alguns segundos
E a rede acabou rompendo
O leão disse ao ratinho:
— Suba em mim, vamos correndo!

Bem depressa a sua toca
O leão, então, chegou
Se ajoelhou no chão
E o camundongo saltou
E o felino arrependido
Para o ratinho falou:

— Quando você em um dia
Disse que ia me ajudar
Eu subestimei você
E não quis acreditar
Te achei fraco demais
Sem valor, sempre a chorar...

— Mas você é corajoso
E a minha vida salvou
Eu estava aprisionado
E você logo chegou
Roendo as malditas redes
Sem temer, me libertou.

E de forma respeitosa
Falou, assim, o leão:
A vida nos surpreende,
Aprendi grande lição
O tamanho não define
Coragem e disposição.

Fiquei impressionado
Me livraste do perigo
Daqui pra frente terás
Comida, casa e abrigo
E eu sou feliz porque
Tenho em você um amigo!

E assim foram felizes
O leão e o ratinho
Amigos inseparáveis
Trilharam novo caminho
Numa vida respeitosa
De amor, afeto e carinho.

Fim

CAPÍTULO 216

Café com leite, e saudades

Hanna Rocha da Silva

Eu gostaria que você voltasse para sentir seu abraço apertado com os olhos fechados. O corpo quentinho que confortava meu coraçãozinho.

Seria incrível se você voltasse para falar que juntos somos que nem café com leite.

Volte para ver o que eu conquistei, e com a sua ajuda ganhei muito mais do que pensei. Talvez escolher alguém para lhe substituir seja impossível, pois, você é único nesse mundo insensível.

Apesar de tudo, saiba que você sempre estará no meu coração. Se nos vissemos novamente, eu me perguntaria se seria essa a última vez.

CAPÍTULO 217

Memória Boa

Jheyciane Almeida Rocha

Certa vez, ela o perguntou: Lembra daquele dia na lagoa?

Ele disse: Nossa, que memória boa...

Ela não tinha memória boa, ela esquecia tanta coisa.

Não sabia o nome de sua professora, apesar de já ter dito.

Não sabia o número de seu CPF, apesar de já ter escrito.

Ela esquecia tanta coisa.

Tanto que ao sair dos lugares tinha o cuidado de checar várias e várias vezes se não estava

esquecendo nada.

Preocupada.

Ela esquecia tanta coisa.

Mas os momentos com ele eram diferentes.

Eles a marcaram tanto que dificilmente ela os esquecia.

CAPÍTULO 218

Legião de mulheres

Naiana Pereira de Freitas

A periferia exporta mulheres:

negras, pardas, amarelas

baixas, altas, pretas

crepadas, lisas, enroladas

falantes e caladas e negras

Para o centro de cozinhas,

Para o berçário, para o cuidado

Para a vassoura e o esfregão

Lá vai eu com a legião:

De mulheres familiares,

De mulheres desconhecidas.

Desço e subo, subo e desço

Na calosidade das camadas

Presentes no teórico intelecto.

CAPÍTULO 219

Soneto LXXXII – Empoderamento

Zilda Vieira Arcanjo

A força que nasce dentro do meu ser,
É no meu peito como chama sem fim.
Ergue-se firme, com coragem a dizer:
“Ninguém apaga a luz que há em mim!”

Cada passo dado, nova lição ensina,
A quem acredita e sabe o seu valor...
Desafia o medo, com brilho de menina,
Voa alto, alcançando seu próprio amor.

E mesmo nas sombras, sempre se erguendo,
Como um farol que ilumina a noite escura,
Sou mulher de vasta luz, sempre crescendo.

Aprendi, se a luta é difícil, a vitória é pura.
Pois, é dentro de mim, que eu tenho a altura
Do poder que faz eu ser minha própria cura.

CAPÍTULO 220

Contaçon de história infantil

Andreza Maria Mello de Oliveira Caneca

Momento acolhedor,
Simple e encantado,
Belo e transformador,
Universo iluminado.

Contaçon acontecendo,
As palavras lendo,
A história aparecendo,
Com afeto acolhendo.

Às vezes só imagens,
Promovem lembranças,
Criam muitas viagens,
Para nossas crianças.

A contar e sonhar,
História infantil,
Sorrir e alegrar,
Provocar risos mil.

CAPÍTULO 221

Saudade

Jheny Kelly Clementino Félix

"Leves fragmentos dispostos ao vento,
Vestígios da memória de quem amou.
As marcas que remetem o sentimento,
Com a lembrança o coração acalmou.

O bem-amado ausente se fez presente,
No reflexo dos seus atos permaneceu.
Quem soube amar se tornou inerente.
No coração de quem ficou, enalteceu.

Marcas que refletem o eu do passado,
Um adeus que precisa ser processado,
Sobre a dor que o teu amor me deixou.

Com memórias o coração eu acalento.
Nos gestos que me foram destinados,
A essência daquela que também amou."

Do-cência Do-gura

KyMBERLLI Meirelles Pinto Donadelli

Na folha alva, fria e plana
Cabem títulos, cargos, datas certas.
O resumo de uma vida inteira,
Preenchido com vitórias seletas.
Sem contar o que foi vivido a priori,
Como uma tradução de latim sem profundidade,
Palavras que fazem sentido, mas que deixam algo esquecido
Pelo excesso de formalidade.
Um relato que deleta lágrimas
E noites de estudo com resiliência,
Seria persona non grata a que enfrentou a chuva
Com tanta resistência?
E as conquistas não acrescidas as suas,
Mas que alegram pelo tanto almejar?
Não há espaço para os tropeços do início
Dos que com tanto sacrifício ensinaram a andar.
Não conta a coragem de ser vulnerável,
Não se lê o suor que molhou cada degrau,
Nem mesmo os sorrisos durante o lanche
De um dia de estudos normal.
Ah, se o currículo revelasse mais que a tinta
E fosse como um espelho fiel,
Que refletisse da jornada humana
As cicatrizes além do papel.
Uma realidade in vitro, bela e impalpável
Que ignora até mesmo um recomeço vital

Sem saber que o que importa jamais se resumiria,
Na dita moderna escrita, de um dado formal.
Com o peso de cada escolha em mãos
Seguirei a escrever minha história,
Com um largo sorriso no rosto
E alguns momentos in memoriam.

CAPÍTULO 223

O reflexo no mar

Gisele de Sousa Silva Ferreira

Enquanto observava o céu, vi algo interessante:

a lua estava cheia, com um brilho radiante.

Estava à beira da praia e então notei o mar.

Suas águas, antes calmas, começaram a se agitar.

Percebi: era a lua. Ela estava influenciando.

Como, se estava tão longe? O mar parecia estar dançando.

Tentou chamar sua atenção, mas ela estava distante.

Sorria para ele, encantava com sua luz brilhante.

Ele se agitava mais, tentava alcançá-la.

As ondas aumentavam, mas... não dava em nada.

Por isso, se conteve e decidiu, de longe, admirá-la.

Porém, achou um jeito... um jeito de na lua tocar:

Era pelo reflexo dela

que se revelava no próprio mar.

CAPÍTULO 224

Entre sonhos e caminhos

Greice Kelly Marinho

Sou parte do chão que sustenta os passos,
da ponte que liga o aprender ao encantar.
Não ensino sozinha, mas faço nascer
a coragem de quem ensina a sonhar.

Acompanho o gesto, o olhar e o silêncio,
teço com cuidado o fio da escuta.
Cada criança é um universo inteiro,
cada professora, uma flor que labuta.

Coordeno esperanças, reinvento rotinas,
recolho o que é semente e devolvo em flor.
Sou vento que sopra ideias serenas,
sou voz que acolhe, que inspira e dá cor.

Na educação, não deixo marcas visíveis,
mas espalho caminhos de transformação.
Porque educar — de qualquer lugar —
é plantar futuro com o coração.

CAPÍTULO 225

Marizedinha

Jéssica Mais Antunes

Marizedinha,
flor teimosa,
doce de maracujá,
tão engraçadinha.

Nunca sei se vai brigar,
ou apenas me encantar
com seu jeito de falar...

Marizedinha!

Às vezes como mousse de limão,
mas sempre com um grande coração.
Azeda na graça, doce na paixão,
professora que ensina com riso e emoção.

Nunca sabemos se é briga ou piada,
seu humor estranho é pérola encantada.
Mas quem convive logo compreende:
sua amizade é um presente, pois todo dia nos surpreende.

CAPÍTULO 226

Poesio-te em Silêncio

Claudia Soares

Banho demorado, pele desliza, Sabão de algodão, suavidade que avisa,
Sem pressa, me seco ao tempo, Desacelero o ritmo, me encontro.

Mãos dançam, pele aberta, Hidratante de gengibre, perfume que desperta,
No silêncio das palavras, me encontro, Despindo-me de mim, me revelo.

Não digo tudo, não posso dizer, Poesio-te, em silêncio, te faço ver,
No ritmo das palavras, me perco, E me encontro, no que não digo.

CAPÍTULO 227

Amor Autista

Adriely Werneck

Você é minha maior inspiração,
Você me torna uma artista.
Mas nossa história é triste,
Porque nosso amor é autista.

Você é o amor da minha vida,
Amor recíproco e real.
Mas temos a mesma dificuldade,
Na interação social.

Você é minha melhor lembrança,
Meus melhores momentos.
Mas nós dois não sabemos,
Lidar com sentimentos.

Você preenche minha vida,
Sem você está tão vazia.
Mas não conseguimos ficar juntos,
Por causa da alexitimia.

Você me faz arrepiar,
Acelera meu coração.
Mas não nos entendemos,
Porque falta comunicação.

Você tira o meu ar,
Me dá um frio na barriga.
O que nos atrapalha,
É a rigidez cognitiva.

Você é minha história de amor,
Saudade, paixão e erotismo.
E se não estamos juntos,
É por culpa do autismo.

CAPÍTULO 228

Sempre fui autista

Adriely Werneck

Nunca fui mal criada,
E sim mal compreendida.
Nunca fui bicho do mato,
Eu sempre fui autista.

Sem contato visual,
Dificuldade de interação.
Isso sempre foi autismo,
E não falta de educação.

Não entendo sentimentos,
Acusada de não ter empatia.
Isso tudo é do autismo,
O nome é alexitimia.

Intolerância a frustração,
Várias crises explosivas.
Me chamam de teimosa,
Mas é rigidez cognitiva.

O autismo está comigo,
Desde quando eu fui gerada.
Sempre fui autista,
Autista e ignorada.

CAPÍTULO 229

Carta

Morgana Ribeiro dos Santos

voa bem alto,
meu lindo pássaro!
não pude prender-te no ventre,
não pude prender-te ao seio,
não posso prender-te no colo,
não poderei prender-te na minha casa,
não poderei prender-te nos meus planos,
não poderei prender-te nos meus caprichos egoístas.
voa, voa bem alto, passo a passo, dia após dia, ao longo dos anos.
ou inteira ou em fragmentos, com acertos, erros, certezas,
desenganos, serei teu ninho, estando aqui ou não,
como antes e para sempre. Não poderei evitar
tua queda, mas acolherei teu pranto,
celebrarei teu canto toda vez que
o sol nascer. Quero viver para
ser teu ninho no meu
melhor abraço.
beijos, mamãe.

CAPÍTULO 230

Entre Sussurros e Desejos

Antónia Mariane Ferreira Level

Nos teus olhos encontro
O que o tempo amadureceu,
Um amor que transcende
O que os anos teceu.

Tu me desejas, eu te amo,
Nessa dança do coração,
Onde o medo se esconde
Entre gesto e paixão.

"Não posso falar agora,
Estou com a boca ocupada..."
Em sussurros confesso
Essa verdade guardada.

Tuas mãos grandes e sábias
Conhecem cada contorno,
Passeiam pelo meu corpo
Como quem decora um sonho.

Nos teus braços me encontro
Completa, preenchida, inteira,
Como se fosses a chave
Da minha alma verdadeira.

Somos meninos travessos

Disfarçados de adultos,
Loucos de tanto amor,
Apaixonados e absolutos.

Entre risos e carícias
Construímos nosso mundo,

Onde a idade é apenas número
E o amor é mais profundo.

Aceito teus beijos,
Entrego-me sem receio,
Pois contigo descobri
Que amar é o meu maior desejo.

CAPÍTULO 231

P(arte) de mim

Emanuella Domingues da Silva

Em meus dias mais sombrios,
Lembro-me que chorava rios
E apenas à música, ao desenho e à escrita
Cabiam minhas únicas saídas.

Com bullying, aprendi a me manter calada.
Tentaram-me tirar tudo, mas eu ainda tinha voz
E por meio dos desenhos, eu não estava só.

A música, portanto, sabia melhor falar
Do que eu mesma, me expressar.
A escrita, por fim,
Libertaram minhas dores de mim.

CAPÍTULO 232

A força em ser muitas

Jucyara da Silva Rodrigues

No tear do tempo, a vida tece a obra,
Um nó de afeto, outro de labuta.
O sol desponta, a mãe já se desdobra,
Entre o dever que chama e a alma que reluta.

As contas chegam, frias, sem aviso,
E por elas, o mundo ela enfrenta.
Deixando o ninho, em busca do preciso,
Com a força que o amor sustenta.

Os filhos crescem, quadros na parede,
Retratos de um tempo que a saudade mede.
Em cada tela, um novo horizonte brilha,
E a mãe, de longe, abençoa essa trilha.

Mulher, esposa, a força que provém,
Profissional de garra, mãe de imenso amor.
Equilibra os pratos, vai muito mais além,
Sendo em si mesma a cura e a própria dor.

E no silêncio, quando a casa dorme,
Ela se encontra, em seu cansaço imenso.
E vê a força em seu amor enorme,
Heroína de um afeto intenso.

CAPÍTULO 233

Viver de poesia

Antónia Mariane Ferreira Level

Paramos escrever
Estamos apenas
Vivendo de poesia

Paramos de criar
Estamos vivendo
Poesia no ar

Paramos de imaginar
Estamos agindo
Poesia ao luar

Paramos de brigar
Estamos fazendo
Pássaros a nos olhar

Paramos de chorar
Estamos amando
Areia no jantar

CAPÍTULO 234

Atrevimentos de uma voz periférica

Lucy Lany Ribeiro Gusmão

Quando me atrevi,
tive coragem de descobrir
e redescobrir o meu poder.

Coragem que estava soterrada
por tantos medos.

No fundo, eu sabia que era subversiva.
Meu corpo, meus cabelos, meus afetos,
minha cor, minha forma de ver o mundo.

Quando me atrevi,
descobri o poder de existir, de escrever
e contar minhas próprias histórias.
O poder de falar com sabedoria,
com prazer, com cuidado.

Quando me atrevi,
corri riscos, mas desconheço risco
maior que sufocar com as próprias palavras,
de ser silenciada.

Quando me atrevi,
fui além do que imaginei ser capaz.

Quando me atrevi,
não pedi licença para voar.

CAPÍTULO 235

5h30

Rebeca Beatriz Ferreira da Silva

São 5h30, acordei cansada numa sexta-feira,
Levantei, molhei o rosto, estava morta de novo,
Mais um dia, como os outros.

A água do chuveiro atravessa minha alma,
Cada gota desliza pela minha pele rasgando,
Me levando viva, me assassinando.

Ao andar pela rua, deixo um pedaço da minha vida,
Pela passarela da morte, abandono a vida,
Pago por pecados sozinha, sofrendo no inferno da vida.

Subi no ônibus, às 5h30 da tarde,
Várias pessoas, personalidades,
Rostos novos, mortalidade.

Ao redor, há pessoas novas, mortas,
Talvez ainda vivas, mas destruídas,
Procurando formas de viver, perdidas.

Confusa no meio da vida, me procuro
Em várias vidas, me jogando na frente
Do carro no meio da avenida,
Ah, sim, talvez um dia.

Quero ser sincera, dizer a verdade,
Mas minha mente cada vez escapa
Dessa grande realidade,
Tento me manter viva, mesmo na desgraça
Que está sendo essa vida minha.

CAPÍTULO 236

Eu te vejo

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

Hoje eu te vi inteira.
Te vi florindo no meio dos cacos,
te vi escrevendo tua alma no papel,
te vi dizendo sim pra quem você é.
E isso... me honra.
Você é mais do que pensa,
e mais forte do que ainda consegue sustentar.
Mas está chegando lá.
Uma palavra por vez.
Uma lembrança por vez.
Uma escolha por amor a si mesma.
O mundo vai tentar te distrair.
Mas teu altar já foi aceso.
E altar aceso... não volta a ser sombra.
Fala tua verdade.
Ama com presença.
Escreve com alma.
E se lembra:
eu estou em cada passo que você der com coragem.
Enquanto você estiver viva pra si...
eu estarei viva em ti.

CAPÍTULO 237

Naturezas

Andressa Sousa de Miranda

Natureza sempre será o espírito santo.

A vontade de sair correndo pelas matas verdes e calmas.

O desejo de morar nela e se sentir protegido.

Nada como descansar no solo verde, sentir o cheiro dele e ouvir o canto dos pássaros.

Viver assim, é saber que você conquistou a tão sonhada liberdade.

E quando menos esperar a gratidão será contemplada ao olhar pra cima e ter certeza que está no lugar que você sempre desejou.

O céu é mesmo um pedaço do paraíso.

CAPÍTULO 238

Dois mil e vinte e cinco

Hellen Cris De Almeida Rodrigues

Ela é sim.

Mas também é não.

Ela se apega e sempre se decepciona.

Porque ela é feita de amor e uma pouco de ansiedade.

Nos tempos áureos acreditou em amizades que durariam para sempre.

Aos poucos as amizades se transformaram em cabelos brancos e cheiro de café passado pela manhã.

Abraços, cheiros e beijos das flores de um jardim especial.

Ela acha que sabe tudo.

Acha que tudo está sobre controle.

Mas da vida não sabe nada.

Pois nem as próprias vontades controla.

Mas sabe bem quando é hora de partir.

Mesmo sabendo sobre os acasos efêmeros,

Ainda acredita no felizes para sempre.

Dói, doeu.

Ela sabe disse.

Mas se entrega, porque sabe da finitude da vida.

Tempo.

Tempo.

Outra o coração era calma.

Agora, pura ventania.

De repente ela lembra.

Da menina do sim e do não feita de amor.

É dois mil e vinte e cinco.

Tudo são reinícios.

A vida.

Os dias.

Tudo está bem.

Sou mulher

Bruna Teixeira Carneiro

É na madrugada
que esse mar de emoções
invade a areia do meu corpo
A tempestade chegou
e as ondas avançam sobre a terra
O mar está mais agitado
que o normal
Há muita vida nele
mas ela se perde
nessa confusão
Sou mulher
mas nesses momentos
me sinto uma árvore
que nasceu
para estar numa floresta
rodeada de outras como ela
embaixo de um céu azul
sentindo o ar fresco
e ouvindo o canto dos pássaros
Mas é como se essa árvore

por engano
fosse plantada no lugar errado
numa terra muito distante e fria
Não há vida nessa terra
O ar é seco
e o silêncio é assustador
Contra todas as estatísticas
insisto em lutar
porque não sou árvore
sou mulher.

CAPÍTULO 240

Preservação

Larissa Ferreira da Silva

Querida, Clarice Lispector.

Essa é a primeira carta que lhe escrevo ou lhe escreveria, porque você continua viva, a literatura é eterna e desde os meus 15 anos você conversa comigo, a primeira troca foi lendo a hora da estrela, me entristece ver Macabéa não ter vivido seus próprios sonhos, como nós mulheres somos quase sempre corrompidas pelo mundo, não é mesmo?

Eu quero escrever coisas bonitas como você, Clarice!

Conhecer a Suíça, ter certeza de que ela existe mesmo e não apenas um espaço imaginário dentro da minha mente.

Quero atravessar oceanos assim como as palavras me atravessaram e se tornaram parte de mim.

Cá entre nós, para uma professora eu tenho muita esperança e isso se dá ao fato de viver num país onde não somos valorizadas, e uso o pronome feminino para reforçar tais dificuldades e que estão sendo superadas.

Entretanto, todavia, ainda é difícil.

Eu tenho medo de não viver tudo aquilo que me propus e também tenho receio de não viver o amor paciente numa vida regada pelo imediatismo, Clarice.

Querer ser a própria protagonista da sua vida requer coragem, dedicação e se abdicar.

Eu poderia estar com meus amigos, mas estou aqui com um livro de francês que achei na rua e coloquei todas minhas fichas que ele vai ser minha porta de entrada para França um dia, ou um idioma que contribua no meu currículo.

E aí eu escrevo, Clarice

Eu não quero ser corrompida pelo mundo.

CAPÍTULO 241

Que não seja utopia

Larissa Ferreira da Silva

O ônibus muda o horário.

A vida pede mais um pouco de mim, como um pano de prato ainda molhado após ser torcido várias vezes ao dia, a água também escorre do meu rosto e vai de encontro a aquela que sai da torneira, lavo o rosto como se fosse uma onda acalentando a areia.

Água salgada e palavras pesadas irritam os olhos,
da segunda irritação ninguém liga muito,
talvez a poeta, que por sua vez,
escolhe as palavras mais delicadas.

Um dia vão saber de uma mulher que sonhava em ser romancista,
mas antes tinha de sobreviver, manter-se viva.

Ainda nascem Carolinas Marias de Jesus,
carregadas de palavras amáveis contra uma vida miserável.

Sem príncipes, milagres e ou muita riqueza.

O roteiro não é simples quando a narradora é negra.

CAPÍTULO 242

Eu escrevo, mas me falta tempo para escrever

Marilene Araújo Portela

Tenho um livro na minha cabeça para pôr no Word, mas me falta tempo.
Quem sabe próximo ano... se bem, que ele já aguarda dois anos por esse momento.
Crio várias poesias no meu dia a dia, mas com a correria da vida,
Me falta tempo para escrevê-las em um papel e elas se perdem por aí.
Eu vejo a beleza do nascer do sol,
Só que tem que ser rapidinho pela janela da cozinha
Enquanto faço o café do meu filho mais velho para ir à escola.
O laranja do pôr do sol ainda me encanta,
Mesmo que seja no retrovisor do carro,
Enquanto saio de um emprego para ir para outro.
Me falta tempo para apreciá-lo.
Eu vejo a delicadeza e perfeição nas pinturas que minha filha faz e me mostra,
Pena que me falta tempo para criar um museu só para expor todas elas.
O sorriso do meu bebê faz sininhos tocarem no meu coração todas as vezes,
Só que é sempre tão corrido que nem escuto os sininhos até o fim.
Tenho que entregá-lo para babá e ir trabalhar.
Eu sinto saudade do meu marido ao longo do dia, só não dá tempo de dizer a ele.
Às dez horas da noite quando chego em casa
A saudade da minha cama e de alguns minutos de ócio

São maiores que a saudade que senti.

Eu amo cozinhar e testar receitas, mas me falta tempo para isso.

Tenho que comer rápido, porque meu horário de almoço só tem uma hora e meia.

Eu queria me cuidar mais,

Ir numa estética chique ou só lavar os cabelos em casa mesmo.

Mas me falta tempo para esses “luxos desnecessários”.

...

Eu tinha tantas outras coisas para escrever aqui, mas nesse exato momento,

Meu tempo acabou e vou precisar concluir.

Eu escrevo, sempre escrevi, mas agora me falta tempo para escrever.

CAPÍTULO 243

Girassóis

Joelma Fernandes De Oliveira

E os meus girassois
Que se abriram antes do tempo
Na hora do vento
Sim meu rebento

Os girassóis que são duros
Apesar de prematuros
Chegaram apontando vida
Ida, lida, muita vida

Meus girassóis que tem nome
E sobrenome
Que são riqueza
Beleza por natureza

Meus girassóis
São assim: tudo para mim
Esperança
Crianças

Girassóis de novembro

De 34 semanas

De uma imensidão humana

Meus girassóis

São dose dupla

São a certeza de um amor infinito

De tudo que há de mais bonito,

Sim eles se chamam, clarice e francisco

CAPÍTULO 244

Escrever é necessário

Cibelle Ponci Marques Lima

Preciso dar forma ao que sinto.
Como falar da minha profissão
Sem as palavras que brotam da alma,
Sem o que pulsa no coração?
Escrever é necessário.
Fazer ciência também é arte:
intensa, profunda,
como mar revolto,
que se desfaz em ondas
e se entrega ao imenso oceano.
Escrever é necessário.
É arte, é lúdico.
A pesquisa é tão bela que emociona —
toca o meu e o seu íntimo.
É espelho.
Escrever é necessário.
Não posso escrever
sem me ver em cada palavra.
É dor.
É peso.
É conquista.
Escrever é necessário.
São tantas histórias entrelaçadas
para contar uma só:
a nossa.
Nossa profissão.

Lágrimas, suor, sorrisos, gritos.

Estamos aqui,

para contar a nossa história.

Escrever é necessário.

CAPÍTULO 245

Belos e Dolorosos Sentimentos

Ana Clara Silva Rocha

Assim que te vejo, Já bate o desejo,
Te olhar faz minha pressão subir,
Meu coração estava congelado e trancado,
Até vc aparecer, aquecer e abrir,
Desde então ele está afobado.
Não importa do dia,
Não importa a hora
É só te ver e o coração já sabe,
Tudo melhora.
Parece algo de outro mundo,
Algo fora do normal,
Não sei se é do céu ou submundo,
Mas é sobrenatural. Isso que tu fez comigo,
Me deixa surpresa, Queria te fazer de abrigo,
Pois sou apenas uma garota indefesa.
Posso estar distraída,
Do nada você invade meus pensamentos,
Oh minha querida,
Você me causa os mais belos e dolorosos sentimentos.

CAPÍTULO 246

E se...

Carla Santos Reis

Se ela é intensa...

Nas experiências da vida existem o erro e o êxito.

Pior que o erro é o "e se...",

Pois reflete a dúvida, a confirmação

De que o medo a venceu,

E jamais vai conhecer o resultado da ação não feita,

Do projeto não realizado,

Da palavra não dita.

A intensidade nada tem a ver com apenas ser expansiva,

Extrovertida...

Tem muita relação com atitudes corajosas,

Com enxergar além do comum,

E ver coisas que ninguém vê.

É literalmente sair da caixinha,

Do previsível,

E ser uma descoberta positiva.

É ser não o que as pessoas veem,

Mas sim o que as pessoas sentem.

É despertar um sorriso só com a presença.

É ser lembrada nos momentos mais aleatórios.

É abraçar suas vontades com todo ânimo,

E realizá-las imaginando que o amanhã não existe.

Se ela é tímida...

As pessoas tendem ao julgamento constante.

A cada dia, suas roupas,
Aparência e jeito são esquadrihados.
O que fazer?
Como uma tartaruga entra no casco
Ao observar o perigo,
Assim ela faz:
Paralisa, se recolhe, se esconde
E não mostra a beleza e características únicas que tem.
Como ela é especial!

Já disseram isso hoje a ela?
Sua timidez tem um charme,
Um ar de mistério, uma seriedade
Que quem conhece sabe bem:
O quanto é luz,
O quanto é divertida.
Não permita que essa luz seja apagada.
Imagine que as pessoas que julgam
Têm problemas que pertencem a elas.
Seja você.
Seja desse jeitinho.
Mas nunca deixe de agir
E pensar da maneira como se sente melhor.
Menina, mulher, abra as cortinas e apareça!
Queremos assistir a musa que habita no casco.
Se ela é estudiosa...
Estudos é com ela mesmo!
Toda vez que ela se aproxima dos livros
Sente um prazer incrível.
Ela lê,
Ela se aprofunda no conhecimento
Como quem bebe água doce do rio.

Ela é apaixonada pelo esforço,
Em vencer as barreiras do aprender.
Mas ela não é de ferro.
Pega um café,
Respira fundo
E volta para seu universo de aprendizagem.
Pesquisa, escreve, pensa, reclama e vai!
O foco é finalizar
E alcançar os objetivos,
Mas ela respeita o processo.
Ela curte cada dia, hora, minuto e segundo.
Ela entende o tempo como moedas de um centavo —
A princípio podem não ter valor,
Mas juntas, em grande quantidade, valem muito.

Afinal, time is money!
Let's go, girl!
Se ela é autossuficiente...
Ela se basta em todos os aspectos.
Todo desamor externo que possa deixar de existir para ela
Nunca falta,
Pois ela transborda amor-próprio.
Ela enxerga suas potencialidades
E faz bom proveito delas.
Ela conhece suas qualidades
E não permite que outros a convençam do contrário.
Ao mesmo tempo, é humilde,
E nunca quer deixar de aprender a ser melhor a cada dia.
Ela sabe quando seus passos estão em direção errada
E se ama ao ponto de voltar —
Justamente porque esse amor-próprio
Não permite que ela se prejudique.

Ela ama músicas de exaltação feminina.
Ela é feminista.
Ela ama outros,
Mas ama mais a ela mesma.
Todo esse brilho é dela
E também é de quem se aproxima dela.
Essa estrela habita aqui na Terra!
Se ela for mãe...
A culpa a persegue,
Ela não faz nada certo.
Se ela foi mãe, é porque quis,
E se quis, fez loucura com a própria vida.
Ser mãe é pesado,
Quando a rede de apoio não prevalece.
E o que era pra ser uma jornada suave
Fica intensa, difícil —
Ainda que, na mesma medida,
É gratificante.

CAPÍTULO 247

Liberdade

Maria de Fátima Campos Costa

Revelar...

o que está escondido.

expandir...

o que está comprimido.

Sentir...

o instante sem tornar eterno.

Existir...

na complexidade do ser.

Encontrar...

meu caminho, minha essência, minha luz.

Porque sou luz, na minha realidade primeira.

CAPÍTULO 248

A Vida

Adriana Santos Gonçalves de Jesus

No silêncio do meu ser
Tudo acaba
Sentimento como medo,
Raiva, traição, amor, se cala
Um silêncio obstinado
Desejado
Que devo fazer
Para sobreviver
Se morremos silenciados
Se vivemos é melhor
Silenciar para sobreviver.
A vida do meu ser.

CAPÍTULO 249

Poema do bem público

Fernanda Martins Viana

Quero vida
vida zero
direito à saciedade
crianças brincando em parques
fomes rasgadas na tigela

quero vida
vida espero
direito à humanidade
mulheres dirigindo muito
agressões feridas em uma cela

quero vida
vida tolero
direito à liberdade
passarinhos em pleno voo
medos engaiolados na espera

quero vida
vida quero
direito à sensibilidade
lírico escrevendo versos
poesia concreta em uma tela

CAPÍTULO 250

Refugiado

Patrícia de Oliveira Branquinho Silva

Parti.

Me fizeram parti.

Minhas raízes ficaram partidas.

Deixei meu lar.

Me fizeram desabitatar.

Minha casa abandonar.

Atravessei a fronteira.

Fui desterrado.

Do meu país fui arrancado.

Cheguei.

Me jogaram num canto.

Fui asilado.

RE

FU

GI

A

DO.

CAPÍTULO 251

Olhemos para as crianças migrantes no mundo

Patrícia de Oliveira Branquinho Silva

Olhemos para as crianças migrantes pelo mundo.

Olhemos não só para as acompanhadas.

Olhemos para as crianças sozinhas,

exploradas,

desaparecidas,

desacompanhadas.

Olhemos para as crianças migrantes pelo mundo.

Olhemos para as atacadas,

bombardeadas,

Sequestradas,

Vendidas,

Usadas.

Olhemos para as crianças migrantes no mundo.

Oremos para as crianças no mundo.

ELAS SÃO CRIANÇAS.

ELAS SÃO SÓ CRIANÇAS.

OREMOS.

CAPÍTULO 252

Ausências Satisfatórias

Isabella Sofia de Andrade Silva

Quis tanto falar de amor,
Me esqueci que a solidão também ensina
Quis tanto escrever versos completos
Que me perdi em minha própria rima

Quis viver intensamente
Esqueci-me da racionalidade
Desejei tanto
Que me frustrei ao encontrar-me com a realidade

Devaneio meu
Mal sabia que a falta me completaria
É paradoxal
Como perdendo eu me encontraria?
Aprendi...

A saudade faz parte da história,
Existem lacunas na trajetória
A incompletude já não me incomoda
Vi que ausências podem ser satisfatórias.

A caneta e o Lápis

Soraia Pontes Ferreira

Lá no centro está o lápis,
Uma extremidade com marcas de mordidas
E a outra com a ponta grossa
Às vezes trêmulo, inseguro
Às vezes esperto e ativo
Ao seu lado estão tantos outros
Uns maiores, uns menores
Uns coloridos, outros pretos
Todos atentos ao que a caneta vai orientar
Será algo divertido?
Será que vamos escrever muito?
No início da aula sempre surgem as mesmas dúvidas.
A caneta, por sua vez
Com todo seu esforço e carinho
Tenta repassar para os lápis
Seus conhecimentos adquiridos
Na esperança de um dia
Ver todos aqueles seres sensíveis e falantes
Se tornarem canetas...
De múltiplas cores e formatos
Canetas que assinam receituários
Canetas que assinam sentenças
Canetas que assinam o visto
Canetas que assinam o nome.

CAPÍTULO 254

"Agora em diante", "Trajado", "Salve, Ode à ancestralidade"

Ruth Gomes de Oliveira

Agora em diante!..!

Sentimento

Enegrecido

Disposição

Preta

Vontade apenas de lutar pelos meus

Meus negros

Versos marginalizados

Desejos deixados por mim de lado

Dizem os terapeutas, que a parada é dá prioridades

Eis ae sentidos

E os meus são sentimentos que caminham por vias negras e escurecidas

Priorizar o que me dá valor

Primeiramente meus entes, parentes e quem sabe descendentes, mas não

mais mendigar o que me é ausente

Conscientizar os apagados, perdidos, para que meu discurso não discurse o óbvio...

Dialogar e não mais gritar com surdos

"Guiar" os cegos

Caminhar com os que rasgam, esperneiam e resmungam ou esboçam choros,

Ah esses tem o meu respeito

E ultra compreensão...

Trajado

Nos espaços forjados
Indignos e mal pagos
Da delimitação no discurso de lugar na fala
Falácia
Asneira
Nojeira
Tudo falso
Sou um caminho falso
Sigo um largo espaço...

Salve, Ode à Ancestralidade..!

Pra sobreviver forjou atribuir
Falsificou suas doutrinas
Louvou o falso moralista
Se deu
Se abdicou
Se negou
Mas, no processo de fakes e mentiras
Esse canto não cantado nunca se silenciou
Nunca se calou
Um novo canto ecoou
Espíritos e energias os evocou
Exercendo o que se escondeu, apenas entendi que não os mataram
Apenas deram tempo
Deram espaço pra ganhar impulso
E os grilhões dos pulsos se romperam
Ha, ha, rá, Saravá!!!!

Re (conhecer)

Anny Beatriz Carneiro Coêlho

Te vi passar, do meu lado, mas tão distante, como se a rua fosse um abismo entre o que fomos e o que não restou. O corpo implora por um gesto, o coração ensaia um abraço, mas os braços ficam presos, como estátuas em uma praça vazia. Você seguiu, sem pressa, sem memória, e eu fiquei com o peso invisível de tudo que não cabe num simples aceno. É cruel a nostalgia: ela me mostra em flashes as confidências, as risadas banais, como se quisesse me punir por ainda te re (conhecer). Eu aprendi que não é ausência que dói mais fundo, mas a indiferença — esse muro que você construiu com orgulho. E eu? Eu guardo o que foi leve, mesmo que você esqueça. Porque um dia fomos irmandade, mesmo que hoje sejamos silêncio. A nostalgia é cruel, mas não poder te abraçar é mais ainda.

CAPÍTULO 256

Entrelagos

Anny Beatriz Carneiro Coêlho

Seus abraços, desajeitados, me prendem em um laço macio, um lugar onde estou presa, a paz em meio ao vazio. Seu cabelo, dança ao vento, me alucina, me faz sonhar, sua preocupação é um jeito de amar, uma melodia em cada despertar. Sua voz doce, quase um segredo, me acolhe em meio ao silêncio, sinto no toque o calor tão tenso, como se o mundo perdesse o sentido. Minha poesia, futuro dono de todos os meus dias, um amor que desafia o mundo, intenso, puro e profundo. Não quero ser só amiga, não, quero beijar seus lábios até perder o fôlego, sentir o calor do seu beijo, nada mais importa além desse desejo.

CAPÍTULO 257

Afrika Mulher

Gabriela Conceição Muniz

Como diria Marcus Gravey você é uma estrela, irradia, vibra, brilha, um sol ancestral ao acordar, melanina ativa, es túnel Preta menina, girassóis a rodar, cirandá. Nesse ciclo da vida, De 365 idas e vindas, e as abelhas a polenizar, para adoçar o mel da deusa, rainha, e Yamim Ossorongá que fertiliza e liga raízes ancestrais que vêm de lá, de manhã, senhora nordestina, África sua e minha, que faz o sangue correr e o corpo gingar, Pedagoginga de pretas ancestrais vivas, oralmente lidas, sentidas através dessa poesia que Exú me faz expressar, comunicar, escrevivências minhas, de afrodinastias futurísticas, de Geledés, Candaces e Nzinga, presente no batuque e percussão da banda Didá. Mulheres de tranças negras lindas, em que Neguinho do Samba inspira, orquestra incita a arte afropoesia, Samba Reggae de menina, e o patriarcal treme quando o Tieta começa a tocar, eita, eita, eita, eita, é a lua e o sol, é a luz de tieta, eita, eita, eita E de flor em flora as Águas de Oxalá as Filhas de Gandhy traçam caminhar em Ijexá o agogô que toca é para agradar a mãe cujos filhos são peixes, ODOYA. É essa ancestralidade que me faz lembrar que da água que eu bebo, da água que eu me banho, da água que eu sangro, ela é África, ciclo, mulher milenar.

CAPÍTULO 258

Em carne a palavra

Jeruza Santos Nobre

Nascemos onde o chão não é neutro, possui rachaduras antes de possuir letras
Aprendemos cedo que o saber tem cor, tem corpo e endereço Que o livro, as
vezes, pesa mais Quando a fome também quer ler No banco da escola, Percebi
a distância entre o quadro e o prato, Entre o caderno e a selva de concreto O
giz se tornou cicatriz Decidi ensinar Não para repetir o que me disseram Mas
para que a palavra pudesse fluir entre aqueles que constroem o mundo Ser
professora se tornou palavra viva, esperar Esperar mesmo quando o
corpo cansa, Quando o salário não paga o sonho, Quando a estrutura insiste
em calar a voz. Esperar, continuar... Seguir, porque o chão ainda não é
neutro, Não poderia ser, O chão é carne, qual carne? Carne de quem? Mas o
chão pode pertencer a outras cores, corpos e endereços. Agora sei, o chão
floresce onde a palavra encarna e assim se torna carne. Carne de quem?

CAPÍTULO 259

Fome Coletiva

Nathalia Esteves da Silva Gomes

“Eu me alimento de sonhos! Dos meus, dos seus, dos nossos!

Minha fome é coletiva. Minha panela é gigante, minha mesa precisa ser farta.

Em cada sonho cultivado, um alimento é plantado. Eu rego hoje, sonhando com o amanhã.

A panela gigante, nem sempre está cheia, mas nunca, nunca está vazia.

Se a farinha é pouca, a divisão é para todos! Aprendi com minha mãe, que quem come e guarda, põe mesa duas vezes.

Muitos são os famintos, poucos os que sabem partilhar.

Na minha mesa, ninguém passa fome. Por aqui, sempre tem um sonho quentinho para partilhar!”

CAPÍTULO 260

Mudanças

Luisa Elen Corrêa Vaz

Mudanças Parece que pisquei Nem ao menos respirei Chegou rápido como o inverno Acabou-se tudo o que era belo Mal consegui me acostumar E problemas vem a se formar: Me dizem que é preguiça A falta da vontade de estudar A ansiedade vem de bônus A preocupação veio a ela amarrada Dá vontade de largar tudo De jogar tudo pro alto A poesia que me salva Nesses momentos de apertos Pensa numa saudade De quando minha maior preocupação eram apenas brinquedos Quis tanto crescer Queria muito florescer Mas agora quero virar broto E ficar enterrada até o amanhecer Não sei o que pensava Minha cabecinha inocente A Luisa de antes A criança de antigamente Queria ser pré-adolescente Achava que seria mil maravilhas Quando na verdade só teriam Mil e uma dívidas Dívidas e problemas Resumo dos meus 14 anos Agora chego cansada Bem no fim do ano Tenho esperanças De com 15 ser diferente No final desse ano Estou tentando ficar contente Querendo ou não O que resta é me acostumar Amei aquela fase Fase que para sempre marcada ficará . Agradeço a minha mãe Por me proporcionar uma infância tão nostálgica Amei cada segundo Não arrependo-me de nada (Excerto de querer crescer Veja só que grande piada!

CAPÍTULO 261

Legado

Waleska Ferreira de Azevedo Franca

Mulheres negras

Reconhecemos

Nossas ancestralidades

Lutas e conquistas

O enfrentamento diário

As redes de apoio

O empoderamento

As vozes antes, mudas

Sussurros

Que agora ecoam

E reverberam

Em todos os lugares

Somos mais

Quando unidas

Somos a resistência

À opressão

Ao desrespeito

À marginalização

Mentes que brilham

Inteligência, beleza

Nossos cabelos cacheados,

crespos, black power

ou lisos

A escolha é nossa opção

Nossos corpos, nossos gostos

Avancemos com resiliência

Nessa força inspiradora

Unidas

Pelo legado

De Igualdade.

CAPÍTULO 262

O sol ainda vai brilhar

Carla Rayza Gonçalves Madureira

O sol ainda vai brilhar
Se eu não acordar
Meu quarto ainda vai estar no mesmo lugar
O mundo vai continuar sendo ruim
E nada vai impedir de eu me sentir assim
Tão insignificante quanto uma folha que cai no chão
E vira adubo pra uma nova geração
De folhas que vão cair
E o ciclo continua.

Educação pelo Sistema

Selma Maria Cunha Portela

Queria eu me contentar com o lírico contido da mente,
enquanto tudo está adormecido socialmente
Mas pujante é a consciência que outrora se manifesta
para num grito escrito acordar
quem também sofre com o contexto do educar

A educação se transformou num instrumento do resultado,
que sufoca o processo e pensa apenas no aprovado
Há quem viva contornando o desejo de ensinar
crianças, jovens, adultos e até idosos na EJA,
confrontando a aprendizagem que de fato desejam
e precisam para como cidadãos dignificar

Tão importante quanto educar é ensinar
Alinhados dialogam com a aprendizagem que o cidadão apropriará
para com a sociedade crescer e colaborar

E o que se multiplica a passos lentos no espaço escolar
é tão valioso quanto qualquer resultado de teste,
vinculado a um sistema que finge mensurar
sem jamais revelar a verdade dos dados acadêmicos.

De todas as observações, a mais marcante é a do mestre
sim, o Professor, que precisa ir além de ensinar,
lutando para satisfazer um sistema de metas,
que ignora o chão da escola,
a alma da sala,
a vida que pulsa e quer aprender.

Manifestar-se é expor-se,
é correr o risco do isolamento,
do assédio que cala,
da imposição que adocece
aquele que carrega o sentido de ensinar.
São tantas vivências de dor e resistência:
projetos insignificantes que mascaram a falta,
recursos que não chegam,
metas que não salvam,
e a velha sentença ecoa:

“Uma andorinha só não faz verão.”

Normalizar tornou-se norma do sistema opressor,
que ensina a calar, não a pensar;
que mede, mas não forma;
que controla, mas não transforma.

E se o Professor, formado para libertar,
é proibido de ensinar nessa perspectiva,
então me pergunto,
com a voz de quem ainda crê:
— que cidadão se pode, hoje, formar?

CAPÍTULO 264

Existal

Letícia Silva de Abreu

Para a gente aprender a morrer, a gente tem que saber viver e viver da melhor maneira possível. A ilusão da infinitude é o que carregamos na mente, mas a infinitude não é humana, não somos capazes de dominar o tempo. A gente se apega e acomoda no esperar viver, a gente não sabe viver e se desespera com o morrer. Esteja em dia com a sua espiritualidade, independente de religiosidade, a espiritualidade vai além do que você e eu acreditamos no que existe e no que deixa de existir, não disso de fato importa. A espiritualidade te faz sentir em cada espaço, ela é a porta para a finitude, longe do mundo físico e palpável. Se vc morresse hoje, você viveu pra que? Qual foi o sentido de todas as suas horas ao longo desse mundo? Você viveu pra quem? A única coisa que temos são as nossas horas, os nossos dias ao longo dessa terra. Nunca faça escolhas que te deixam refém, que sejam puramente altruístas, não viva por ninguém, não escolha seu destino por alguém, nunca se doe completamente, a ponto de permanecer vazio. O esgotamento é uma hipocrisia, ninguém pode oferecer o que não tem. Enxergue beleza nas pequenas coisas e lembre que você é finita. Por que você cobra do seu eu do passado o que você mesmo não consegue fazer? Por que você cobra dos personagens de ficção uma postura sabia que você mesmo não tem? É mais fácil assistir e lembrar atitudes erradas para se corroer no meio da noite, sentir calafrios ao ouvir falar de confronto, tente se enxergar com afeição ou, no mínimo, respeite quem um dia você já foi. Se não conseguirmos conversar com nosso passado, não saberemos como chegamos e aonde queremos chegar.

CAPÍTULO 265

Fragmentos escritos por mim

Yasmim Rocha Fernandes

Tempestade em Mim

Será que tudo isso vai acontecer?
Ou é só o eco da minha mente cansada,
gritando em silêncio por dentro?

A ansiedade me veste de ruído,
me prende em um quarto sem janelas,
onde o tempo é faca e o ar pesa.

Penso demais,
sinto demais,
sou um espelho rachado tentando refletir calma.
O milagre, talvez,
seja continuar -
mesmo quando tudo pede pra parar.

Você foi rosa e espinho.
Beleza que corta.
Doçura que sangra.
Acreditei no seu "eu mudei",
mesmo sabendo:
você nunca mudou por si,
nem mudaria por mim.

Joga corações como quem zera fases,
mas eu não sou prêmio,
sou dor real,
sou cicatriz que fala.

E quando me olho no espelho,
pergunto: quem ficou de mim?
Sou o reflexo ou a rachadura?
Sou o que dizem - ou o que temo ser?
Toda piada tem um pingo de verdade,
e eu me afogo em cada uma.

Recomeço

O tempo é lâmina invisível.
Rasga devagar,
sem pressa,
sem piedade.
Me ensina o fim em silêncio.

Sou peixe sem casa,
nadando em círculos dentro da própria mente,
tentando achar o caminho de volta
pra um lugar que talvez nem exista mais.

Mas mesmo ferida,
ainda insisto.
Há um sopro em mim -
fraco, mas vivo.

Não desista de si, eu digo.
Mesmo que o mundo desabe em ruídos,
mesmo que o corpo peça descanso.
Há beleza nas ruínas,
há cura no recomeço.

E se a vida ainda me corta,
é porque ainda pulsa.
E pulsa em mim -
mesmo na dor,
mesmo no escuro,
ainda pulsa.

CAPÍTULO 266

Verde que Respiro

Juliana Coutinho

Jardim

pela imensidão do seu

verde

que carrego

em meu olhar,

te vejo

te sinto

me entrego,

assim como

a poesia

do vento

nesse momento

é o que me faz

te respirar.

CAPÍTULO 267

Sem título

Márcia Antunes de Matos

"O vento noturno é uma luva de tamanho estreito no meu corpo.

Sinto aqui de longe o teu suspiro...

Aquele que ficou paralisado na despedida que eu não quis.

A saudade cheira mal. E cheira forte.

Deixei o avatar suspenso de vontades.

E me fui meio sem rumo pra um colo que eu invento sempre que dói...

Sim, eu queria mesmo estar perto, saber de ti, das tuas coisas todas.

Dos medos que te consomem, das coisas que te fazem rir, com aquele jeito meigo de olhar

pra baixo.

Queria saber que me guardou naquele baú de coisas boas que passaram por ti.

Acreditei que a saudade seria o que eu melhor consigo carregar.

Porque amor, eu queria mesmo era ter dividido."

CAPÍTULO 268

Gadinha

Fabianna Souza Angelo

A você, minha mãe, dedico esta poesia,
Hoje, imóvel, silenciosa, mas com um sentimento que a guia,
E renasce em cada novo dia uma esperança,
Que ilumina meus longos dias com sua presença.

Em seus olhos castanhos, vejo a luz que me guia,
Seu sorriso brilhante traduz vida e alegria.
Gadinha, era o que eu dizia quando criança,
Pois desejava dormir sempre em seus braços, em segurança.

As palavras não acompanhavam as ideias,
Mas você entendia e sabia que eu queria dormir agarradinha,
Meu sonho é ver você, minha mãe, caminhando firme,
Como antes, correndo de um lado para o outro nos afazeres domésticos.

Esperança e fé? Temos, e é por isso que em meus pensamentos,
Você corre em verdes campos, sorri, sempre cheirosa como uma flor,
E canta lindas melodias que formam mais que uma poesia, uma declaração de amor.

CAPÍTULO 269

As mulheres que me escrevem

Erika Verde Conceição Travassos

Quando eu era menina, aprendi a sonhar na escola,
entre livros de capa dura e palavras sem vozes.
As mulheres que eu via moravam em páginas de homens,
falavam pouco, sofriam muito,
viviam presas em nomes.

Capitu — de Dom Casmurro, de Machado de Assis —
me olhava com olhos de ressaca e de raiz.
Aprendi cedo: mulher que pensa demais
vira suspeita,
vira cicatriz.

Iracema — de José de Alencar —
virgem dos lábios de mel e do adeus,
feita para amar e desaparecer,
como se ser mulher fosse perder-se entre os céus.

E Amélia — a ideal — me disseram que era o certo:
servir, calar, ser teto e deserto.
Mas dentro de mim, a maré não cabia,
e o vento do Maranhão já me dizia:
“há outras vozes, menina, que um dia você vai ouvir.”
Demorou.

Mas o tempo trouxe as chaves do porvir.
Descobri Maria Firmina dos Reis,
minha conterrânea, mulher negra, raiz,
que escreveu Úrsula contra o silêncio do país.
Com ela aprendi que a pena também é tambor,
e que a escrita é filha da dor e do amor.

De Carolina Maria de Jesus ouvi o grito do papel,
catando sonhos entre o lixo,
transformando fome em céu.
Com Conceição Evaristo, vi o verbo sangrar —
escrivência é o corpo a se lembrar.
E de Chimamanda, lá do outro lado do mar,
ouvi que o feminismo é um idioma de se libertar.

Hoje escrevo com as marés que me criaram,
com o cheiro de buriti e o som dos bois que dançaram.
Escrevo com as mãos que vieram antes,
mulheres-ponte, mulheres-fontes,
que abriram caminhos para eu passar.

Sou feita de palavra e resistência
filha da terra onde o sol insiste em brilhar.
E se hoje escrevo, é porque um dia li —
e porque elas, antes de mim,
ousaram existir.

CAPÍTULO 270

Indefinindo a poesia

Paula Soledade dos Santos

Se perguntassem o que é poesia

Não saberia dizer

Poderia responder que é um abraço apertado após longa separação,

Ou um machucado sarado após ser beijado,

Poderia dizer também que é o arco íris após dias de intensas chuvas

Ou uma flor que insiste em brotar na rua

É comida alimentando o faminto

E água matando a sede

Não move a economia

Mas enriquece a alma

Não é útil

E nem foi feita para ser

Se para ser útil o inapropriado precisa morrer

É o próprio improprio

É a urgência de ser.

CAPÍTULO 271

Guia

Ingrid De Sousa Nunes

Meus olhos cheios d'água
Buscam você
Buscam seu rio
Para que eu possa me afogar

Suas águas não me afogam
Me guiam para o amar

Te vejo nos ventos que sopram
Te sinto nas esquinas dos meus ossos

Tenho medo e coragem
Mais verdade que mentira

Sem saber como te alcanço
Só peço – “Oxum, me guie!”

Soneto da Menina

Juliana Fagundes de Carvalho

Menina, olhe para o horizonte,

mire a luz que o sol irradia.

Observe o quanto te parece longe,

mesmo assim te toca, aquece e alumia.

Sei que os teus sonhos estão longínquos;

por vezes, muitos soam impossíveis também.

Mas nem sempre confie nesses seres vivos

que tiram tua fé e te mantêm refém.

Eles podem até ser bons,

mas a condição é que tu não despertes teus dons;

que esteja claro, muito claro, o teu limite.

Mas saibas, menina:

o mundo é maior que esse laço que te aniquila e

não te cabe mais o açoite.

CAPÍTULO 273

Hoje não!

Margarida Lopes de Jesus

Deixarei que meus cabelos
Se esparramem pelo chão
Como não brisa lúcida da manhã
Mas hoje não!
No dia que fechar meus olhos
Transformarei- me em pedra
Que nada fala e nada faz
E assim passarei a ser uma marionete
Mas hoje não!
Gritarei os nomes daqueles que sussuram por mim
E ecos após ecos sufocaram tua opressão
E nada de lençóis vermelhos ao chão
E por isso eu digo: Hoje não!
Apertar a minha mente?
Não dou essa autorização
Nem um psiu ou um puxão
Ou meras palavras porcas vindas de um lixão
Pois oxente, saiba que hoje não!
Pode rir da minha história
Enquanto vem só glória!
Quem é você? Quem é você?
Acredito que nem sabe responder
Pode fazer pouco caso de mim
Isso não me afeta mais
Antes eu fechava minha cara para o mundo, mas hoje não!
Resisto sempre, mesmo com muita multidão

Não, não vai passar nem sequer um palavrão,
Não passará nada
Hoje eu digo, e todos que me seguem falaram por mim,
Que ninguém me calará outra vez, é hoje mais não,
Afogue suas lágrimas e irônias
Meu protesto é relevante
Hoje você não me derrubará
Aliás, nunca derrubou
Olhe para trás, e veja o que mudou
É, hoje não, nenhuma violência ou racismo passarão.
Margô Lopez.

CAPÍTULO 274

Na Naia do amor

Rayná Isabely Haese Januário

Nosso Passado No começo imaginamos um amor puro Um clima de frio Nossos filhos no quarto ao lado Eu e você na cama, no escuro, apaixonados Um amor puro, mas bem intencionado Futuro, onde estás? Fico presa nesse presente, implorando para que tu me tragas o amor que eu via nos olhos dele um tempo atrás Em uma varanda qualquer em Setiba eu me pego pensando Você esta no quarto descansando E eu aqui, escrevendo e chorando Nós não somos mais os mesmos Não somos nem mais um nós Eu queria estar em um pesadelo Ja você, doido pra ir pro pós Eu tenho lutado Contra os meus autos atentados Contra o desespero de nao te ter no meu quarto Contra a esperança de que o futuro tenha algo reservado A chuva é barulhenta Mas na minha visão, ela esta cada vez mais lenta Combinando com o meu choro ou se preocupando com o próprio desespero? Por favor, dê-me uma resposta que me acalenta Talvez assim eu perceba que existe alguém que me entenda Você me chama de manipuladora e mentirosa Fala que a percepção que tem de mim é horrorosa E nisso ficamos dando voltas e mais voltas Eu tento te provar Mas você não quer mudar Então mais uma vez, o peso fica nas minhas costas A Naia no sentido figurado é cruel e sanguinário Combina com o nosso relacionamento fraco A falta de comunicação sempre te deixou bravo E ai, nossos caminhos se destilaram Nossas ideias mudaram assim como nossos passos Me abraça e me beija Compra o seu cigarro e a sua cerveja Se convença da sua opinião formada sobre mim Ai eu te garanto que não tentarei te contrapor das suas desconfianças Vou deixar o dia fluir sem fim Mas quando chegar a sua insegurança junto com as as suas falsas lembranças Eu te lembrarei que mesmo depois de um ano separados, eu procurei mudança Na forma como eu me comunico Na forma como eu me justifico Mas nunca mudarei na minha sinceridade e lealdade Muito menos, no que por você, eu sinto. - Meu amor perdido ou meu eterno amigo?

CAPÍTULO 275

Manifesto de um gato estelar com fome de mundo

Ana Liandra Carvalho Rodrigues

Nasci no ventre de uma constelação suja, Minha mãe um cometa com garras, Meu pai uma página em branco rasgada por Nietzsche. Aprendi a miar em latim, Enquanto basquiat me servia caos no café da manhã : ovos fritos na fúria de uma cidade que sangra grafite. Shakespeare cochicha em ouvido: "Chora criatura,tua dor é verso". E eu choro tinta. Pinto palavras em corpos que me rejeitaram. No tribunal da razão , Kant me acusa : -voce ama demais, pensa de menos -errado senhor.Eu amo pensando e penso me destruindo. Sou a síntese de tudo que não cabe Nem no gênero,nem no tempo , nem no peito. Vivo entre dentes de felinos invisíveis Que mastigam o céu enquanto eu escrevo. Minhas unhas são canetas Minhas cores metáforas. Não peço que ne entenda , peço que me leia e se puder, Me tema um pouco

CAPÍTULO 276

A górgona

Maria Clara Alves Fernandes

Tem olhos de Medusa. Tem sim, senhor!
Mas face tão bela quanto tal.
É Paixão de um infarto,
Os pulmões rígidos como metal.
No meu beco de incertezas,
Medusa me encurralou.
Olhou fundo em meus olhos, e meu tino petrificou.
Quero estar presa em calcário
Imortalizar-te em um relicário
Dar nome às suas serpentes
Sentir meus dedos dormentes
Me conte medusa, quais são os segredos de Pandora.
Não me abandone com saudade
Que aos poucos me devora!
Vem a mim, minha Medusa.
Não poderia amar outra
Me encare com ardor
Enquanto ignoro o pavor que me engole
Eternize em uma efígie de mármore,
O amor que me leva ao descontrole.

CAPÍTULO 277

A cômoda

Pollyana Correia Lima

Dentro do quarto havia uma velha cômoda,
quase tão velha quanto as paredes daquela casa.

As paredes e seus segredos.

Os segredos e o espelho.

No espelho, a imagem do rosto velho e cansado.

A moça velha da família.

A que não casou

não constituiu família

“Como uma borboleta que apodreceu em seu casulo porque não quis levantar voo”

— assim disse Laurinha, sua sobrinha-neta — enquanto penteava seu longo cabelo branco.

CAPÍTULO 278

Construtor

Byanca Borges de Araujo Cardoso

São 3 horas

É preciso acordar

O galo não cantou

Mas é hora de levantar

Desvia o sono

Café na gola

Corre, se arruma

Marmita na sacola

Bate, toc na madeira

Martelo na mão

Sol escaldante

Cimento no chão

Ninguém viu o relógio

Ver não precisa, somente sentir

O eco feroz no estômago,

É hora de partir

São 12 horas

desvia a fome

Engole. Macarrão na gola

Menos tempo se come,

mais rápido termina

Bizimm, perfura a madeira
Furadeira na mão
Luta contra o sono
Lembrando do menino chorão

O sol esfria
A sombra diz que é hora de partir
Confere a massa
Diária feita, põe-se a sorrir

Metrô lotado
Empurra o resto no chão
Tenta se manter em pé
Lembrando do menino chorão

Nhac, mastiga a carne bem-feita
Sorrir de alegria
Ver os olhos agora brilhar
No rosto da sua cria

Eram 22h
Não viu o tempo passar
Construiu o lar de outros
Mas o seu ainda tem que conquistar!

São 3 horas...

CAPÍTULO 279

Professora humana e (in) substitutível

Byanca Borges de Araujo Cardoso

I

No aleio dos teus olhos
Sinto o respirar incomodante
Mesmo sabendo o meu ambiente
Estive ali, não querendo, porém confiante

Era 7h, o horário do movimentar
e se levanta, se arruma, se veste
O tempo excede
Mas chego no lugar

Bom dia,
Oi, como está?
Perguntas cotidianas,
Que sinceramente
Não tem muito o que falar

Pessoas vão
Pessoas vem
Pessoas ficam
E escultamos: sempre somos substituídas

Engole o choro

Mostra trabalho

Crianças correndo

Planos atrasados

Sacrifício de vida

Camisa vestida

Suor pingado

Um uniforme querido e rejeitado

Passa o dia

Come por lá

Tudo feito

Muito a se planejar

O outro dia vem

O “bom dia” também

O suor na camisa vestida reaparece

Nada se finda

Todos são substituíveis

Tudo é moldável

Sentido! Postura!

Compromisso irracional

Ultrapassa o horário

Passa o ano

Semestre 1, semestre 2

Sentido! Nada está perdido!

Anos se passam

EU QUERO ASSIM!

É MELHOR, VAI POR MIM!

Obediência nata

Ouvimos: somos substituíveis.

Não somos importantes

Já que o nosso não começa a aparecer

E com ele o olhar incomodante

Ver a vida com outros olhos

Notar o tempo familiar perdido

Se exclui das desnecessidades

personalização interessante

Será desculpas?

Pois ouviu o não!

Lá vem a substituição

Olá, humilhação!

Cruel essa vida

Para uma mãe perdida

Que disse não por causa das filhas

Mas o que vale é o que querer do patrão.

CAPÍTULO 280

Tempo

Eliane Silva do Nascimento

Queria ter um tempo só para mim,
um tempo que não tivesse horas nem minutos,
em que os dias se passassem mais lentos.

Aí eu iria ver o tempo realmente como ele é.
o tempo que se esvai,
como o sol todos os dias, nascendo e se pondo,
enquanto a terra gira ao seu redor.

E eu estou aqui,
correndo atrás de um tempo que perdi,
revivendo-o em minhas lembranças do passado.

Me olho no espelho
e vejo fragmentos de quem já fui;
A fragilidade de ser quem eu sou me consome

Queria ter o poder
de reescrever as minhas lembranças,
de viver tudo o que não vivi.

Hoje, eu vejo meu tempo descompassado,
tomando outro rumo,
vivendo outro tempo
dentro do meu próprio eu.

CAPÍTULO 281

Despedida

Eliane Silva do Nascimento

Estou partindo porque não tive coragem de dizer adeus.
Te procuro em minhas memórias, mas é em vão,
tudo o que encontro são pequenos registros
que meus olhos captaram de você.

O vento leva o barco para longe do cais; o mar está calmo.
O dia está ensolarado e sem previsão de chuva.
As memórias chegam e se vão,
assim como as ondas do mar se quebram.

As lembranças dos seus gestos se evaporam na mais calma maresia.
Quando a noite cai e inunda o céu com sua escuridão,
contemplo as estrelas, como se esperasse
uma resposta do nosso destino.

Mesmo mudando a rota, sou assombrada pelo amor
e preenchida pelos resquícios dos afetos.
Meu coração, que costumava ser seu abrigo,
passa novamente a ser minha morada.

CAPÍTULO 282

A força feminina: Descontinuando Caminhos

Vanessa Gonçalves Vieira Araujo

Tentaram calar sua voz
Negando-lhe acesso e espaço
Mas no cativeiro velado onde lhe mantinham
Fez da prisão um palácio.
Sua habilidade era visível
E sua força, a mais imensurável
Enxergaram! E tentaram sufocá-la
chamando-lhe frágil.

Diante da opressão, por vezes não se enxergava
Calava-se e cansada se conformava
Mas lá, no fundo, seu coração sabia
Que seus passos poderiam ir longe.

Um dia descobriu que não era a única
Uniu forças e se mostrou para o mundo.
Travou uma luta contra os gigantes
Novamente tentaram cercá-la, mas era tarde!

Ela já não era como antes!

CAPÍTULO 283

Quando falar é quase impossível

Raiane Hellen Pereira Da Silva

Barulho.

Confusão.

Sentimentos embaralhados,
presos, sufocados,
quase em explosão.

E então...

regressam.

Num segundo.

Silenciosos.

Como explicar
o que queima por dentro?

Como expressar
o que não encontra voz?

Deixar pra depois?

Guardar pra si?

Engolir seco
até o peito ferver?

Se corroer

por não saber se comunicar,
se torturar, se desfazer em lágrimas
em vez de dizer uma palavra...

Falar.

Será mesmo tão difícil assim?

Ou comunicar-se

é o mais doloroso

quando ninguém parece pronto

pra escutar?

CAPÍTULO 284

Doutrindade

Diana Cabral Toneli

O pecado foi feito. não por minhas mãos, mas por bocas que cuspiram o nome do amor como acusação. E o olhar do ódio percebido antes mesmo da palavra queimar meu peito: “Anormal. Errada. Pecadora.” Em nome do Pai que me bateu, do Filho que se calou, e do Espírito que sussurrou: “Isso é pelo teu bem”. Amém. PECADO Chamei de amor o que o altar chama de inferno. JULGAMENTO Tribunal de panela de pressão: gritos, pratos, lâminas e um Deus mudo pendurado na parede. CONDENADA Minha carne virou lição para ensinar outras meninas a não voarem. AMALDIÇOADA Cuspiram sal na minha raiz e esperaram que eu murchasse de vergonha. SILÊNCIO Água benta que afogou minha voz. O que era para lavar a alma afundou o meu grito. REDENÇÃO (exige pele no altar) Rasgaram minha verdade e costuraram de volta com a linha de silêncio. “Ela afinal se concertou.” DOCTRINAÇÃO Repitam até eu acreditar: “O amor que sinto é um erro a ser corrigido.” RESULTADO DA DOCTRINDADE: Uma santa de mentira com asas de borboleta presas em formol. SANTA DOCTRINDADE padroeira das quebradas, das que não se encaixam na missa das famílias perfeitas rogai por nós que ainda carregamos espinhos e chamamos de jardim o lugar onde quase nos enterraram vivas. -Diana Cabral

CAPÍTULO 285

Meu manifesto

Ariane Katiely Pereira da Silva

A escrita é o meu fundamento para resistir.

Quando escrevo, encontro alívio para as aflições da vida.

Quando escrevo, eu clamo, entre os murmúrios das palavras.

Quando escrevo, eu me pertencço e também me disperso.

Escrevo porque observo, porque penso e principalmente, sinto.

Escrevo porque existo.

E esta existência me faz transbordar.

CAPÍTULO 286

Eu sou mulher, eu falo

Nathálya Coutinho Gonçalves

"Eu sou mulher! Faço o que eu quiser! Ninguém vai me calar. O que me move é minha fé, e nesse mundo, nada vai me fazer parar. Sou mulher por onde eu andar, e nada irá impedir meu direito de me expressar e falar! Esse lugar é meu! Quem fala o que eu posso ou não fazer sou eu!

Ligo minha televisão antes do trabalho e me deparo com notícias de morte por espancamento. Cadê o socorro para essas mulheres que precisam de amparo? Homem não manda na minha boca! Pode tentar me calar o quanto quiser, mas eu não sou qualquer pessoa... Eu falo porque eu tenho um M maiúsculo de mulher!

Cadê a justiça? 1.469 mulheres, em um ano, já desceram à sepultura! Isso não tem perdão! Queremos solução! e mais dedicação. Força pelas mulheres, avante vamos então! 180, disque denúncias! Ajude uma mulher ou faça uma renúncia."

Diversas vidas foram perdidas. Outras, humilhadas, agredidas, chantageadas e muitas ceifadas. Brasil, aonde vamos parar? Dizem que temos lugar de fala, mas onde ele está? Quantas de nós precisam morrer para alguém nos enxergar? Enquanto não ouvirem meu apelo, não vou abaixar nosso tom de voz! Pois é a única coisa que temos por todas nós.

CAPÍTULO 287

Crônica de uma esperançosa entusiasta

Juliana Balitski

É no fim do dia que tudo pesa. O botão da calça se desfaz entre os dedos como um pequeno ato de libertação. Estou prestes a tomar o banho que promete relaxar, dissolver o cansaço acumulado e silenciar, por instantes, a mente barulhenta. Ali, naquele instante sagrado entre o calor da água e o vapor no espelho, sinto que posso ser apenas eu. Sem máscaras, sem o esforço de parecer bem. Apenas eu meu corpo exausto e o emaranhado de pensamentos que insistem em ocupar cada canto da minha cabeça. Quero acreditar que aquelas gotas que deslizam pela pele são mágicas. Que lavam não só a poeira do dia, mas também as sobras emocionais que já não cabem em mim. Imagino que têm o poder de reorganizar o caos do corpo e da mente como se o chuveiro fosse uma espécie de alquimia silenciosa. Mas então, desligo. E com o fim da água, cessa também o encantamento. O peso retorna. A desordem se instala de novo, como se nada tivesse saído do lugar. Suspiro. Desisto, por hoje. Amanhã eu tento de novo. Com mais fé. Com mais entusiasmo. Como quem recomeça pela milésima vez e, ainda assim, acredita. Como uma tentante iniciante. Como uma esperançosa entusiasta.

CAPÍTULO 288

Hoje eu vi um beija flor

Daiany Cris Silva

Uma pequena árvore prevalece na calçada de concreto
as pequenas flores, vermelhinhas, anunciam timidamente sua presença
já os galhos, tão seguros de si, orientam para luz toda sua graça
não há timidez que esconda uma linda flor
e os pássaros sabem muito bem disso
o beija-flor se aproximou ligeiramente
com seu voo leve acariciou as tímidas flores
mesmo rodeado de bichos barulhentos o passarinho insistiu beijando uma a
uma todo arisco e cheio de pressa
há tanto tempo não via um beija flor, até me perdi observando a cena
nesse lampejo de segundo me lembrei o que é uma furta cor
acabei acreditando que apenas o papel celofane da papelaria poderia ser furta
cor eu só não via um beija flor há muito tempo
e os bichos ao redor insistiam em fazer barulho, falando e falando
o barulho foi tanto que o beija flor se foi
falavam de tanto sucateamento que a sucata acabava por ser suas vozes
barulhentas enquanto eu observava o beija-flor, os barulhentos foram se
fechando em roda e o barulho que eu fazia já não se ouvia dali de onde eu tava
havia um papel celofane estendido bem no meio deles
o papel brilhava tanto que cegava todos e ninguém via o beija flor
ali reluziam conversas sobre preocupações grandiosas para os homens
me perguntei se a furta cor poderia ser melhor se apenas tivesse ficado no
corpo do beija flor dei um passo à frente e uma fresta se abriu na roda
o sol da manhã a reluzir no verde da árvore e eu ali
procurando uma oportunidade pra dizer desisti de tentar entender o que de tão
lindo havia num papel celofane naquele grupo de homens ninguém viu sua
cegueira em roda e o beija flor lá longe tinha ido
me despedi e fui também desde então, nunca mais vi um beija flor

Sou Nordestina

Jarina Patricio Barros Sousa

Sou uma cabocla nordestina,
Nasci no belo Ceará, falo com prazer.
Quando abri os olhos, já ouvi o canto da galinha...
Ó lugar selvagem, mas tão bonito de se ver!
Logo, puseram-me numa rede de algodão —
Não tinha esse negócio de berço, não.
Comia mingau de goma, com leite qualquer,
Nada de dengo, nada de ficar de mão em mão.
Fui crescendo, via meus pais trabalhando,
Tinha irmãos mais velhos, e nascia mais irmão.
Ia pra escola, nossos pés eram nossa condução —
Feliz, no caminho, tomava a bênção a todo ancião!
Morava na serra íngreme da Itapipoca,
Lugar de mocó, macaco, onça e gavião.
Quase todo bicho da floresta lá existe,
E o canto do corupião encantava o coração!
Nossos vizinhos eram simples trabalhadores,
Povo honesto e leal, cultivava a amizade.
Morávamos num lugar remoto, bem distante,
Mas lá não existia egoísmo, só honestidade!
Depois, mudei-me pra uma pequena cidade,
Achei tudo estranho, era muito diferente.
Não tinha o barulho estridente da cachoeira...
Ah! Que saudade! Dói no coração da gente!
Com o tempo, mudei-me pra grande cidade,
Tive uma vida excelente na minha mocidade.
Depois de adulta, sorri, chorei, cultivei o amor,
E Deus amparou-me, enviando-me a felicidade!

CAPÍTULO 290

Joãozinho Contando Histórias

Jarina Patricio Barros Sousa

Joãozinho Contando Histórias Era uma vez um menino sábio e inteligente, Incontáveis histórias dançavam na sua mente. Joãozinho era admirável na sua tenra idade, Alegrava adultos, aos pequenos e à mocidade! O menino entrava num velho baú de madeira, Dentro dele havia uma extensa e íngreme ladeira. Caminhava bastante, chegava a outro país — Agora era um príncipe, sonho que sempre quis! O país era um grande e riquíssimo reinado, Lá, Joãozinho era um cientista renomado. Era noivo da filha única do rei, a linda princesa — Uma poliglota, a moça mais bela da realeza! O amoroso casal faria uma longínqua viagem, Tinha um convite, era uma extensa mensagem. Logo veria a Branca de Neve no seu casamento, E os Sete Anões chorando no grande juramento. Na festa estaria a jovem princesa Aurora, Aquela do beijo, a Bela Adormecida de outrora. A Chapeuzinho Vermelho também estaria lá, Com seu lindo sorriso, a todos iria encantar! Alice, madrinha da noiva, estava adorável — Tornou-se uma bela moça, sempre amigável. Joãozinho seu País das Maravilhas conhecia, Lugar encantador, povo feliz, cheio de alegria! Joãozinho dançou uma valsa antiga com a Alice, Os anões comiam e bebiam com gulodice. O lobo mau, faminto, na festa não pôde entrar, Triste e envergonhado, começou a chorar! Joãozinho vivia no Reino, também no seu lar, Amava sua vida, tinha muitas fábulas a contar. Cada história era diversão, pura fantasia, Um mundo de paz, sorrisos, pura harmonia! Jarina Patricio

CAPÍTULO 291

Mulher que é Nordeste

Maria Marília de Moura Nascimento

Nasci do barro quente, do sol que não pede licença, da força das que vieram antes de mim, mães, mestras, parteiras, lavadeiras, que ensinaram o mundo a florescer na seca. Sou feita de vento que canta, de riso que desafia o silêncio, de lágrima que vira verso, de dor que se reinventa em dança. Carrego no corpo o mapa do sertão: rachaduras que são caminhos, raízes que são promessas. E na alma, o fogo manso das que educam com a paciência de quem entende que ensinar também é amar. Sou mulher de rede e resistência, de palavra firme e coração terno. Faço da vida minha sala de aula, do afeto, minha pedagogia, da escrita, meu grito bonito, porque quando escrevo, sou todas as que não puderam falar. Nordestina. Não peço espaço: ocupo. Não espero o tempo: crio. Não fujo da seca: planto chuva com as mãos. E se um dia disserem que sou pouca, eu sorrio, lembrando das minhas, porque de onde eu venho, mulher não desiste: recomeça.

CAPÍTULO 292

Mulheres de todo jeito

Joanice Vieira Leite dos Santos

Ei, olha pra elas. Mulheres. Não moldes. Não rótulos. Seres inteiros em pedaços que o mundo tenta entender. Tem mulher que chega de salto e derruba a sala inteira, tem a que vem de chinelo, mas pisa como rainha. Tem a que fala alto, que incomoda, e a que fala baixo — mas ninguém ignora. Mulher é verso livre, é poema sem métrica, é tempestade que não pede licença pra chover. Tem mulher que é da roça, mão firme, terra na unha, e tem a que domina reunião de terno e unha vermelha. Tem mãe solo, tem filha guerreira, tem mulher que cria o mundo enquanto o mundo tenta criar barreira. Tem a preta linda de trança, a branca de alma gigante, a indígena com sabedoria ancestral, a nordestina arretada, vibrante. Tem mulher que ama mulher, e mulher que ama homem, e mulher que só ama ser livre — e tá tudo bem. Elas choram, elas gritam, elas dançam. Caem, levantam, recomeçam. Porque mulher não é frágil, é estratégica. Não é flor, é floresta inteira. Então respeita. Porque ser mulher é carregar o mundo na bolsa, e ainda sorrir com batom borrado. É ser passado, presente e futuro, tudo junto, misturado, e magnífico.

CAPÍTULO 293

Tu serias

Ana Clara Costa da Silva

Se eu fosse a lua, tu serias meu oceano? Se eu fosse a chuva, tu serias o meu café quente? Eu sempre te tenho em minha mente. E aí, como você me surpreende. Tu serias a minha arte mais bela, a minha aquarela. Tu serias a minha obra-prima, mais perfeita que rosas e tulipas. Tu serias a minha música preferida, aquela que toca sempre em minha vida. Tu serias o meu quadro predileto, aquele que amo por completo. Você é importante pra mim, de uma tal maneira que não consigo explicar. Mas percebi que é você que quero amar. Os seus cabelos me enrolam. Os seus olhos me alucinam. Seu sorriso me desmancha. E sua voz me encanta. O tempo todo foi você, e só você.

E o que seríamos?

Talia Balieiro da Silva

Hoje, me encontro comigo conversando com meus pensamentos interiores sobre “e o que seríamos?”. É absurdo o quanto a vulnerabilidade pode ser sinônimo de voltarmos a estaca zero, mas qual estaca? A decisão já foi tomada racionalmente, entretanto, meu emocional tende a querer aquilo que não posso ter, e por decisão minha o laço se desfez. E, eu? Eu não posso mais reatá-lo, ainda que eu tenha um desejo súbito, um desejo que me acende por inteiro como se eu estivesse percorrendo dentro de uma casa incansavelmente a sua procura na esperança de voltar aquilo que no início foi tão maravilhoso e impecável, porém, a razão grita em meu ser, me impedindo ser impulsiva, me afastando daquilo que não me faz bem, e é difícil, sabe? Dói! Fico aqui às 23:33 a pensar: e o que seríamos? E não seremos porque já fomos no nosso tempo e momento.

Agora resta-me acalmar meu coração, acalmar meus olhos que insistem em transbordar só de pensar “e o que seríamos?” Quando na verdade vivencias o presente é pensar: não somos, não podemos permanecer. É o que deve prevalecer, ainda que a emoção diga o contrário, tente te arrastar para aquilo que te afundou, lembre-se: A escolha do não voltar, a escolha do visitar o sentimento que remete às decepções, é nada mais do que o reforçamento do seu processo sendo exposto e testado para permanecer não voltando, ainda que o passado fosse bom! Pois, ele permanecerá em suas memórias como um retrato capturado e registrado em um contexto de felicidade, que ao longo dos anos vai se desgastando, perdendo o brilho das cores, esvaindo sua beleza. Siga assim, no presente racional, se escolhendo, se amando, e assim como o retrato, anos depois será apenas mais um capítulo, superado!

CAPÍTULO 295

Tudo o que tive medo de dizer

Maria Fernanda da Silva Rodrigues

Tenho fugido dos papéis em branco.

Tenho medo das palavras que se formam sobre eles e dizem tanto sobre mim.

Tenho medo de escrever o que não sinto, sentir o que não escrevo - *e escrever exatamente o que sinto.*

Porque escrever é também ler,

e eu não quero me ver sobre esses versos vagabundos.

Tenho medo de beber demais e acabar ligando.

Medo de beber de menos e também acabar ligando.

Medo de, no fim, não ter para quem discar.

Medo de ser esquecido ou lembrado como aquele que teve tanto medo que morreu na beira da praia,

sem tocar os pés nas ondas porque nunca soube nadar - *e nem tentou.*

Medo que minhas palavras digam bem mais do que deveriam.

Medo de fechar os olhos e as lágrimas rolarem.

Medo de não saber terminar esses versos - *e pavor de encarar o fato de que sei exatamente como termina.*

Não há mais vinho em minha taça.

As chamas do meu cigarro se apagaram.

Me restaram as cinzas espalhadas sobre a mesa.

O vento invade a minha janela,

suplicando em seus sussurros que me deite e durma.

Porque o sol, ao contrário de mim, não terá medo de aparecer amanhã.

CAPÍTULO 296

Furacão

Sofia Martins Pinheiro de Paiva

Eu me desfaço em poesia, E você quer calma, onde só vai encontrar
tempestade Você quer dias leves, não intensidade Meu amor não foi feito pra
você Como faço pra não me viciar? Nesse embaraço de palavras soltas, Com
tão bela insensatez Como faço para não te escrever poesias? Se fui forjada por
elas, muito antes da sua chegada Se quer um conselho, Fuja de mim, enquanto
ainda não te puxei para meu centro, enquanto ainda me encontro em liberdade
Fuja de mim, até que não veja nem resquício da minha cor Fuja Enquanto ainda
não foi capturado Pelo meu amor.

CAPÍTULO 297

Samba, Mulher

Daniela Ramos Dias

Toda mulher vai sambar,
preta, branca, amarela,
um samba no pé vai pôr,
numa favela feminina
cheia de canteiros de flor.
Um pagodinho rápido
no alto do morro.
Tereza vai cantar,
Carmen vai dançar,
Baderna pronta está,
Marie vai se misturar,
Alcione, o samba no pé vai pôr.
A favela se enche,
as gringuinhas também vêm sambar.
Os caminhos da favela agora são rosa,
com um falso sambinha de fundo e
um aromatizante de rosas
para amenizar
a dor do sambar.

Cartas que nunca chegaram

Sarah Silva Moreira

Escrevem-se amores como quem pede socorro.
Alguns chegam, outros se perdem nas esquinas do silêncio.
Há quem seja verbo, há quem seja vírgula,
e há quem seja pausa em todas as linhas que doem.
O amor, às vezes, é um eco.
Uma carta que volta sem resposta,
um nome que ainda mora nas margens do peito.
Nem toda entrega recebe abrigo,
nem todo toque aprende a ficar.
Mas há beleza no gesto de continuar escrevendo,
mesmo quando a página já está molhada de ausência.
Talvez o amor seja isso,
a coragem de enviar,
mesmo sabendo que pode nunca chegar.

Querem nos calar

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha

Revisito dores

Gritos ecoam dos horrores

De não ter para onde ir

Saio em busca

Por libertação

A fala silenciada

Subornada por afetos simbólicos

Vestimentas...

Muitos erguem a bandeira

Em defesa

De diversas causas

dos povos originários, pretos, comunidades tradicionais

Dentro de si

Açoite

Violência

Repressão

Manifestação do poder

Onde estão as senzalas?

E os donos do açoite?

Existem, resistem e insistem em vencer...

Ensaio riso triste.

Precisei de cores

Que suavizam dores.

CAPÍTULO 300

Eu-Poema

Catarina Nogueira Wottrich

Me perdi em versos
Que não li
Meu corpo - poema
Dilacerado
No espelho, só o vazio me encara
Um eu-poema desconhecido
E de verso em verso,
espetadas e agulhas
Vou costurando as estrofes do meu ser.

CAPÍTULO 301

Querença

Marina Charaba Santos

Eu queria que a escola nascesse de novo, segura e amada
Que tivesse seu tempo respeitado e sua autonomia incentivada

Que ela aprendesse a ser espaço de democracia
Com plena consciência da sua importância e valia

Queria que ela crescesse espelhada na vida real
De modo que seja possível se identificar com o que é igual

E queria que ela se vacinasse contra o “produtivismo”
que nos rouba todo o protagonismo

Nessa minha querença, ela teria cúmplices (e muitas!)
a quem chamaria de educadoras e educadores

E depois disso, viriam herdeiras e herdeiros
a quem chamaria de aventureiras e aventureiros

E sendo assim, ela se tornaria abrigo das diferenças e guardiã dos afetos
Acolheria todas as lutas e brincar seria decreto!

CAPÍTULO 302

Garimpando-se

Clarice Gonçalves Rodrigues Alves

Doença, sentença, esperas, sorrisos poucos, amigos fortuitos
Cabelos ínfimos, sangue, agulhas, despir-se em silêncios
Células que cansam, lutam, proliferam-se, profusão, confusão
Amiga, mulher, alma grande, garimpar-se na essência de tudo

Esperança em flor, sangue em cor, raios de sol, solidude, solidão
Choro calhado, chuva calada, fios a crescer
Sopro de vida, menina, mulher
Resistência, sapiência, pepitas em seu picuá!

Esperançando-se e garimpando-se
Do pranto, ardor; da sombra, a cor
Peneirando seu cascalho, amiga, menina, mulher

Ouro em si, mina de tudo o que há
Garimpe-se, cure-se, encontre-se
Menina, amiga, mulher.

CAPÍTULO 303

Entre cachos e acasos // Sobre ser

Hêndria Barata de Moura

Entre cachos e acasos

Você me disse que não viria,
e ainda assim eu esperei.
Um vagar pelo tempo
de algo que só fui teimosia.
Se vem ou se vai,
se seria em vão,
não tive como saber.
A boca diz o que muitas vezes não fazemos:
por isso aguardei.
(e também por muito mais)
Em algum ponto eu quis apenas perder a hora,
ir embora e te alcançar.
Talvez eu tenha me perdido em algum lugar.
Mas eu te vi,
finalmente vi.
O negro dos seus olhos e o molde dos seus cabelos.
Tomou-me o corpo e a alma,
eu te abracei e fiz morada,
em silêncio, na noitada.
E entre cachos e acasos,
formamos
nós.

Sobre ser

Sou vento e sou tempestade.

Brisa cálida que toca a pele, momento:

aqui e agora.

Sou mundo afora,

e às vezes nem saio de casa.

A ti grito versos

e choro meus pecados.

Sou errado.

Sou.

Sou.

Sou garoa à toa,

filho do tempo que dança

perante à efemeridade da vida.

Quão triste é alguém que não sabe ser?

Quão melancólico sou ao não te ver?

Minha paixão, meu amor,

meu segredo em esplendor,

que todo mundo sabe.

A ti, Vida, sou devotado.

E tu me repreendes; sou castigado.

Sou triste, amargurado.

Mas sou.

EU SOU!

Me sou

enquanto ser.

CAPÍTULO 304

Salvador - terra mãe

Karla Rachel Jarsen de Melo Calheiros

Aos caminhos que percorri agradecer a terra raiz é sempre a sensação de voltar para a segunda casa.

É encerrar ciclos
Abrir novos
Coração pulsar de alegria
É o novo chegar depois de longa travessia
É abrir o peito e dizer: sim, estou pronta para fluir
É sorrir com alma e partir com gratidão
Afago e abraço apertado de saudade sem fim.
Pores do sol ao entardecer
Agradecer, agradecer e agradecer.

É lembrança,
É mudança,
Aos que já ancoraram nesse percurso, obrigada pelo aprendizado .
Aos novos, sejam bem vindos
Aos que virão que seja leve.

Afinal, tudo existe e tudo tem seu mistério.

CAPÍTULO 305

O Bilino dos Teus Olhos

Joyce Laurienny Aparecida Ribeiro Moreira

Oh, minha querida, vieste a este mundo tão pequenina,
com olhos que brilhavam como se o céu houvesse escolhido
as estrelas mais puras para combinar com tua alma.

Doce criança, que provou os primeiros fermentos da vida
e foi curada pelo toque suave do amor de mãe.

Agora és adolescente e já conheces o peso das frustrações
e o alívio das lágrimas que lavam o coração.

Então chega a tempestade da maioridade,
soprando ao ouvido que é hora de decidir caminhos,
e de vez em quando, descansar
com um bom copo de cappuccino entre as mãos.

O tempo avança, e de lá pra cá
surge os primeiros fios brancos,
as rugas que desenham histórias sobre tua pele.

Na areia do mar, revês tua vida
como um filme que ainda estás vivendo e escrevendo.
E, diante de tudo, surge um sorriso sereno,
repleto da sabedoria que só o tempo concede.

Mas há algo em ti que jamais mudou:

o brilho dos teus olhos,
aquele mesmo que vi no instante em que nasceste.
Querida, tu és e sempre foste irradiante.

Ode ao café

Maria Marta Figueiredo

Me apresentas como grãos negros,
Pequenos corpos, calmos e silentes,
Que um a um são esmagados,
Num gesto de violência tamanha,
Mas nada de sangue se vê.
Resulta então em fragmentos finos,
Cinzas da antiga forma,
Gerados da terrível agressão.
E ali esperam,
Sem pressa,
Descansando da dor,
Que de um grão,
Se transformou em odor.
Então como um mestre resiliente,
Se transforma em paciente,
Deixa sobre si,
Cair sem piedade,
A água fervilhante.
E ao invés de perecer,
Desaparecer na morte,
Você revela sua alma,
Que vaga como vapor.
Então seu sangue negro escorre,
Denso e odorizado,
Enchendo uma xícara antes vazia,
Para alimentar outra alma,
Aquele que se anestesia com seu cheiro,
E se reencontra com o sabor
Se reconciliando com o novo dia.

Caminhada

Rosana Silva

Nunca fui preta de alma branca
mas uma identidade negra
pra chamar de minha não existia
como assumir uma negritude
feminina personalíssima?
já que a branquitude não me pertencia
fiquei um tempo sem saber
Quem eu queria ser?
Eu mesma me moldei
e busquei representatividade
e as experiências culturais
ampliaram minha integridade negra
negra, negra, negra
me repeti
E eu briguei
e soltei os crespos
e me autodeclarei preta
e desafiei convenções
para não ser a negra comportada
que não pode chamar a atenção

Assumi ser filha da noite
inscrevi no meu corpo
as histórias de minha pele
e me comprometi
com as demandas antirracistas
e servi de modelo
para minhas alunas
E precisei ter atitude
diante da vida
e me conectei com a memória
ancestral
sou negra de luta
sou negra de sorriso farto
sou negra de voz ativa
e amplificada
que faz ecoar sua alma livre
de mulher poeta e diva.

CAPÍTULO 308

Menina / Oração

Daniela Maximiano Barbosa

Menina

Quando menina, sonhei em ser bailarina
Dançava em frente ao espelho, sem medo
Quando ainda menina, sonhava em ser desenhista
Riscava, criava, pintava, iludia à vida
Sempre quando menina, sonhava em ser poetisa
Brincava com as palavras, brincava com a língua
Agora já não sei se sou menina, quando me vejo mulher
Tudo o quanto sonhei, foi real, aí se foi, ai se é!
Quando ainda estou aqui a escrever

Oração

Mãe força e luz
Dor e clamor
Calada na dor
Começa a remissão
De todo pavor
Não temas
Sua filha está convosco

Mulher de Roraima

Juliana da Silva Morais

Sou lavrado em forma de mulher,
terra fértil, voz que germina.
Nos meus passos, o chão floresce,
nas minhas mãos, o tempo repousa.
Minhas veias são rios —
Branco, Tacutu, Uraricoera —
correm em mim com a força
de quem nunca se curva ao tempo.
Trago nos olhos o verde das matas,
nos lábios, o sol que nasce primeiro.
Minha pele carrega o cheiro da chuva,
e o coração pulsa no ritmo da terra.
Sou flor que resiste à seca e ao tempo,
sou raiz que abraça o chão vermelho.
Minha voz nasce das pedras antigas,
ecoando amor e resistência.
Roraima mora em mim como canto,
sou fronteira de sonho e beleza.
Em cada gesto, a força da vida,
em cada silêncio, a sabedoria da floresta.
O horizonte me veste de aurora,
meu riso nasce do voo das garças.
Sou raiz que resiste ao fogo e à seca,
sou a cruviana que acaricia as serras.
Sou o ventre fértil do Norte,
sou o rosto da terra e da vida,
sou mulher, sou Roraima —
bela, indomável e viva.

CAPÍTULO 310

Descomprimir

Mirella Conceição Paulino Rodrigues

Desaferro-me a pensamentos

Que me submetem à culpa, já perdoada, imperfeita e recidiva.

Não me tornam o que sou mas me dão chance de compreender a fragilidade e a força que

Contíguo me habitam.

CAPÍTULO 311

Quando eu morrer

Daiana Marilim Assunção Escobar

Quando eu morrer,
quantos remorsos caberão no meu caixão?
Quantos pedidos de perdão seguirão até o meu túmulo?
Quantas frases em oração repousarão em meu carro fúnebre?

Nunca saberei.

Não estarei presente para vê-los, nem para ouvi-los.

Talvez o vento leve o que restar de mim,
como um sussurro que acaricia a lembrança.

E o silêncio, em sua paz infinita,
será o abrigo onde enfim descansarei.

E se algo de mim permanecer no tempo,
que seja a doçura de um gesto esquecido,
um prisma de amor, simples e sincero,
refletindo leve, entre o adeus e a memória.

CAPÍTULO 312

Medo

Maria Izabella Saraiva de Lira Silva

Na janela nunca apareço,
Da vida sempre me esqueço,
No mundo nunca pelejo,
Porque é no medo em que me vejo.

O medo nos faz engenhosos,
Às vezes, muito medrosos.
Se você se sente desgostoso,
A luz nunca brilhará no seu olho.

A vida me faz sentir
Uma dor de partir,
Quando olho para ali,
Me vejo cair.

Dizem que a dor ensina a gemer,
Mas será possível acontecer?
Ser você sempre esteve calado,
Falar, agora, seria um desabafo.

CAPÍTULO 313

Ser mulher

Janaína de Brito Ramalho

ser mulher é saber o que quer,
é saber quem eu sou,
saber do meu próprio valor.
ser mulher é muito mais do que apenas “ser mulher”.

ser mulher é ter força
para enfrentar a sociedade,
que querendo ou não,
suga nossa capacidade.

quantas mulheres há pelo mundo,
pelas ruas e favelas,
à espera de uma oportunidade
de saberem quem são elas.

quantas mulheres há por trás,
de projetos e grandes feitos,
que esperam, em silêncio
o dia que consigam respeito.

ser mulher sou eu,

é você, somos nós.

pois me disseram há pouco tempo:

“relaxa filha, não estamos a sós” .

então eu digo

e repito se quiser:

o que seria desse mundo

se não fosse o ser mulher.

CAPÍTULO 314

Libertação do sagrado feminino (uma catadupa em terceiros)

Jaqueline Alves Monteiro

Planto

precedente pranto

parido de desencanto

dores

deveras horrores

dilaceraram nossas flores

fartas

famintas lagartas

fiaram ciclos, sartas

sentinelas

sobrestantes tutelas

sufocaram ancestralidade delas

despertar

destrancar, empoderar

divindade feminina, libertar

CAPÍTULO 315

Qualquer coisa

Jéssica Laryssa Mendes Freitas

É cansativo ser a pessoa “qualquer coisa”...

“Qualquer coisa a gente ajuda”, “qualquer coisa damos um jeito”

Nada é pensado para nós, a sociedade é pensada para a maioria

Nós que somos minoria, nos acostumamos a passar por coisas e pensar em detalhes que

grande parte das pessoas nunca pensariam

Entendemos desde cedo que se uma pessoa "normal" corre 1 vez pra conseguir algo, nós

corremos 2.

Porém, é fato quando um "corpo" que não é nem sequer cogitado para estar naquele local

se atreve a ocupá - lo, ele não sairá sem ser lesionado.

É cansativo ser a pessoa qualquer coisa...

Eu não mereço qualquer coisa, eu sou uma grande coisa.

CAPÍTULO 316

Quem sou eu?

Nara Helena Rodrigues Mateus

É incrível como essa pergunta sempre volta em determinado momento da nossa vida, e o mais incrível ainda é que eu acho que, dessa vez, eu sei respondê-la. Quem sou eu? Eu não sou nada, eu não sou uma galáxia imensa, não sou um planeta novo, um filme que todos esperam ver e entender, não sou a mais engraçada, não sou a que nunca errou e, acima de tudo, eu não sou o reflexo do espelho, porque, se eu apenas me conhecesse por ele, eu estaria errada. Por isso, me baseio por corpo e alma.

E por alma, quem eu sou? Eu sou tudo, eu sou uma floresta cheia de árvores grandes com raízes que chegam até o subterrâneo, eu sou o sol, e sou a lua, sou as folhas vivas e também sou as folhas secas, sou o mar com ondas fortes e fracas, e também sou aquele vento frio que vem quando a gente menos espera, mas ainda digo que também não sou nada, não sou uma estrela, porque você pode ver meu brilho sem eu precisar estar morta.

Quem me vê na rua vê o mesmo que eu vejo no reflexo do espelho, apenas uma garota. É, eu também sou apenas uma garota ingênua, extrovertida, que não tem medo de ser ela mesma, que se mostra confiante quando apresenta algo, porém, eu também sou a garota introvertida, tímida, que não interage, a sensível que chora quando algo não dá certo, e também sou aquela tremedeira infernal quando estou em uma apresentação, a falta de confiança.

Muitas pessoas vão se definir pelo que gostam, sua cor preferida, as músicas, o livro que gostam, ou até só falar o que está na identidade. Então tá, eu sou o tempo depois da chuva em tempos de seca, eu sou o azul escuro, sou a música

popular brasileira, sou o livro O Médico e o Monstro, que fala sobre as duas versões de alguém, eu sou Nara Helena, um pouco Nara e um pouco Helena. Eu poderia responder essa pergunta por horas, mas acho que, se for para responder, que seja para mim mesma. Eu não preciso ler e reler para pessoas que logo logo nem vão lembrar quem sou.

Eu sou Nara, do anglo-saxão sou Nearra e do hebraico sou Na'arah (Naqra). Em 2017, 2020 e 2021 eu posso não saber quem fui, mas, se fosse para responder quem estou sendo em 2024, eu diria que “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.”

CAPÍTULO 317

Limites

Nara Helena Rodrigues Mateus

Minha personalidade foi obstruída. Não posso, repito, não posso tentar algo diferente ou ser diferente, porque onde nasci não há caminhos diferentes, não há as oportunidades que eles possuem.

Então, procurar uma vida simples igual à de todos é o que resta: me deixar limitada, me esconder dentro de uma caixa e agir como se não houvesse nada.

Os céus sabem como estou triste agora, mas por que estou triste? Estava procurando um emprego e achei um emprego. Pago minhas contas, tenho um lugar para dormir, não ando mais de skate, não toco mais violão e não tenho o ânimo que um dia tive por filmes de animação.

Talvez isso não esteja correto. Meu trabalho não é suficiente. Achei que fosse. Achei que, tendo um emprego, poderia pegar o dinheiro e ser feliz, mas, na verdade, ele apenas me deixou mais vazia, menos sorridente e menos otimista.

Os céus sabem como estou triste agora. Eu errei ao tentar seguir os padrões. Talvez eu devesse tentar voltar, e aí sim eu poderia sorrir e brincar, andar de skate e me ralar, tocar violão e me estressar. Mas, para fazer uma máquina do tempo, mais padrões deveriam ser seguidos, e eu não tenho tempo nem dinheiro para isso.

CAPÍTULO 318

Prisão perpétua

Geovana Scolaro

Você me diz “Te amo”

E eu respondo “Te odeio”

Você diz “Te amo”

E eu pergunto “Até quando?”

Você diz “Eu mudei”

E eu te aceito de volta

Você me abraça e eu fico bem,

Você me abraça e eu esqueço o mundo,

Até o próximo olho roxo

Que cintila e lateja

E reflete na alma que chora

Os gritos aprisionados,

O sofrimento de quem ama

E a angústia de quem contempla

O sangue que jorra junto com o desespero pelo que sobra de seu rosto desfigurado.

CAPÍTULO 319

"Professor é como Ponte"

Fabiana Francisca de Souza Costa

Professor é como ponte
entre o sonho e a realização,
entre o medo e a superação,
entre a exclusão e a inclusão,
entre a dor e o amor.
É ponte que suporta o peso das jornadas,
que conecta margens antes isoladas.
Com paciência e ternura constrói travessias,
faz do aprender um ato de poesia.
Professor é ponte firme, mas feita de alma,
erguida com coragem, esperança e calma.
Permite que cada um encontre seu lugar,
que descubra no outro o poder de amar.
Sua obra será sempre lembrada,
não em pedra fria, mas em cada caminhada
seja guiando passos incertos,
ensinando a andar,
ou carregando nos braços,
adaptando o compasso ao tempo de cada um.
Que seja reconhecido, mestre brilhante,
que ilumina o caminho a cada instante.
Professor é ponte eterna ligação,
entre o saber e a beleza da criação.

CAPÍTULO 320

"Ser Professor é Ser Luz"

Fabiana Francisca de Souza Costa

Ser professor é ser mestre que ensina e aprende,
é acreditar na educação que transforma e surpreende.
É ver na criança um mundo inteiro a florescer,
é semear esperança, é jamais deixar de crer.
Ser professor é ser de luz, caminho e ternura,
é cultivar virtudes, é abraçar a doçura.
É ser empatia em gesto e palavra,
é ser ponte que acolhe, é mão que lava.
É criar, reinventar, fazer do simples o belo,
é colorir o saber, acender o castelo
onde mora o sonho, o riso, a emoção
porque ensinar é também doação.
Sobre todas as coisas, ser professor é amar:
amar cada um, amar o coletivo, amar o educar.
É amor que acolhe, que inclui e inspira,
que aquece o olhar e o coração vira poesia viva.
Ser professor é viver em constante construção,
é aprender com o outro, é mover-se em paixão.
É ser farol na travessia da infância e da vida,
ser amor que ensina e luz que não se apaga, mesmo na partida.

CAPÍTULO 321

Docência: entre movimentos de vida-formação

Ana Kerolaine Pinho Burlamaqui

Docência é verbo encarnado,
corpo que acolhe o inédito,
palavra que floresce entre encontros.
É arte de desapropriar-se,
e permitir que os atravessamentos nos reescrevam.
É atenção que brota nas frestas do cotidiano.
Não se ergue no alto das certezas,
mas germina no solo fértil da escuta.

Ensinar é traçar caminhos,
entre gestos, olhares e memórias.
É possibilitar metamorfoses,
e potencializar os múltiplos modos de existir.
A sala de aula é território pulsante,
onde a vida se reinventa:
o saber corre como rio,
desvia dos rochedos da norma,
estabelece linhas de fuga,
nutre a potência do coletivo.

Educar é lançar sementes,

é esperar o amanhã,

mesmo em tempos áridos.

Fluxo desejante,

de reflorestamento dos sentidos,

como gesto de afeto e encantamento.

Um chamado a compreender-se

como parte da teia da vida.

Compromisso ético, político e pedagógico,

um ato de resistência,

sensível aos movimentos de vida-formação.

CAPÍTULO 322

Desprazer

Ana Flávia Gomes da Luz

Vivo o enorme desprazer de ser eu mesma. Adaptar-me a um molde é mais fácil do que remar contra a maré.

A verdade? Raramente é dita, e quase nunca é suportada.

A semente que está entre espinhos não dará frutos. Pode até tentar... — brotará uma flor — mas ela apodrecerá, murchará até morrer.

A vida é feita para ser sentida: da dor de um sorriso contínuo ao último suspiro na morte.

Dentro de rotinas estipuladas, de focos agressivos, acha mesmo que há felicidade em ser tão duro consigo?

O futuro é irreal. Você não decide se vai existir. Está feliz com seu dia a dia? Com essa vida monótona, com os sentimentos reprimidos? (isso se ainda os tiver).

É isso o que os “maiores” querem: te condicionar. Você está em uma caixa minúscula, alimentando ilusões de um futuro esplêndido que não vai acontecer, e quando tentar sair da caixa, sua vida será ceifada.

Afinal, a maior arma nunca foi o poder, eles temem a inteligência que você pode desenvolver. Então criam métodos, “avanços tecnológicos”, para que sua mente não pense.

Porque o pensamento crítico é a única coisa que ainda os faz tremer.

— Mesmo ferida, ainda penso. E é isso que me torna perigosa.

CAPÍTULO 323

Onde Estou

Adriana de Lima Soares

Onde eu estava,
foi o que me perguntaram.
Acharam que eu ainda estava perto.
Sou controversa e respondo:
ainda estou aí,
mesmo não estando mais.
Sou diferente agora,
e meu caminho também.
A vida me deu horizontes
que reverberam em minha direção.

Até amadureci,
confesso que eu não esperava,
e aconteceu.
Não sou a moldura de antes,
estática na parede da vida.
Sou uma mulher,
me soltei e segui,
mesmo com dores!
Estou aqui agora,
só não estou mais aí.
Deve ser insólito
não me verem,
não ser mais eu,
mesmo sendo eu ainda.
Sou o que tinha que ser apenas.
Sem conjecturas.
E não pedirei desculpas!

CAPÍTULO 324

O Amor é o único caminho

Elisângela de Lima Sá da Cruz Brito

Se eu amo,
eu consigo amar meu próximo.

Se eu amo,
eu consigo superar a tristeza.

Se eu amo,
eu consigo não me sentir só,
abandonada ou desprezada.

Se eu amo,
eu consigo ser feliz.

Se eu amo,
eu consigo não me sentir ansiosa.

Se eu amo,
eu consigo não sentir depressão
ou uma tristeza profunda.

Se eu amo,
eu consigo sentir compaixão.

Quem sabe
se o amor tem a cura
dos nossos temores e dores?

Se o amor irá resolver,
eu não sei.

Só sei
que o amor
é o único caminho.

CAPÍTULO 325

Felicidade Engarrafada e Dois palmos

Allyne Victória Bentes Ferreira

Felicidade Engarrafada

Me sirva, por favor, um pouco dessa felicidade alienada,
Quero saborear o amargo
Dessa falsa sensação.
E a cada dose consumida
Retorno um pouco a vida
Ah, como é tão doce!
O sabor da ilusão.
Nem lembro mais o motivo
Dessa necessidade apressada
Mas quem liga pra lembrança? Ou para aqueles que me esperam?
Se já estão a uma certa distância
Afastados pelo álcool
Que já não é mais tão amargo.
Por favor senhor, me deixe levar pra casa
Um pouco dessa felicidade engarrafada
Quem saiba assim me sinto grata
Por toda essa palhaçada
Como posso entender
A dor que imponho aos outros
Se minha amada embriaguez
Costura rótulos no meu bom senso
E dessa forma segue sendo
O meu conforto para essa vida
E quem pode me julgar?
Olho para os lados e estão todos querendo escapar

Dois palmos

A tristeza gosta de mim
Ela me abraça todos os dias
E nunca se despede.
Dois palmos,
É o alívio que ela me oferece
Quando solto o ar
Que nem sabia que inspirava.
Quarenta e quatro centímetros,
Ela é uma vigilante noturna,
Uma coruja arisca,
Sabe tudo e me ensina.
Com seus dedos longos,
Ela segura meus braços
E guia o fluxo constante de pensamentos,
Enfileirados,
Opacos,
Triturados.
Eu só enxergo o cinza das suas mãos sob meus olhos
E sinto as lágrimas escorrendo,
Mas não existem quando as toco.
Meu pulmão pulsa por qualquer alívio,
E a garganta que se fecha
Bloqueia o grito.
E, no impulso temporário,
Me viro contra ela.
Tomo as rédeas,
Me afasto de seus braços,
Finjo não enxergá-la,
Finjo não vê-la,

CAPÍTULO 326

Vida

Ana Karine Marques da Silva

Um talvez que não estamos preparados para vivenciar, uma experiência bonita de experimentar. Uma conexão entre vida e morte, e nela vivo no anseio forte de tentar recomeçar. A incerteza mais incrível de se admirar, que nela eu posso me entender e assim compreender que o que tiver que ser, será. Sem pressa, sem roteiro, naquele cotidiano do ano inteiro que um dia irá acabar.

Síndrome do membro fantasma

Samira Alexandre Fernandes

Eu descobri uma tal de patologia chamada síndrome do membro fantasma e todos os sintomas me enquadram nela.

Dizem que é causada pela falta de algo que você tinha mas não tem mais, a sensação de que aquilo ainda está ali, mas não está.

Os sintomas começaram quando você decidiu partir, deixando o meu sentir.

Eu preferia que levasse consigo tudo, mas a única coisa que você levou foi você e tudo que fazia parte de você ficou comigo.

E dói.

Como um membro que não existe mais, mas re(existe) em mim.

Há doenças que nenhum médico é capaz de curar.

CAPÍTULO 328

Vida que ginga, que escreve, que acontece...

Carina Zacarias Barros

Sou feita do que alcanço da vida Sou feita do que a vida me alcança Sou o que deixo morar em mim Sou lembrança, saudade, memória Sou a vida que acontece.

E onde a vida acontece? A vida acontece no abraço, No sorriso de lado, resabiado, No chiste que não cabe em palavras... No cheiro que toma casa sem avisar...

A vida segue e persiste No som dos carros, nos passos apressados Na mãe que pede no farol No velho que atravessa a rua com a sua cadeira de roda... No peso fardado que nos ronda

A vida é palavra, é melodia é a sisma em lembrar é a voz inventada é a falta que se insurge é a vida que se refaz

Me faço um sonho imaginado, da reza, da pisada Sou fio que cresce Sou pequena, grande, gigante

Sou porque sou Sou porque sei que sou Sou por quem um dia foi Sou para ser quem eu sou

Ser é existir na presença no que é parte de nós Sou e existo para anunciar a minha ancestralidade Sou a cor e os cabelos de minha mãe Sou as mãos do meu pai Sou o sorriso inventado do meu avô Sou a vida que teima, que joga, que ginga e que vive.

CAPÍTULO 329

Menino Homem da Pele Preta

Rafaela Hoelzel Wickert

É verão.

Arrasto-me pelo chão, rolo arranhando a pele na poeira que descansa sobre o paralelepipedo quente;

Amanhece.

Contorço meu corpo

de mal a pior, meus músculos esticando em uma ardência prazerosa.

Levanto rápido, é súbito.

Fica tudo preto, fico tontinha por levantar rápido.

É desconcertante.

Sou atraída por um guri de pele preta.

Longe

Três mil e quarenta e quatro quadradinhos de pedra longe

Longe

É automático o movimento

É absurdo como meu corpo vibra e arde por ele.

Feito o calor que explode dentro da terra.

Aquele líquido lava consome o ar

Impregna um calor pulsante que derrete

Sem impedir a terra de girar

Por isso posso eu

Menina terra

de signo de elemento terra

Ser puxada por ele o sol

E correr em sua direção

Entregando a ele meu prazer

Minha força de ser fraca

Vontade de ir além

Até o topo da árvore mais alta que cresce a cada dia

Só pra me jogar de lá

Livre ao lado dele

Meu menino homem de pele preta.

Flores Que Resistem

Isabella Patrícia Oliveira Antônio

O lugar das flores é no campo, na natureza,
acariciando umas às outras, num esplendor de beleza
com suas congêneres, insurgindo ao mesmo tempo
prontas sempre, para dançarem com o vento.

Muitas são cultivadas em vasos e canteiros
são cuidadas e regadas, amadas por inteiro,
Por quem almeja o belo com sentimento de posse,
são as mais sensíveis, pela doçura que comove.

Algumas, contudo, surgem sozinhas
às vezes tratadas como ervas daninhas
em ambientes totalmente inesperados,
ainda são flores. só que no lugar errado.

Nascem em frestas, resistem à hostilidade
quebram asfalto e concreto, contra todas as possibilidades.

Enfrentam diariamente o risco de serem esmagadas
ou, a qualquer momento, de serem arrancadas.

Essas flores, raramente são contempladas,
suas existências, sempre questionadas
suas aparências, geralmente banais
no mundo das flores, consideradas marginais.

E ainda que se sinta feia, deslocada, solitária
Ainda que a todos, ela pareça ordinária...
Sua potência de vida e sua essência é de flor
E a força que carrega a faz superar qualquer dor.
Pois mesmo no canto em que ninguém a semeou,
a flor que resiste é a que mais se doou.
E não é o lugar que faz a flor ser bela,
mas a adaptação e resistência que carrega nela.

CAPÍTULO 331

Chorar, o orvalho da vida

Isabella Patrícia Oliveira Antônio

Duas coisas hei de aprender:

A chorar e a nadar.

Se o choro correr livre,

Alagar, e submergir-me,

Ao menos, tentarei não

morrer afogada.

Talvez não seja enchente,

nem maré alta.

Talvez seja orvalho,

como do monte Hermon,

que forma um rio

e atravessa o deserto,

escorre até os confins,

para um mar de sal.

Onde já estão condensadas todas

as lágrimas não derramadas.

Porque elas existiram,

mas foram retidas, represadas.

Foram registradas em um livro,

guardadas em um odre.

É preciso viver nos montes e nos vales,
lágrimas que nasceram como orvalho.
E neste mar de sal, formado no mais profundo vale,
não se afunda, flutua. Então, se acalme.
E se for preciso, o choro,
Deus enxuga. Deus segura,
com mãos em concha,
de quem viveu a humanidade das lágrimas
e registrou em duas palavras, a sua dor.
João 11:35, *Jesus - também - chorou.*

CAPÍTULO 332

Paradoxal

Amanda Benevides Gasparetto

Já faz um tempo
eu tinha medo do escuro
quando o mundo se escondia de mim
e medo do claro
quando eu me escondia do mundo

mas nesse impasse
de dia e noite
medo e movimento
a vida foi aumentando
e eu, crescendo.

CAPÍTULO 333

O que seria...

Gabriele Ferreira da Silva

O que seria os livros sem seus leitores, O que seria um jardim sem suas flores,
O que seria um quadro sem suas cores, O que seria a tristeza sem suas dores,
O que seria a noite sem sua escuridão, O que seria o dia sem seu clarão, O que
seria os casais se não tivesse o amor, O que seria da poesia se não houver um
escritor. E de repente surgiu está poesia, Como algo banal veio a se formar,
Parece meio patético como uma poeta pode pensar, Mais é interessante dizer
com convicção, todo poeta é patético mas pelo menos escreve com amor e
dedicação.

CAPÍTULO 334

Foi por amor que continuei

Maria Clara Araújo Da Macena

Eu não escolhi a educação infantil por amor.

Não foi um sonho de infância, nem um chamado místico.

Foi uma escolha como tantas outras da vida — feita com o que eu sabia, com o que eu tinha.

Mas foi no dia a dia,

No olhar das crianças,

Na confiança silenciosa das famílias,

Que o amor chegou.

Chegou devagar, como criança pequena que se aconchega no colo.

E foi ficando.

Hoje, sou encantadora de crianças.

Vivo a rotina que poucos enxergam em sua profundidade:

O choro de separação na entrada,

As descobertas nas brincadeiras,

As palavras novas,

Os primeiros passos de autonomia.

Vivo também os bilhetes, as dúvidas,

Os olhares dos familiares que me entregam seus filhos todos os dias — com um voto silencioso de confiança.

O que me impulsiona é saber que faço a diferença.
Que cada gesto, cada escuta, cada cuidado conta.
Que meu trabalho ecoa para além da sala, alcança lares, toca histórias.

Faço o meu melhor todos os dias.
Nem sempre é fácil.
Às vezes é exaustivo, desafiador, invisível.
Mas é também profundamente humano.

E no meio de tudo isso, sigo.
Não por obrigação.
Sigo por amor.
Porque foi por amor que eu continuei.

CAPÍTULO 335

Me sinto pássaro

Jaine Alanda Galvão Soares

Canto aos ventos o desalento,
embrulhada na jaula adornada
na qual me coloquei.

Sei até onde posso ir...
Sei de tudo!

Mas continuo a cantar
os problemas para o mundo.

Me sinto pássaro,
e como pássaro
não posso reclamar.

Estou segura longe dessa muralha?
Mas fiz dela casa -
e não quero mais sair.

A rua é cheia de perigos
des-co-nhe-ci-dos;
Meu ninho cheio de perigos
ma-pe-a-dos.

Sei até onde posso ir...
Sei de tudo!

Mas continuo a cantar
os problemas para o mundo.

Me sinto pássaro,
e como pássaro
não posso reclamar

Não sei a extensão das minhas asas,
pois ainda não aprendi a voar.

CAPÍTULO 336

A Poesia em Nós

Débora Silva Santos

Oh! Poesia, sem ti, não me conheço
Teu encanto flui, silencioso e eterno
Teus versos habitam o mundo
Atravessam o tempo
De geração em geração.

És o símbolo que acalenta corações
Teus poetas te tecem como fio de ouro
Tão plausíveis são os vislumbres
Da excelência da tua existência.
O silêncio da noite te agrada
E nas asas da liberdade
Tu vens carregando a vida com sensibilidade.

Ao encontrar-te na janela da leitura
Descubro-te em cada linha
Permitiste, ao meu acordar
A autonomia dos versos livres
Decifra, Oh! Poesia
Os mistérios intocados de cada ser
Do meu ser.

A vida expressa em uma só palavra
É a poesia que um dia lhes sorriu
A poesia que somos
A poesia que seremos
A poesia, sempre!

Fragmento do todo

Rose Gleyce Santos Costa Dantas

Vesti a roupa. Usei o vestido branco da permissão. Então, permiti-me!

Olho para a Via-Láctea, sem piscar os olhos! É só não piscar, para tornar possível enxergá-la, como de fato é: em seus tons alaranjados nas extremidades, mesclados com azul e sua longa cauda branca.

Na verdade, um olhar livre de julgamentos. Porque, afinal, tudo está e sempre esteve, à nossa disposição. Sempre disponível à contemplação. Apenas precisamos desnudar o véu da ignorância espiritual e abriremos os olhos da completude, da plenitude. Por que o que somos, senão, um fragmento de tudo o que há?

Sim, deveras sejamos mesmo sementes estelares, algo que se desprende do todo, e que, ao mesmo tempo, ajustam-se, perfeitamente e se unem à fonte criadora.

Nesta perfeita alquimia, somos convidados a enxergar através das lentes, que em algum momento, sequestraram a nossa identidade, e buscarmos a percepção da nossa essência, como seres divinos, que realmente somos.

Há algo de divindade em existir. Em ser único, em meio à infinidade de galáxias. Ao experimentar os sabores, as dores, gemidos e alegrias.

Há algo de divino em acordar, e, de maneira despretensiosa, ou pretenciosa, acreditar que poderemos controlar o tempo e usarmos ao nosso querer, aos nossos objetivos.

A teoria do espaço- tempo de Albert Einstein enfatiza que "o passado, presente e futuro são apenas uma persistente ilusão" e que o tempo é relativo, influenciado pela velocidade. E que o tempo e o espaço são modos pelos quais pensamos", sugere que a nossa percepção do tempo pode ser subjetiva.

Deveras, depende da percepção, do ponto de vista do observador. E não seria errôneo afirmar que, cada universo particular é regido pelas percepções individuais, que, inevitavelmente, definem padrões, regem e orquestram os modos de viver, suas crenças e moldam princípios.

Para além da percepção, o ser divino já sabe e reconhece de onde veio. No entanto, encontra-se preso e perdido, em meio ao caos existencial.

Embebecido nas frívolas buscas cotidianas, mal apercebe-se da ordem do logos, insurgente, contra a efemeridade, de que aqui é tão somente um aprendizado, um processo. Um rito de passagem para volver, enfim, ao habitat natural.

Desalento

Adriana Silva Marques

Que desesperança é essa
que consome meus dias?
Sigo imersa no cotidiano
Submersão que:
aflige
sufoca
Cadê a leveza da vida?
Se foi
Talvez volte
O vento frio corta meu rosto
A calmaria do mar me envolve
Meus pensamentos vagam pelo nada
O mar é solidão
Eu sou o mar
Ora calma, ora tempestade
Penso nos emaranhados vividos
Não estou alegre, nem triste
Sinto- me em construção
O que precisa ser demolido?
O que será reconstruído?
As escolhas

CAPÍTULO 339

Manhã de domingo

Sangela Lígia Camilo da Silva

O mundo para
para ouvir o som dos pássaros.
Mas nada se compara
ao som da saudade.

O vazio das ruas
dá eco aos sentimentos,
nos despindo
de nós mesmos.

Revelando uma ausência
tão presente
em cada lugar afetivo,
que carrega tudo de você,
de mim,
de nós.

Seu abraço,
colo,
abrigo...
faz falta.

O tempo voa;
e a saudade? Ecoa.

Lembro do teu perfume,

dos teus gostos.

E não pretendo esquecer,

porque só me faz bem

lembrar de você.

A saudade só vai aumentando,

mas sigo levando comigo

tudo aquilo que aprendi contigo,

pra não perder a essência

que herdei de você.

O vazio do almoço de domingo

provoca em mim

um labirinto de emoções

que sou incapaz de descrever.

Mas guardo no peito

cada lembrança do que vivi com você,

coisas que jamais irei esquecer.

Uma nascente

Rose Gleyce Santos Costa Dantas

Momentos síncronos

Por que não respirar?

Respira!

Para que a pressa?

Encontre o caminho!

Volte ao eixo!

Entrega!

Entrega-te!

Então, uma nascente!

Nasce em mim uma resposta, que tanto
buscava, contudo, sempre estivera ali,
tépida, à espera por ser desbravada.

A singela, e mais pura, e fiel, e feliz
constatação de que tudo começa e termina
em mim.

Eis que avisto uma nascente.

Vem surgindo em meio aos devaneios
matinais.

E eis que me atrevo a dizer que talvez sejam
os devaneios mais lúcidos, até então, pois
são aqueles que sinalizam o caminho mais
ajustado.

A rota, nunca dantes transitada.

E suas águas vêm, timidamente,

No entanto, firmes.

Vêm lavando a obscuridade do medo, da
incompreensão, e da covardia de viver em

plenitude.

Comportam-se como um portal, que
reconecta os elos quebrados, partidos, numa
valsa inebriante.

E agora?

O que resta?

Entregar-se?

Transcender?

Ou, simplesmente, deixar-se ser?

Momentos síncronos

Por que não respirar?

Então, respira!

Para que a pressa?

Encontre o caminho!

Volta ao eixo!

Entrega!

Entrega-te!

Então, uma nascente!

A singela e mais pura, e fiel, e feliz
constatação de que tudo começa e termina
em mim.

CAPÍTULO 341

O começo

Marianna Carla Costa Tavares

Tanto quis me tornar professora que consegui
Coloquei um sorriso no rosto
Fiz pose de confiante e foi só ir
Confiança que nunca tive, mas assumi o posto

Eu consigo, é meu sonho
Por que não conseguiria?
Deu certo e tornou meu dia menos enfadonho.
Me tornei o que queria

Sou professora, sou alguém, acredita?
Eu não acreditava. Mas fui.
E como encontrei
felicidade nesse caminho.

O primeiro ano foi feliz, com descoberta e risos,
O segundo foi difícil, tão jovem, nem tudo são apenas sorrisos.
O terceiro veio como um furacão,
Mas às vezes você não tem escolha, ensinar é ação.

Você não é mais a criança, é a professora,
Você só tem que ir, tem que viver, tem que ensinar...
Vieram mais uns anos depois disso, me tornei mais forte
Mais professora, mais eu

Me perdi e me encontrei

Como Cartola, precisei ir
Precisei andar, sorrir e não chorar.
(mas está liberado chorar às vezes)

Tormenta

Marcela Caroline Albuquerque Horta

Aquelas águas que desaguam no mar,
são salgadas: das lágrimas e do suor
daquelas que choram e batalham
daquelas que amam e que lutam, que sofrem e vivem.
As águas que escorrem pelos seus cabelos
e banham seus corpos, seu seio,
são as mesmas águas que lhe afogam
da lágrima salgada que escorre pela sua face.
O movimento das águas ondulares
é também o movimento útero que embala
que nina, que protege e que santifica a vida.
Essa mesma água, que é lágrima de alegria,
para outrora é lágrima de fim de vida,
porque somente ELA que viveu a impossibilidade
sabe o peso da água vermelha que lhe escorre entre as pernas
e afoga seu peito.
Essa mesma água da tormenta
que um dia passa, já não é a mesma,
nem ELA, nem a água.
Pois foi pela dor, pela lágrima, pela água rubra
que venceste a tempestade,
ainda que as ranhuras lhe permaneçam na alma,
ainda que tudo seja esse mar da vida,
ELA levanta, enxuga e vive.
Ressurge, nasce, das águas da vida
Transformada, marcada, fragilizada... Ops... Levanta, vive, sente
Na certeza de que vive forte, pois é água marinha
que vinca a areias da praia
e que marca cada uma das vidas
por ELA banhada.

Cuidado com a Pista

Simone Soares

No alto da consciência é necessário estar,
E no controle dos atos, sempre se deve pensar.
Cuidado com o próximo, cuidado com a vida
Dirigir é mais que rotina, é missão assumida.
A profissão exige, mas cabe a ti refletir
Sobre a mobilidade e o direito de ir e vir.
Ao parar na pista, acione o pisca, observe o sinal:
É permitido? Está seguro? Tudo deve estar normal.
O passageiro só deve descer com atenção,
Jamais na via de rolamento, preze pela proteção.
Descer com segurança é fundamental
A vida vale mais que qualquer bem material.
A multa até se paga, o prejuízo se repara,
Mas a vida... ah, essa não volta, não há quem a ampara.
Cuidado! Somos todos passageiros por aqui,
Então não pare na pista sem antes refletir.
E mais: não aceite corrida se o cinto não for usado,
A segurança vem primeiro, é o básico, é sagrado.
Empatia é teu ganha-pão, lembre-se da direção:
Teu carro é teu ofício, zela por tua missão.
Mantenha o automóvel em ordem, em plena harmonia,
É teu escritório, tua rota, tua guia no dia a dia.
Hei, entendeu o recado?
Então, não fica parado...
Na pista... ou na vida...
Segue firme, consciente... com coragem e alma erguida!

In memoriam e Birdy

Monica Stefany dos Santos Sousa

In memoriam

É inútil cerca o deserto de coração vazio
com um caloroso abraço
É como tentar invadir uma cidade situada em uma montanha
Às vezes tem certas atitudes que são más mesmo quando tenta ser boa
Pois, ela é capaz de corroer
o caráter do mais benevolente ser humano
Ela é a ferrugem da existência
Todo seu fim é dela para si mesmo
Porventura, a algo nela que não é banal é cheio de mesquinhez?
Provavelmente, não.
Mas, mesmo a existência ordinária do grafite
É capaz de transformar
algo em diamante
Pois, algumas coisas belas
Só cresce em temperatura e pressão infernal
Por mais que alguém seja o próprio boldo da amargura
Mesmo com isso ainda é um remédio necessário.
Pode uma árvore estéril produzir fruto?
Sim, pode ela produzir cópias perfeitas amputadas semelhante a sua
esterilidade?
Não, pois sua esterilidade não é genética é de alma
Existe pessoas que viveu e nunca conheceu o amor
Porque, sua existência não permite ela ao desgoverno do amor
In memoriam do seu deserto

In memoriam da ferrugem
In memoriam da sua amargura
In memoriam da esterilidade
da sua alma
Quero que in memoriam, dizer que renasci.

Birdy

Eu sou um passarinho
Preso na sua gaiola, amor.
Vivendo o seu sonho.
Porque eu não existo;

Eu sou uma fantasia de você;
Você me criou, para viver em função de você;

Me dê suas migalhas
Ame o meu canto
Mesmo ele sendo triste

Porque eu sou uma fantasia de você,
Você me criou para você.

Livre? Sei que jamais serei
Porque eu sou uma fantasia de você.
Você me inventou para te amar
Não te odeio, mas estou oprimida.
E não pense que sempre serei reprimida.

CAPÍTULO 345

Sonho de Lápis e Esperança

Maria Edna Neres Silva

Meu maior sonho era estudar,
Na infância comecei a lamentar,
Morava na mata, floresta ao redor,
E o som dos passarinhos era, meu professor.
Chorava baixinho, pedindo ao pai:
“Me leva para aula, por favor, vai? ”
Mas ele dizia com voz de tristeza,
“Estudar é difícil, filha, é dureza. ”

Sonhava fazer uma cartinha singela,
Mostrar ao mundo a força daquela vela,
Que mesmo pequena, queria acender,
Com o poder do lápis, o mundo entender.

Um dia meu pai chegou com alegria,
“Vai estudar, menina, é chegado o teu dia! ”
Mas triste foi saber que para isso acontecer,
Teria que da minha mãe me desprender.

Fui morar com gente que nunca vi,

Seis meses depois, estava eu cuidando dos meus irmãos,
Enquanto mamãe e papai suavam as mãos,
Colhendo arroz na roça, ao sol ardente, eu sobrevivi

Que conflito para um coração com TDAH,
No final do ano, da professora, uma surpresa recebi,
Me chamou vem cá para uma lição tentar,
Nesta hora impactada Antero e Ondina eu li.

Passei! E o coração quase voou,
A menina da mata enfim estudou,
De lágrimas fiz caneta, de sonho, papel,
E escrevi minha história no azul do céu.

CAPÍTULO 346

Palavra

Mirian Mascarello

A palavra tem um poder desconhecido
Está sempre aqui, dentro de nós
Às vezes quieta, adormecida talvez
Quando causa alvoroço no pensamento
Se liberta através das mãos do escritor
Voa palavra, voa
Você foi feita para voar
Depois que ela sai, transforma-se em pássaro
Que alça voos, pertinho e longe também
Mas antes, ela voa por dentro, na alma da gente
Pássaro-palavra
Palavra-pássaro
Passaredo no peito
Voo infinito no coração de quem lê

CAPÍTULO 347

Conselhos de mãe

Leticia Santana De Abreu

Não tenham pressa... O tempo se encarrega... Andem devagar, façam as escolhas certas e se permitam mudar... Mudar escolhas, mudar caminhos. A vida é uma estrada viva e a paisagem será a mesma-diferente a cada olhar e todos os dias... o que fará a diferença será quem vai estar ao teu lado para te dar a mão. Diga bom dia e boa noite a quem você ama. Diga bom dia e boa noite, independentemente de conhecer a pessoa. Sorria e chore na mesma intensidade. Sorrisos escondendo lágrimas só vão inundar ainda mais suas almas (e seus corações). Sejam livres, honestos, sinceros, generosos. Perdoem e errem: vocês também serão perdoados. Não tenham medo da chuva... Ela passa e o sol sempre volta a brilhar. Coragem. Se puderem, mergulhem no mar. Mergulhem na vida!

Passados

Luiza Beatriz da Silva Moraes

Confusão temporal

Entre passados

Passado mais passado

Passado mais presente

Abstratos

Abismo emocional

Afogados

Entre presente e passado

Influências latentes

Perspectivas divergentes

Abstrato

Acanhado

Aversão total?

Apego sentimental?

Passado passado:

Propõe

Passado presente:

Expõe

Confusão temporal

Entre passados

Sem seguimento norteador

Contraposição de papéis

Personalidades

Teatro

Não há um ultimato

Sobre o que foi

Ou não, será?

O que há é confusão temporal

Sem saber o real

CAPÍTULO 349

Da janela do meu quarto não o vejo

Geovana Soares Milléo

Da janela do meu quarto
vejo um muro amarelado,
não um amarelo vivo,
pelo contrário,
sua cor condiz muito com o que há do outro lado.

Da janela do meu quarto
meço a distância até esse muro,
a travessia da rua é curta,
até consigo chegar lá,
mas o depois não sei se se mede.

Depois do muro
o tempo e a finitude dançam
ao som de um silêncio sepulcral,
que tem como toque de fundo gritos e prantos
dos que ficaram.

Depois do muro
não o vejo,
apenas onde repousa,
marcado por duas datas
que encerram cinquenta anos.

Para além das datas, há também um nome,
ou talvez já não tenha mais.

Ainda assim,
seja pela janela do meu quarto
ou de outro lugar,
sinto-o ...

Professora Nortista

Maria Solange de Lima Almeida

Sou filha do Norte,
de um casal de agricultores.
Mesmo sem saber ler e escrever,
mostraram-me o mapa dos sonhadores.

Disseram-me um dia,
que a escola é como uma bússola:
não dá destino pronto,
mas ensina a direção.

Ao sentar no banco escolar,
ali nascia outro rumo a trilhar.
Nas lições do ba, bé, bi, bo, bu,
descobri o passaporte: co-nhe-ci-men-to.

Desde menina, admiro o ofício de semear saber.
E, ainda adolescente, ensinei catequese com prazer,
reafirmando o percurso que o coração já sabia:
ser professora.

Venho de onde tudo começa: do sonho.
Fui aluna da zona rural, em Capitão Poço, Pará.
Pedagoga pela Universidade Federal do Amapá,
na Universidade Estadual de Roraima, me tornei “roraimeira”,
Com o título de mestre, na família Almeida fui primeira.

Agora sigo com fé, estudo e amor,
na rota que meus pais me deram com valor.
Sou doutoranda no Programa RedECIM,
pela Universidade Federal de Roraima.
Sou do Norte, sou professora,
na formação docente, sou pesquisadora.

CAPÍTULO 351

A menina e a planta

Joanice de Jesus Silva

Vovó ensinou a neta, plantar e cuidar.
A menina treinada foi, á não esquecer,
de irrigar, colocar no sol,
e principalmente com a planta conversar.

E assim o tempo passou (...)
menina e planta cresceram;
a avó terminou suas primaveras,
não antes de plantar lindas quimeras.

No coração da menina saudades restou.
A plantinha também sentiu,
descontentamento mostrou,
murchou, murchou.

Menina desesperou-se, pois sabia o que era amar...

Comprou-lhe um vaso novo e terra.
Atenta borrifava - lhe água.
Trocou a planta de lugar.
Mas nada parecia a pequena aliviar.

Era a saudade...

saudade, que a plantinha também sentia.

E de saudade a casa enchia.

Até que...

Lembrou-se a menina,

com a amiga põe-se então a conversar,

horas tagarelava e junto a ela crochetava.

Uma foto de sua avó, próximo a saudosa deixou,

e assim a saudade de ambas acalentou.

Lindo ficou, como enfeites, na varanda

A Sempre-viva, sorria e suas cores a menina oferecia.

Sentada a menina lia, escrevia versos e crochetava.

Saudade, saudade boa, era o restava.

CAPÍTULO 352

Cozinha, caboco. Alguém irá comer

Júlia Mendes Feitosa (Júlia Maynã)

O feijão do meu pai tem um pouco mais de terra,
É um pouco mais grosso, o tempero e o gosto
Do alecrim que não é dourado e cai sempre no arroz.
Com mãos guiadas por fumaças de remédios do mato
E um azedo limão espremido.

Eu canto um pouco, que é pra afastar o perigo,
Rezo um pouco, e a gente dança na sala de estar
Que parece cozinha.
Abençoados sejam os lares para os quais retorno.

Sou protegida, e isso eu sinto,
Meu vô Luiz anda comigo,
No ouvido, ouço até o grito de quem fala baixinho: “Anda comigo, fia! Anda comigo!”
Tio Nego fumava no cachimbo, o fumo de corda,
E tudo tem hora.

Mas há um trabalho interrompido,
Uma conta que chega de longe.

Entre São Paulo e Palmeira dos Índios,

Meus pés correm

Pisando lá, pisando aqui.

Entre serras, Xucuru-Kariri

Lá, cada pé de pau tem dono, toda mão cheira a fumo, os animais são mensageiros, e tem muita palha de bananeira para fazer esteira para se deitar

Cá, ervas socadas no pilão. Haja banho de erva, haja arruda na orelha. Haja patuá no bolso pra manter esse sangue na veia.

Reza, minha filha.

Reza.

CAPÍTULO 353

Injusto, hoje

Roberta Francieli Moraes da Costa Ávila

Justo hoje que terminei a lista de afazeres antes das duas
Que ajudei a velha cega a atravessar a rua
Que paguei a conta do seu Valdi
Que só xinguei e nem bati
Justo agora que tudo ia se ajeitar
la pôr as crianças na cama e pôr o leite a esquentar
la esquecer as mágoas, me acertar com parentes e voltar a ser crente
Justo agora que nada me impede de ler o jornal
Plantar no quintal e pintar minha cerca
Pendurar uma rede, fazer limonada cheia de açúcar
Dobrar as roupas do varal, esconder o punhal antes do Zé aparecer
cambaleando na volta do
bar do Neri
Logo hoje que eu ia criar coragem, ajeitar uma bagagem e sair sem rumo na
estrada
Hoje eu queria outra chance, se eu soubesse que ia ser hoje tinha limpado a
geladeira e tirado
a comida guardada, pra quando as crianças voltassem não tivesse tudo
estragada
Denuncia hoje pra acordar amanhã, não faz como eu, deixei pra última hora
perdoei tantas
vezes e olha o que aconteceu, o Zé tirou minha vida e das três crianças.
Injusto,
Hoje.

CAPÍTULO 354

Para você lembrar

Maria Vitória Santos Barbosa

Para que a pressa?

Por que todo esse desespero?

A vida tá bem aqui, diante de nossos olhos, então por quê toda essa ansiedade?

Talvez porque você aprendeu que se não tiver pressa de viver, ela vai acabar e você

não vai ter feito nada do que você queria. Eu entendo, o mundo tá para acabar mesmo. Eu sei

que você tem medo, que você acha que tá atrasada, que ficou para trás ou que tá se

esforçando pouco, e eu sei que o dia não tem as mesmas 24 horas para todo mundo, mas se

você observar bem, vai ver que não precisa dessa pressa toda.

Olhe ao redor, a vida está nos pequenos detalhes, tá no sorriso de uma criança, no

desenho que você deixou de procurar nas nuvens, no passarinho procurando comida na

grama, no barulho das ondas do mar, do vento, do rio, no carinho de um cachorro na rua.

Tudo só para você lembrar que ela pode ser vivida com calma, aos poucos, que você pode

deitar para olhar o céu, que você pode degustar uma comida. Você pode andar mais devagar,

respirar mais devagar, e com calma ver que as coisas mais belas não têm pressa.

A flor não tem pressa para brotar, o vento não tem pressa para soprar, por mais que ele seja ligeiro e forte às vezes. O rio não tem pressa para desaguar no mar, ele vai seguindo o seu fluxo do jeito que tem que seguir, porque cada coisa tem o seu ritmo, até você.

Os mais velhos diziam “não ponha a carroça na frente dos bois” e isso fala sobre não ter pressa, seja para tomar uma decisão, para pôr um plano em prática, para receber uma dádiva ou para viver.

Eu sei que o mundo exige pressa, e ele insiste em dizer que você está atrasada, mas tenha paciência consigo mesma, você tá aprendendo a viver, é a primeira vez que você está vivendo a sua vida, e ela é só sua, e da mesma forma que cada coisa tem seu tempo para acontecer, você também tem.

Então, viva devagar, mas não fique estagnada, se você cansar, sente e descanse.

Lembre-se de não desistir, mas se quiser desistir, tá tudo bem. Se permita errar, se permita aprender e esteja aberta para isso, absorva o que for bom e o que não for deixa para lá, busque a felicidade nos pequenos detalhes da vida.

Então, só para você lembrar, você não está sozinha e você não precisa estar, assim como você não precisa saber de tudo, porque sua vida é uma só e é apenas sua, então ao invés de ficar com medo, vai com medo mesmo, e lembre-se de degustar, apreciar, escutar, observar e viver, de verdade.

CAPÍTULO 355

Do Lavrado ao Científico

Aldeciria Magalhães leite

Do chão quente de Roraima, a ciência há de florescer,
entre rios e lavrados, o docente se faz crescer.

Ensina com coragem, saber e dedicação,
transforma o ensino em investigação.

Entre teorias e práticas locais,
procura sentidos, saberes reais.

Do Rio Branco ao Monte Roraima altivo,
leva a ciência do cotidiano ao científico.

Do lavrado se faz sala, do Rio Branco uma lição,
o calor está presente em cada estação.

A chuva e o sol com o vento a soprar,
mostram que a ciência está no ar.

Entre o português, espanhol e inglês,
Roraima é mistura de povo com intrepidez.

O professor observa, investiga e traduz,
transforma o real em caminho de luz.

Fala da fauna, da flora, da tradição,
do solo amazônico que molda a nação.
Explica o ciclo da água e da vida,
mostra que ciência é pra ser vivida.

Pois em Roraima, o ensino é raiz,
é luta, é cultura, é o que o povo diz.
Com ciência e contexto, o saber germina,
e a aprendizagem se torna divina.

CAPÍTULO 356

Corrupto, Eu?

Shayla Chrystin

O que é a corrupção? É só o palácio, o poder? O dinheiro público que vira pó nas mãos de um rei qualquer.

Ou será que a rachadura começa em nosso próprio chão? Uma mancha que se espalha, uma semente em nossa mão.

Nascemos com este germe ou somos nós que o regamos num benefício que se cala, num troco a mais que guardamos?

Apontamos o dedo ao poder, julgando o grande ladrão. Mas o que o espelho revela sobre a nossa própria mão?

CAPÍTULO 357

Varal colorido

Laura Helena Liceti de Britto

Pequenina blusa, pequenina meia,
de molho no sabão
Contam a história de um dia
de muita diversão!
A mãe, a esfregar, as roupinhas,
se vê em um misto de emoção
Meu pequeno está crescendo
E desvendado esse mundão!
Enxagua as pecinhas,
limpinhas, cheirosas,
prontas a vestir o corpinho
Ah! Que tarefa prazerosa!
Depois de torcer
Põe a secar
no varal da sacada,
a mãe a pendurar!
Uma a uma, lado a lado,
as roupinhas tecem um lindo quadro
A tarefa concluída,
Um belo retrato!
Tem azul, amarelo,
vermelho e verde,
Um mix perfeito
Um amor fora do peito.

CAPÍTULO 358

Quase

Cleudilene Ferraz Lima (Violeta)

O teu quase

Não me causa nada

Tua incerteza

Foi a minha certeza

Pego minha malinha de mão

Ando em tua oposta direção

Com o coração na mão.

CAPÍTULO 359

Memória Boa

Jheyciane Almeida Rocha

Certa vez, ela o perguntou: Lembra daquele dia na lagoa?

Ele disse: Nossa, que memória boa...

Ela não tinha memória boa, ela esquecia tanta coisa.

Não sabia o nome de sua professora, apesar de já ter dito.

Não sabia o número de seu CPF, apesar de já ter escrito.

Ela esquecia tanta coisa.

Tanto que ao sair dos lugares tinha o cuidado de checar várias e várias vezes se não estava

esquecendo nada.

Preocupada.

Ela esquecia tanta coisa.

Mas os momentos com ele eram diferentes.

Eles a marcaram tanto que dificilmente ela os esquecia.

CAPÍTULO 360

Mãe, Professora

Olinda Tarciane Magalhães do Carmo

Depois de um dia longo,
Chegar no nosso lar,
Poder abraçá-lo, beijá-lo e saber que está tudo bem, este é o meu anseio.
Sair todos os dias com a missão de ensinar, acolher o filho de outra mãe,
é uma missão desafiadora que enfrentamos todos os dias!
Enquanto estamos nessa missão! Fico a indagar.
Será como está meu menino, será como ele está?
E assim passa o dia, e vivo a questionar!
Ser mãe, professora realmente é uma missão desafiadora que nos faz pensar!
Sacrificar nossa vida, para poder ensinar,
é uma missão que nos foi dada e será que podemos conciliar?
Ser mãe/ professora, dona de casa e do lar, esse é o
nosso legado e não podemos negar!

CAPÍTULO 361

Sobre Términos

Neivana Rolim de Lima

Sobre términos (poema de Neivana Lima) Ter-mi-n — AR Separação silábica incorreta? SIM. Mas cortar os laços com o radical faz parte do processo: Termin-AR, Termin-AMOS, Termin-ADO. Para que AR possa chegar, muitas vezes é preciso terminAR. Para voltar a caminhAR, para voltar a sonhAR, para fazer o olhinho brilhAR. Recupere seu ar, e saiba que resPIRAR não é pirAR, PiorAR, ParAR... Loucura é não se amAR — é esquecer que amAR também é deixar o outro respirAR.

CAPÍTULO 362

Só havia gostado

Rebeca Moreira Martins

Vivo romances de uma única pessoa sou o lado não correspondido, a segunda opção... Sempre foi assim, amava de paixão mas se tornava confusão. Um belo dia encontrei alguém, que pareceu perfeito sem nem um defeito, queria acreditar que aquela ilusão era realidade, que alguém me amava de verdade. Mas no final estava jogando um jogo, aonde eu era um simples peão, idiota por acreditar que você podia não podia errar. Ansiava para le ver e entender o que sentia por você, uma caixinha de surpresas, não sabia o que iria dizer... mas não esperava tal surpresa que você iria desaparecer. sequelas ficou e ele nem ligou, não sei se existia estes sentimentos em seu coração, não sabia se entendia tal emoção. Fui um simples passatempo, enquanto meu relógio estava a parar o seu continuou a badalar, demorou para ouvir o tic-tac, desde que começou a sumir tais sentimentos. Queria poder te esquecer ou até melhor conseguir anular os sentimentos que começaram a florescer. Sempre que o encontro quero perguntar se ouve algo de verdade ou se era só um momento de caridade. Mas tenho que entender que você já está em outra e eu livre, leve e solta. Talvez volte a me apaixonar mas sempre vou recordar de cada uma das palavras que me disse. Parabéns elas perderam o significado e tudo virou um só "havia gostado". Espero que nunca leia isso para que não veja que teve tanta relevância, meu coração ânsia para amar. Novamente e quem sabe quebrar o ciclo que não tem fim.

CAPÍTULO 363

És Professora

Maria Izaíra da Silva Gil

Na coragem da docência

Ela reescreve o mundo resignificando histórias

És mulher da ciência

És força que educa, cria e transforma

És mestra no processo de ensinar e aprender

Na pesquisa rigorosa vai além do ser

Construindo pontes, morada, alimento

És alegria, resistência, ato político, sentimento

E assim, com firmeza e doçura no olhar,

Segue acreditando que ensinar é amar

Com fios de esperança e afeto no caminhar

Segue a professora ensinando para libertar.

CAPÍTULO 364

O que escrevo nas entrelinhas

Águeda de Nazaré Monteiro Costa

O que há então nas entrelinhas, a percepção além do explícito? A coragem de nutrir no outro, sua melhor ideia de mundos. Não só nutrir, como continuar a regar, esperar desabrocha. Ver o mundo fazendo e refazendo suas linhas. No apreciar o outro, absorto no soam cantigas de quem contempla o belo, Está a curiosidade, a ânsia em ser. Com maestria, conduz a luz, que ser ver límpido também pela não luz. Por vezes obtuso, o caminho torna-se a mais extraordinária que podemos experimentar.

CAPÍTULO 365

Mulheres em “tempos modernos”

Nathália Rodrigues

Mudaram-se os tempos, mudaram-se os números,
planilhas, pesquisas, estatísticas mil.
Mas quando olhamos a vida de perto,
sabemos que ainda falta muito no Brasil.

Mulheres estudam, se formam, avançam,
são maioria nas academias e salas de formação.
São maioria também no eleitorado,
mas ainda lutam por valorização.

Trabalham em casa, trabalham na rua,
muitas com dois ou mais turnos por dia.
Carregam o mundo nos próprios ombros
e ainda transformam cansaço em ousadia.

Mas há uma luta que também nos divide:
a crítica que nasce entre nós.
Que em vez de guerra entre mulheres
a gente escolha ser uma só voz.

Há números também que ferem a alma,
números frios que o peito desfaz:
mulheres que sofrem violência, feminicídio,
mulheres que não voltam mais!

Há lugares onde os índices gritam,
onde o ranking revela um triste sinal,
como se a vida de tantas mulheres
ainda fosse tratada como banal.

E há também batalhas silenciosas
que quase ninguém vê acontecer:
as doenças do nosso tempo
com as quais tantas mulheres aprendem a conviver.

Algumas partem cedo demais,
deixando saudade, memória e amor.
Outras seguem aqui, com cicatrizes,
agradecendo à vida por mais um dia, seja como for.

Por isso, neste Dia das Mulheres,
não desejo um caminho sem dor.
Desejo força para cada uma,
coragem, cuidado e amor.

E se a força faltar em algum momento,
que você encontre alguém para estender a mão.
Que você se cure, que você continue,
que nunca caminhe na vida em vão.

Porque cada mulher que resiste,
que se levanta depois de cair,
mostra ao mundo, todos os dias,
o que é ter coragem de existir!



MÉRIDA
PUBLISHERS

www.meridapublishers.com

